



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

PRÁTICAS FUNERÁRIAS NA PRÉ-HISTÓRIA  
DO NORDESTE DO BRASIL

*DANIELA CISNEIROS SILVA*

RECIFE-PE  
2003



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

*PRÁTICAS FUNERÁRIAS NA PRÉ-HISTÓRIA  
DO NORDESTE DO BRASIL*



DANIELA CISNEIROS SILVA

RECIFE-PE  
2004

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

*PRÁTICAS FUNERÁRIAS NA PRÉ-HISTÓRIA  
DO NORDESTE DO BRASIL*

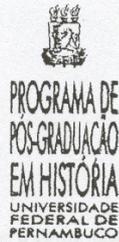
DANIELA CISNEIROS SILVA

ORIENTADORA: PROF<sup>ª</sup>. DR<sup>ª</sup>. ANNE-MARIE PESSIS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade federal de Pernambuco como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em História

Recife-PE

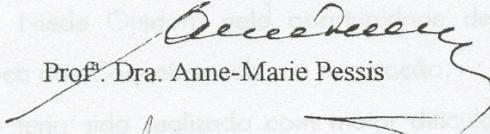
2004

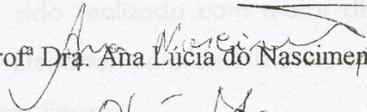


**ATA DA DEFESA DA DISSERTAÇÃO DA ALUNA DANIELA CISNEIROS SILVA**

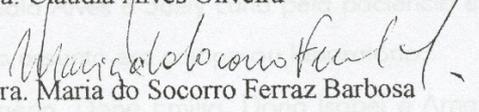
Às 9:00 do dia 27 (vinte e sete) de fevereiro de 2004 (dois mil e quatro), no Curso de Mestrado em História da Universidade Federal de Pernambuco, a Comissão Examinadora da Dissertação para obtenção do grau de Mestre apresentada pela aluna **Daniela Cisneiros Silva** intitulada “PRÁTICAS FUNERÁRIAS NA PRÉ-HISTÓRIA DO NORDESTE DO BRASIL”, em ato público, após arguição feita de acordo com o Regimento do referido Curso, decidiu conceder à mesma o conceito “**APROVADO COM DISTINÇÃO**” em resultado à atribuição dos conceitos dos professores: ANNE-MARIE PESSIS (ORIENTADORA), ANA LÚCIA DO NASCIMENTO OLIVEIRA E CLÁUDIA ALVES OLIVEIRA. Assinam também a presente ata, a Coordenadora, Prof<sup>a</sup>.Dr. Maria do Socorro Ferraz Barbosa para os devidos efeitos legais.

Recife, 27 de fevereiro de 2004

  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Anne-Marie Pessis

  
Prof<sup>a</sup> Dra. Ana Lucia do Nascimento Oliveira

  
Prof<sup>a</sup> Dra. Cláudia Alves Oliveira

  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria do Socorro Ferraz Barbosa

## AGRADECIMENTOS

A minha orientadora, Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Anne-Marie Pessis pelo incentivo à dedicação aos estudos e ao rigor da ciência. Suas críticas e sugestões, assim como seu entusiasmado apoio ao tema escolhido, foram essenciais para o desenvolvimento deste trabalho.

A Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup> Gabriela Martin, pela oportunidade de pesquisar no Núcleo de Estudos Arqueológicos sob sua orientação durante todos esses anos, a quem devo minha paixão pela Arqueologia.

A Prof<sup>ª</sup>. Alice Aguiar, por ter sido a grande responsável por minha incursão na Arqueologia, minha professora e incentivadora.

A Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Niède Guidon, pela oportunidade de aprendizado que obtive escavando o sítio Toca dos Coqueiros sob sua orientação.

Este trabalho teria sido realizado com maior dificuldade sem a presença e o apoio dos professores do Departamento de História, especialmente a Prof. Dr. Carlos Miranda, a Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Socorro Ferraz.

A Ana Nascimento, Cláudia Alves e Suely Luna pela paciência e dedicação que sempre demonstraram quando o assunto era campo ou laboratório.

A Carmem, Luciane, Rogéria, Dona Emília, Dona Isabel e Arnaldo que sempre me atenderam com muita dedicação.

A Plínio Victor, que mostrou que o ponto forte de um bom trabalho de campo é o sentimento de equipe, criando a Equipe Cão, e fazendo surgir amizades que vão além das campanhas arqueológicas, e que foram fortalecidas com o apoio que recebi para realização deste trabalho, especialmente dos amigos Fábio Mafra, Marcus Figueiroa, Raoni Bernardo, Onésimo Jerônimo, Manoel Solto Maior, Carlos Fabiano e Ricardo Hermes.

Aos amigos Danielle, Joaquim, Hércules, Anna Laura, Lana, Douglas, Marquinhos, Ariana, que contribuíram de muitas maneiras para que esta dissertação se realizasse.

Agradeço a minha Família, em especial aos meus pais Marieta e Benigno e aos meus irmãos Nanda, Bela e Cabelo pelo carinho e compreensão com os constantes momentos de ausência e alienação.

A Benigno, Marieta e Gu  
por tudo.

## RESUMO

A morte sinaliza a desintegração e a dispersão daquilo que foi um indivíduo: a pessoa morta torna-se um antepassado. Cada sociedade dirige seus rituais funerários ou acomoda-se a eles de acordo com os elementos de seu universo mítico. A preocupação humana em proteger ou preservar seus mortos, leva à transmissão e perpetuação das práticas funerárias através de gerações. O ritual funerário cria e mantém o senso de conexão de um grupo social, tornando-se parte integrante dele. Com o objetivo de estudar os enterramentos pré-históricos do Nordeste brasileiro, iniciamos uma pesquisa sobre diferentes grupos culturais, estabelecendo – através da utilização de dados arqueológicos e etnográficos – padrões, bases comuns a serem comparadas. Nós demos mais ênfase aos enterramentos datados (23% de um universo de noventa e sete enterramentos em vinte e um sítios), mostrando como tratam o corpo, as sepulturas e a cultura material associada.

## ABSTRACT

The death signals the disintegration and the dispersion of that it was an individual: the person deceased becomes an ancestor. Each society conditions its funerary rituals or makes comfortable it in accordance with their elements of its mythical universe. The concern human being in protecting or preserving its deceased takes to the practical transmission and perpetuation of the funerary ones through generations. The funerary ritual creates and keeps the sense of connection of a social group, becoming integrant part of it. With the objective to study the prehistoric burial northeast Brazilian, we initiate a research on different cultural groups, establishing - through the use of archaeological and ethnographic - common standards, bases to be comparative - We gave more emphasis to the burial dated (23% of a universe of ninety seven burial in twenty-one site), showing as they treat the body, the sepultures and the associated material culture.

## Sumário

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I: A QUESTÃO DAS PRÁTICAS FUNERÁRIAS.....	15
CAPÍTULO II: PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS.....	25
1.0 Práticas Funerárias.....	27
2.0 Perfil Teórico.....	35
3.0 Documentação.....	37
3.1 documentação arqueológica.....	37
3.2 Documentação Etnográfica.....	43
<i>literatura de cronistas e viajantes</i> .....	48
<i>documentos etnográficos e etnológicos</i> .....	49
4.0 Procedimentos Metodológicos.....	50
a) <i>tratamento do corpo</i> .....	52
b) <i>estrutura da sepultura</i> .....	53
c) <i>cultura material</i> .....	54
CAPÍTULO III: DESCRIÇÃO E SISTEMATIZAÇÃO DOS ENTERRAMENTOS.....	56
1.0 Área arqueológica do vale do Ipanema.....	56
1.1 Sítio Alcobaça.....	57
1.2 Sítio PE 91 - Mxa.....	62
1.3 Sítio Cemitério do Caboclo.....	63
2.0 Área Arqueológica do Vale do Ipojuca.....	64
2.1 Furna do Estrago.....	64
3.0 Área Arqueológica do Seridó.....	69
3.1 Sítio Mirador.....	70
3.2 Sítio Pedra do Chinelo.....	71
3.3 Sítio Pedra do Alexandre.....	72
4.0 Área Arqueológica de Xingó.....	77

4.1 Sítio Justino.....	80
4.2 Sítio São José.....	84
5.0 Região do Médio São Francisco.....	86
5.1 Sítio Gruta do Padre.....	87
5.2 Sítio Dunas de Zorobabel.....	89
6.0 Enclave Arqueológico Serra da Capivara.....	91
6.1 Sítio cana Brava.....	91
6.2 Sítio Toca da Baixa do Caboclo.....	92
6.3 Sítio dos Coqueiros.....	94
6.4 Sítio Toca do Gongo I.....	96
6.5 Sítio Toca do Paraguai.....	97
6.6 Sítio Toca do Bojo.....	99
7.0 Região de Central.....	99
7.1 Sítio Abrigo das Lesmas.....	100
7.2 Sítio Toca dos Ossos.....	100
8.0 Sambaquis.....	101
8.1 Sambaqui de Pedra Oca.....	101
8.2 Sambaqui de Maiobinha.....	101
CAPÍTULO IV: MORFOLOGIA DOS ENTERRAMENTOS.....	102
1.0 Tratamento do Corpo.....	105
2.0 Sepultura.....	113
3.0 Cultura Material.....	119
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	122
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	126
ANEXOS.....	137

## Índice de figuras

### Capítulo I

Fig. 01 – Cena de culto aos mortos. Pintura rupestre do sítio Zisab Gorge, Namíbia.....	18
Fig. 02 – Múmia de chefe Coroado, sepultado com seus pertences em urna cerâmica.....	20
Fig. 03 – Mapa da distribuição dos tipos de enterramentos para a América do sul..	24
Quadro 01 – Tipos de enterramentos observados pela etnografia.....	22

### Capítulo II

Quadro 01 – Associação entre as disciplinas para um melhor entendimento das sociedades pré-históricas.....	26
Quadro 02 – Esquema de estudo da Arqueologia da Morte.....	32
Quadro 03 – Esquema das categorias para o estudo da documentação.....	51
Quadro 04 – esquema das categorias para o estudo dos sítios.....	51
Quadro 05 – Esquema metodológico para o estudo da unidade funerária.....	52
Quadro 06 – Esquema para o estabelecimento dos padrões, para enterramentos datados.....	54
Quadro 07 – Esquema para o estabelecimento de padrões para enterramentos não datados.....	55

### Capítulo III

Fig. 01 – Mapa do Nordeste, distribuição das Áreas Arqueológicas.....	56
Fig. 02 – Sítio Alcobaça, Buíque – PE, enterramento secundário.....	58
Fig. 03 – Sítio Alcobaça, Buíque – PE, enterramento secundário.....	58
Fig. 04 – Sítio Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus – PE. Enterramentos primários individuais.....	67
Fig. 05 – Sítio Pedra do Alexandre, Carnaúba dos Dantas – RN. Enterramento 02, primário em decúbito lateral, com laje em cima do corpo.....	78
Fig. 06 – Sítio Pedra do Alexandre, Carnaúba dos Dantas – RN. Enterramento 07, primário e duplo .....	78

Fig. 07 - Sítio Pedra do Alexandre, Carnaúba dos Dantas – RN. Enterramento 10, primário, esqueleto em decúbito lateral.....	79
Fig. 08 – Sítio do Justino, Canindé do São Francisco – SE. Enterramentos primários e individuais.....	83
Fig 09 – Sítio Furna dos Caboclos, São Raimundo Nonato – PI. Enterramento primário em urna cerâmica.....	94
Fig 10 – Sítio Furna dos Caboclos, São Raimundo Nonato – PI. Enterramento em urna cerâmica.....	95
Fig. 11 – Sítio Toca do Paraguai, São Raimundo Nonato – PI. Enterramento primário individual.....	98
<b>Capítulo IV</b>	
Gráfico 01 – Enterramentos datados.....	105
Gráfico 02 – Tipos de enterramentos.....	106
Gráfico 03 – Utilização de material corante nos enterramentos.....	109
Gráfico 04 – Quantidade de esqueletos por enterramentos.....	110
Gráfico 05 – Orientação dos crânios dos esqueletos nos enterramentos.....	112
Gráfico 06 – Acomodação do esqueleto na cova.....	113
Gráfico 07 – Tipos de sepulturas.....	115
Gráfico 08 – Morfologia das covas.....	115
Gráfico 09 – Delimitação e preenchimento das covas.....	117
Gráfico 10 – Cultura material associada ao enterramento.....	120
Fig. 01 – rei Jeppipo Wasu, enterrado em cova na aldeia, seu corpo é envolto em esteira.....	117

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo estudar os enterramentos pré-históricos presentes na documentação arqueológica do Nordeste do Brasil, com a finalidade de identificar a existência de possíveis padrões de enterramentos.

Ao procedermos a estudos de práticas funerárias<sup>1</sup> em arqueologia pré-histórica, é fundamental a identificação de inumações. Elas fornecem tanto informações sobre a diversidade cultural dos grupos, através da cultura material associada e das formas de enterramentos, quanto informações biológicas como características físicas e patológicas dos grupos humanos, através dos restos ósseos.

As pesquisas arqueológicas no Nordeste do Brasil, apontam para um número significativo de sítios com vestígios de práticas funerárias, embora podemos perceber que apenas em uma pequena parcela estudada, houve a possibilidade de observar os tipos de enterramentos e as composições das sepulturas. Ora devido à insuficiência de informações bibliográficas, ora ao próprio estágio de desgaste do vestígio que não permitia a real compreensão deste, para uma descrição precisa.

---

<sup>1</sup> Adotamos para este trabalho a utilização do termo práticas funerárias, pois se refere mais precisamente a atividade material do contexto funerário, deixando os aspectos imateriais da cultura como choro ritual, cantigas fúnebres de fora da análise.

Nas últimas décadas, as pesquisas arqueológicas no Nordeste vêm ultrapassando os limites do sítio e direcionando-se para uma melhor compreensão dos grupos culturais e seus ambientes, adotando uma abordagem de Arqueologia de área. Tal abordagem, na medida em que verticaliza os estudos numa área, correlacionando condições ecológicas, cultura material e cronologias, possibilita um melhor agenciamento de informações sobre os grupos culturais, e permite a realização de trabalhos que visam identificar padrões, a fim de segregar grupos culturais.

Para sistematizar as informações provenientes da documentação arqueológica, criamos uma base de dados contendo categorias que nos permitem observar recorrências, de presença ou ausência, de algumas características dos enterramentos, como tipo de enterramento, morfologia da estrutura funerária e cultura material associada.

Assim como os demais aspectos da cultura material, os enterramentos não são modalidades estáticas dentro de uma sociedade; são partes integrantes do grupo cultural, sofrendo como as demais, manifestações culturais, modificações e adequações de acordo com a necessidade do grupo. A padronização dos dados nos possibilita reconhecer características recorrentes e ausentes nos vestígios estudados. Podemos observar essa iniciativa de padronização, com a finalidade de melhor compreender os grupos culturais, nos estudos atuais sobre grafismos rupestres, material lítico, material cerâmico e ambiente geográfico.

Duas variáveis principais farão parte no estabelecimento de padrões: a cronológica e a espacial. Assim, pretendemos aqui estudar aonde e quando se dão as manifestações recorrentes de práticas funerárias.

A documentação que compõe a presente pesquisa, corresponde a fontes bibliográficas: arqueológicas e etnológicas. Para sistematizar as informações provenientes da bibliografia arqueológica, foi criada uma base de dados contendo categorias que nos permitem observar recorrências de presença ou ausência de algumas características dos enterramentos, como tipo de enterramento, morfologia da estrutura funerária, disposição do corpo e cultura material associada.

Este estudo estrutura-se em quatro capítulos.

*Questão das práticas Funerárias.* Apresenta um breve histórico sobre as primeiras manifestações funerárias evidenciadas pela Arqueologia pré-histórica.

*Procedimentos teórico-metodológicos.* Subdividido em três partes: a primeira dedicada ao perfil teórico da Arqueologia no que se refere ao estudo dos enterramentos; a segunda trata dos tipos de documentações utilizadas na pesquisa e a terceira, dedicada à preparação da metodologia a ser trabalhada, indicando os atributos principais para as padronizações.

*Descrição e sistematização dos enterramentos.* Este capítulo foi dividido em áreas arqueológicas com o objetivo de observar as modalidades de enterramentos existentes em cada uma delas, para isso trabalhamos com as informações obtidas com a base de dados.

*Caracterização dos enterramentos pré-históricos no Nordeste do Brasil.* Os enterramentos evidenciados são caracterizados através das categorias principais estabelecidas: tratamento do corpo, morfologia da sepultura e cultura material associada. Utilizamos alguns dados etnográficos, observando na documentação recorrências do que foi observado no registro arqueológico.

Finalizamos o trabalho com algumas considerações sobre os tipos de práticas funerárias evidenciadas no Nordeste e os padrões possíveis de serem

identificados nos enterramentos pré-históricos até agora evidenciados pela arqueologia brasileira.

## CAPÍTULO I

### A questão das práticas funerárias

Provavelmente não existe nenhum grupo humano que não trate dos seus mortos. A espécie humana acompanha a morte com um ritual funerário e possui uma idéia sobre a morte ou algo posterior a esta. Não queremos dizer com isso que não haja entre os animais, alguma reações perante a morte de seus iguais.

O ritual funerário pode ser definido de como um padrão de comportamento utilizado em contexto de morte, para criar e manter o senso de conexão de um sistema social.

Os rituais funerários diferem entre si na sua complexidade e no uso de práticas de inumação, bem como na formalidade, espontaneidade e permissão das demonstrações de emoção.

A morte tem grandes implicações sobre o comportamento de cada espécie e varia de acordo com a longevidade ou interação social destas. Tais comportamentos podem ser verificados através de traços e gestos que para C.Darwin, são elementos de expressões de certos estados de espírito<sup>2</sup>.

Para O.Wilson, constituem mecanismos genéticos que foram desenvolvidos para a interação social entre indivíduos de uma mesma espécie<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup>.DARWIN,C. *A Expressão das emoções no Homem e nos Animais*. São Paulo: Companhia das Letras,2000. p.22.

<sup>3</sup>.WILSON,O. *Sociobiology*. Cambridge: Harvard University Press. 1975.

Em algumas sociedades de mamíferos superiores tem sido observada a maneira como algumas espécies percebem a morte basicamente através do cheiro, da estática do corpo, da temperatura. Segundo F.Waal<sup>4</sup>, os bonobos<sup>5</sup> fêmea (*Pan paniscus*), ficam com seus filhotes já mortos até que estes percam o cheiro característico da espécie.

Apenas a abertura maior das Ciências Humanas para as ciências biológicas<sup>6</sup>, estudando fenômenos do comportamento natural do Homem, retirando este, do domínio único e exclusivamente cultural, para trabalhar com aspectos de sua natureza animal de mamífero primata, é que pode dentro em breve, permitir às Ciências Sociais realizar inferências mais precisas acerca do comportamento dos grupos humanos.

A preocupação humana em proteger ou preservar seus mortos, assim como a transmissão e perpetuação de algumas práticas funerárias através de gerações, são indícios da capacidade humana de abstração, que K.Lorenz<sup>7</sup> denomina *pensamento conceitual*.

O universo funerário vem sendo estudado por ciências preocupadas com o desenvolvimento cultural de grupos humanos, como a História, a Etnologia e a Arqueologia, seus estudos vêm demonstrando que os mortos foram e são objetos de preocupação nas mais variadas sociedades e culturas, mesmo em cronologias bastante recuadas.

As evidências mais seguras sobre enterramentos, remontam ao Pleistoceno Médio, na fronteira com a espécie *sapiens*, com os famosos enterramentos realizados pelos Homens de Neanderthal na Europa e no Oriente Próximo, datados entre 80 e 60 mil anos B.P.

---

<sup>4</sup>.WAAL,F.de; LANTING,F. *Bonobo: the Forgotten Ape*. Berkeley: University of California Press,1996.

<sup>5</sup>.Os bonobos são uma espécie de primatas que vivem nas Florestas da África Central.

<sup>6</sup> Especialmente a Etologia e a Sociobiologia.

<sup>7</sup>.LORENZ,K. *Fundamentos de Etologia*. São Paulo: Ed.Univ.Estadual Paulista,1995. p.432.

No Pleistoceno Superior, enterramentos mais elaborados com a presença junto aos ossos de cultura material, desde adornos até ferramentas, faz supor uma preocupação com o corpo.

Os registros rupestres como fontes de informação sobre as atividades de grupos pré-históricos também testemunham, segundo alguns autores, as práticas funerárias existentes entre esses grupos (fig. 01).

Mas o que levou o ser humano a tratar os corpos de seus mortos?

Diante disso surge uma infinidade de explicações a enveredar pelos mais diversos e fantasiosos caminhos, desde o incomodo do mau cheiro, o horror da decomposição do cadáver, até a preservação do corpo para a vida após a morte.

Duas situações de respostas distintas podem ser pensadas. Uma concorre para práticas associadas e mesmo originadas em um sentido prévio de religiosidade. Outra trata da preservação da identidade do indivíduo, dando um destino mais prático ao corpo.

De fato, a morte não anuncia a desintegração imediata do corpo, e sim, o início de um processo lento de decomposição do material orgânico. Para E.Morin<sup>8</sup>, o horror diante da desfiguração, do odor fétido, pode ter levado os primeiros grupos humanos a procurarem um destino para o fardo. Contudo, não explica o cuidado e atenção com os acompanhamentos de objetos junto ao corpo e as ornamentações das sepulturas. Estas elaborações podem ter surgido de crenças ou construções míticas em torno da própria morte.

---

<sup>8</sup>.MORIN,E. *O Homem e a morte*. Rio de Janeiro: Imago,1997. 354p.

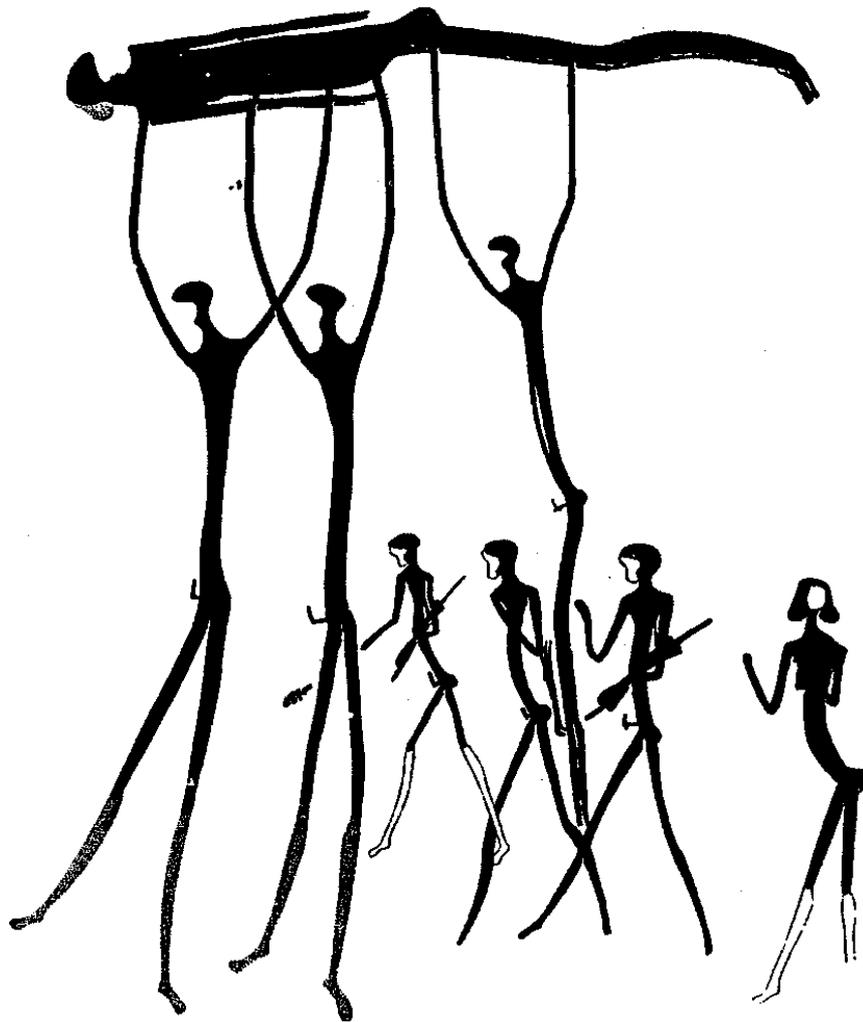


Fig. 01 : Cena de culto aos mortos. Pintura rupestre do sítio de Zisab Gorge, Namíbia.  
Fonte: ANATI, Emmanuel. *La religion des origines*. Paris: Bayard Éditions, 1999. 178p.

Difícilmente chegaremos a uma única resposta para o porquê das práticas funerárias ou de suas origens, pois cada sociedade dirige seus rituais funerários ou acomoda-se a eles de acordo com os elementos de seu universo mítico.

O destino do corpo é dado de diferentes formas, de acordo com o grupo em que se está inserido, cujas variáveis, segundo cada grupo cultural, ocorrerão de acordo com o sexo e/ou idade do indivíduo, o *status* que ele exerce dentro do

grupo, assim como o modo ou razão da morte. O heroísmo guerreiro, observado em muitos grupos indígenas, não só dá acesso a uma vida desejável além túmulo, como possibilita ao indivíduo honrarias na sepultura demonstradas através de objetos e adornos. Assim, as práticas funerárias vêm representar em parte, as relações sociais existentes nos grupos, justificadas segundo suas crenças e tradições. (fig. 02)

Podemos dizer que a morte sinaliza a desintegração e a dispersão daquilo que foi um indivíduo, vista para além do fenômeno biológico da morte, estando integrada ao comportamento social humano. As práticas funerárias expressam desta maneira um comportamento social e ideológico. A morte é vista como um evento social, o ponto de partida de um processo cerimonial, pelo meio do qual a pessoa morta torna-se um antepassado, e, poderá ou não, dependendo de um ritual necessário, continuar a existir em outro lugar não visível.

As práticas funerárias não podem ser estudadas como fenômeno isolado, pois estão estas associadas a uma estrutura social criadora de seus mecanismos de atuação e tentativas de perpetuação étnica.

Mesmo distintas para cada grupo, as práticas funerárias como representantes de um ritual, possuem pouca mobilidade dentro das sociedades. As mudanças, quando ocorrem, são efetuadas de forma muito lenta, quase imperceptível para o grupo. Como a maioria dos rituais, as práticas funerárias têm uma característica de permanência e estabilidade.

O estudo da morte pode ser analisado além de suas práticas, como um fenômeno social relacionado a outros ritos. V.Gennep (1960), considera as práticas funerárias como ritos de passagem.

Esses ritos<sup>9</sup> em torno da morte desenvolveriam-se em três fases: *rito de separação*, quando o indivíduo morre, não pertencendo mais ao mundo dos vivos; *rito de transição*, quando ocorre o sepultamento para que seu corpo fique salvaguardado e ele encontre o caminho dos mortos e *rito de incorporação*, quando este é integrado novamente ao mundo dos vivos em espírito.



Fig. 02: Múmia de chefe Coroado, sepultado com seus pertences em urna cerâmica.  
Fonte: DEBRET, Jean Baptiste. *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*. t.1., v. 1. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1972. 291p.

---

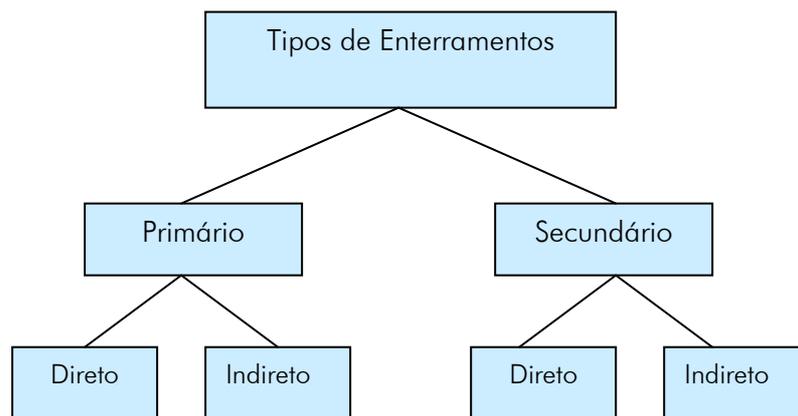
<sup>9</sup>.Os ritos são compreendidos aqui como ações ou sistemas de ações em que há um predomínio do sistema simbólico.

Cada grupo cultural arranhou elementos de uma forma diferente; ou para evitar temporariamente a decomposição do corpo, ou para preparar o corpo para uma vida além-túmulo. Práticas como o enterramento, a cremação, o endocanibalismo, o embalsamento e o sepultamento, foram propostas funerárias adotadas por diferentes grupos.

W.Schmidt, nos primeiros anos do século XX, assinalava as diversas práticas funerárias ocorridas na América do Sul à época do contato com os europeus no fim do século XV. Numa tentativa de mapear as práticas funerárias observadas na América do Sul, ele esbarra nas poucas evidências até então levantadas para o Nordeste brasileiro. Em *Etnologia Sul Americana*, ele apresenta apenas três variações para o Brasil: sepultamento, enterramento e incineração. (fig. 03)

Entendemos por *enterramento* a deposição deliberada de corpos sob a terra. Os enterramentos podem ser realizados de forma direta ou indireta. A direta se dá quando é aberta uma cavidade na terra e nela o corpo é inserido sem nenhum enfiamento. Já no enterramento indireto o corpo é acondicionado em um invólucro antes de ir para a cova. Esse invólucro pode ser desde uma simples esteira até uma urna cerâmica decorada e especialmente fabricada para aquele morto. (quadro 01)

Os enterramentos podem se configurar em individual – onde o invólucro comporta um único indivíduo –, duplo ou coletivo. Essas formas podem variar ainda de acordo com a regulamentação adotada pelo grupo cultural. Contudo, alguns distúrbios nos grupos podem transformar tradições de covas simples em enterramentos coletivos, como no caso de guerras ou grandes epidemias. No estado de Santa Catarina, nos quarenta anos subseqüentes à pacificação, os índios Xokleng padeceram de moléstias e viroses comuns ao branco (sarampo, malária, gripe). Com a mortalidade de proporções alarmantes, muitos dos mortos foram abandonados, insepultos, servindo de alimento aos cães.



Quadro 01: Tipos de enterramentos, observados pela etnografia.

Os enterramentos podem ainda, ser primários ou secundários. Os primários correspondem ao primeiro ritual com o corpo, quando este é acondicionado ou depositado em covas. Estipula-se uma posição para o corpo, freqüentemente em decúbito dorsal ou decúbito lateral.

Os enterramentos secundários correspondem a um novo tratamento do corpo, desta vez constituído apenas pelos tecidos duros (ossos), quando o corpo é retirado do ambiente onde foi previamente acomodado e transportado para outro espaço. Esse enterramento pode ser individual, com apenas as ossadas de um indivíduo, ou múltiplo, com as ossadas de vários indivíduos. A conexão anatômica nesse caso inexistem; embora foi observada em alguns grupos uma deposição organizada dos ossos.

Os sepultamentos secundários são identificados desde o período Musteriense, e ocorrem em muitas sociedades, inclusive na nossa, até os dias atuais<sup>10</sup>.

Os locais de enterramentos também são múltiplos variando segundo os critérios adotados por cada grupo cultural. Vão desde cavernas, templos, locais

---

<sup>10</sup>.Nossas práticas mortuárias em áreas urbanas são compostas de dois momentos. O primeiro (enterramento primário), o corpo é colocado em um caixão e depositado em cova. Após dois anos o depósito é aberto e os ossos retirados para dá-los um novo destino, em geral as chamadas gavetas, localizadas nos próprios cemitérios.

específicos para práticas até o próprio ambiente de moradia, como o interior das aldeias ou o fundo das casas.

O termo *sepultamento*, também muito utilizado, corresponde ao acondicionamento genérico do corpo em covas, túmulos, gavetas, caixas ou urnas cerâmicas, não necessariamente sob a terra. Para esse trabalho adotamos a terminologia enterramento, julgando ser esta a mais precisa para o objeto estudado.

A incineração ou a cremação<sup>11</sup> são práticas funerárias que consistem na queima total do corpo do morto. Pode culminar com a ingestão das cinzas ou com o acondicionamento destas em recipientes. Tal prática é bastante difícil de ser localizada com o recuo da cronologia, visto que seus vestígios materiais são escassos e de difícil detecção.

É possível distinguir entre um processo de cremação e a ação do fogo; como a presença de fogueiras por cima de um enterramento. A ação do fogo deixa os ossos apenas parcialmente queimados, às vezes modificando sua coloração do branco para o cinza. Já o processo de cremação, quando não decompõe por completo a matéria, a cor dos ossos é transformada de branco para cinza bastante escuro ou preto, além de provocar fissuras profundas nos ossos restantes.

A queima completa do corpo e a posterior ingestão de cinzas misturadas a bebidas ou comidas, prática essa observada pela etnografia, não deixa vestígios para a arqueologia pré-histórica.

---

<sup>11</sup> Ação de queima, visa reduzir a cinzas os mortos.

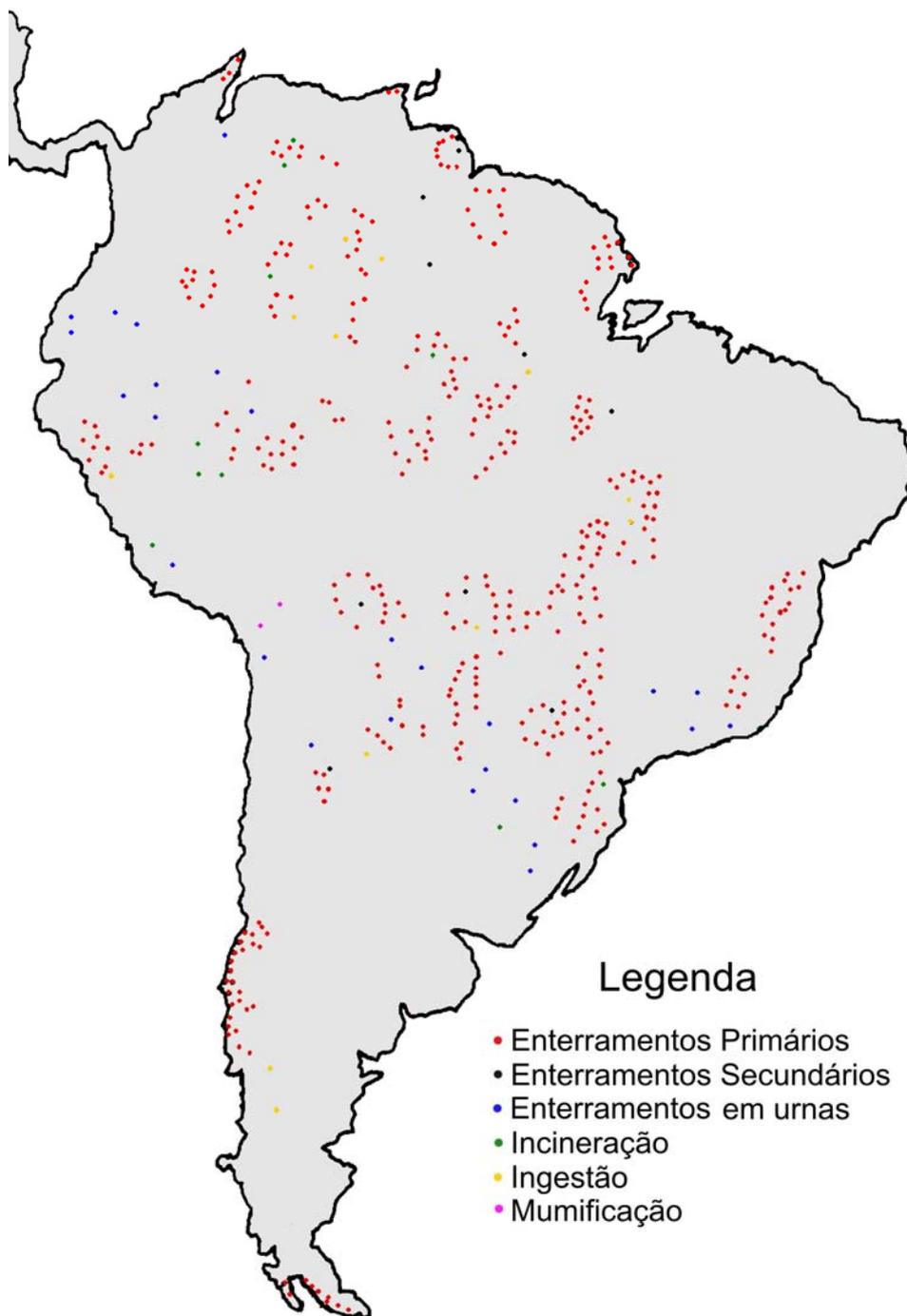


Fig. 03: Mapa da distribuição dos tipos de enterramentos para a América do Sul.

Fonte: Adaptado de SCHMIDT, W. *Etnologia sul americana: círculos culturais e estratos culturais na América do Sul*. Série 5. v. 218. Brasíliana. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1949. 245p.

## CAPÍTULO II

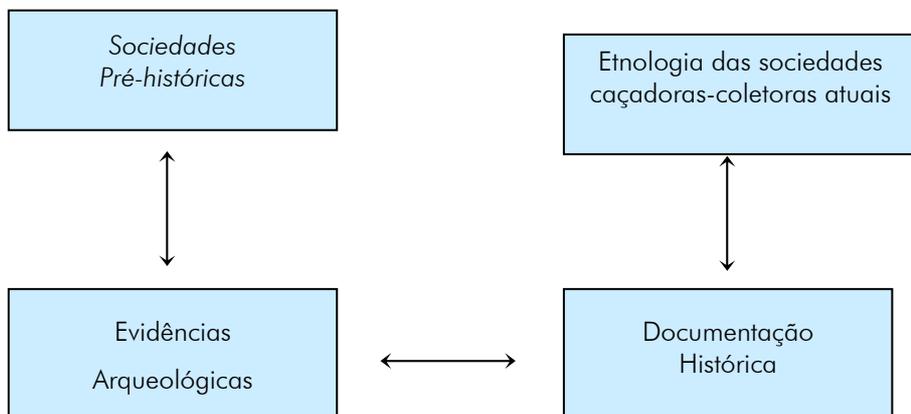
### PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

O estudo de grupos pré-históricos requer uma cooperação interdisciplinar necessária para alcançar não apenas sua cultura material, mas também para compreender de que forma estes estavam organizados. A organização social dos grupos pré-históricos tem sido atualmente trabalhada por três disciplinas: História, Antropologia e Arqueologia, que impulsionam seus estudos na direção de uma melhor compreensão sobre estas sociedades (quadro 01).

Essas três disciplinas têm o mesmo problema, o de se ocupar do estudo dos grupos humanos de tal forma que lhe permita a construção ou a reconstrução de suas sociedades. Mas, divergem quanto aos métodos utilizados na abordagem do problema.

As evidências sobre o passado assumem variadas formas, de documentos escritos observados por autóctones ou espectadores forâneos à tradição oral, passando por mitologias e análises da cultura material.

Na ausência de registros escritos, o estudo dos grupos pré-históricos encontra-se comprometido com os documentos da cultura material. Esses vestígios se tornam fontes principais para a compreensão do modo de vida desses grupos.



Quadro 01: Associação entre as disciplinas para um melhor entendimento das sociedades Pré-históricas.

Fonte: Adaptado do esquema de FERNANDES, João A. *Cunhã a mameluca, em busca da mulher tupinambá*, 1997.

A Arqueologia<sup>12</sup> Pré-Histórica trás o arcabouço teórico e metodológico necessário para se estudar os vestígios desse passado. É uma disciplina que trata das técnicas necessárias à recuperação dos restos materiais do passado, tornando-se, segundo B.Trigger<sup>13</sup>, um corpo de habilidades capaz de fornecer dados que possam ser utilizados por várias disciplinas.

Ao direcionarmos nosso trabalho para a investigação da documentação arqueológica, produzida sobre os enterramentos pré-históricos no Nordeste, trabalharemos sob a perspectiva teórica e metodológica da arqueologia pré-histórica, a fim de nos permitir a análise e interpretação dos vestígios.

<sup>12</sup>.A Arqueologia pode trabalhar com qualquer momento histórico, todavia adquire um valor preponderante para aquelas civilizações que carecem de textos e torna-se decisiva para os períodos pré-históricos onde a escrita ainda não havia sido inventada.

<sup>13</sup>.TRIGGER,B. *Além da História: os métodos da pré-história*. São Paulo: EDUSP,1973. p.4.

Utilizamos também, trabalhos etnográficos e suas metodologias de análise documental, na tentativa de evitar analogias simplistas e aumentar a compreensão das variações das práticas funerárias em grupos análogos ou distintos.

## **01 Práticas Funerárias à luz das teorias arqueológicas**

A Arqueologia tem apresentado profundas transformações entre períodos especulativos (1492-1840); passando pelo dedutivo-classificatório (1840-1914), com enfoque na cronologia; histórico-classificatório (1914-1940), com enfoque na função; e o período representado pela Nova Arqueologia (1960-). (Cf. Renfrew, 1998). Essas transformações podem ser sentidas no estudo das práticas funerárias.

O período especulativo está marcado pelo antiquarismo; a Arqueologia ainda não existe como disciplina. As práticas funerárias neste período, faziam parte dos relatos antropológicos a fim de demonstrar a diversidade cultural do Homem. Os túmulos e as demais estruturas eram violados e saqueados na busca por objetos de ouro e metais preciosos que acompanhavam os mortos. Os objetos eram levados para fazer parte de coleções particulares ou para gabinetes de curiosidades.

O período da Arqueologia moderna ou Arqueologia dedutiva-classificatória, tem início, segundo C.Renfrew, com a aceitação de três conceitos chaves: a grande antigüidade da humanidade; o princípio evolucionista de C.Darwin e o sistema para a classificação da cultura material, formulado por C.Thomsen (Idades da Pedra, do Bronze e do Ferro).

Nesse período, o achado de esqueletos humanos atendia à necessidade de se encontrar a origem do Homem e estabelecer o desenvolvimento da espécie. Houve um grande desenvolvimento das técnicas de descrição dos

vestígios encontrados, como a acomodação dos corpos, a estrutura da sepultura e a quantificação de objetos associados ao enterramento.

A classificação de objetos funerários em tipos<sup>14</sup> e categorias produzidos a partir das descrições, permitia a identificação de culturas e o estabelecimento de linhas cronológicas evolutivas. No campo das ciências antropológicas Tylor<sup>15</sup> e Frazer<sup>16</sup>. Marcaram os estudos das práticas funerárias, integrando estas ao estudo de religiosidades e mitos.

O período definido como histórico-classificatório, é marcado pela definição do conceito “cultura arqueológica”, por Kossinna, que a compreendia como um conjunto de conhecimentos, crenças, arte, moral, costumes e hábitos adquiridos pelo homem em sociedade, e obtidos nas escavações. (Cf. Kossinna, 1911).

A aplicação sistemática desse conceito na identificação de povos e territórios veio posteriormente com G.Childe (1925), mantendo a tipologia como método para a identificação e evolução das culturas.

O Difusionismo, de F.Boas<sup>17</sup> ganhou espaço dentro das teorias evolucionistas, mantendo as discussões sobre superioridade e inferioridade dos povos. A Escola Sociológica Francesa de E.Durkheim<sup>18</sup> e Mauss, estabelecem a necessidade de se investigar a sociedade a partir dos fatos sociais, ou seja, o social só se explica pelo social e não pelo individual. O Funcionalismo, fundamentando que as diversas estruturas sociais têm função no conjunto social

---

<sup>14</sup>.O desenvolvimento da Tipologia, classificação dos objetos em tipos atendia às necessidades de datação e ao estabelecimento de uma linha evolutiva na tecnologia de fabrico de objetos.

<sup>15</sup>.Tylor, entendia que a morte era responsável pela dicotomia corpo e alma e o surgimento dessas idéias nos povos primitivos (1871)

<sup>16</sup>.Frazer, atribuía a todo ritual funerário o medo primitivo do espírito do morto para o mundo dos vivos (1886).

<sup>17</sup>.Não é observado na Escola Boasiana estudos sobre práticas funerárias.

<sup>18</sup>.Durkheim via as práticas funerárias como parte de um todo social e portanto deveriam ser interpretadas junto a este. Não acreditava que o asco e o medo do morto o despisse de sua importância social.

e devem ser entendidas a partir do papel que desempenham, começa a ser discutido também por Radcliffe-Brown<sup>19</sup>, Malinowski<sup>20</sup> e Evans-Pritchard.

Na Arqueologia a prática funerária começa a ser considerada como elemento identificador da cultura. A investigação dessas práticas servia para identificar culturas; a existência de práticas diferenciadas era indicativa de contato cultural ou transmissão intercultural. Os locais com uma única prática eram considerados o *centro*, e sociedades que apresentavam práticas diversas eram *periferias*. As práticas funerárias eram tomadas como campo fértil para detectar tais contatos. Assim, a tipologia e descrição dos vestígios associados a essas práticas continuam a ser usadas como método para identificação de culturas. Têm início também aqui os estudos de Antropologia Física, para auxiliarem a tipologia na identificação das culturas.

A década de 1960, para Arqueologia é marcada pela *New Archaeology*, tem ênfase na escola Processual, que busca a interpretação dos vestígios encontrados, com o objetivo de compreender a sociedade que os produziu.

O Processualismo<sup>21</sup> tem como base uma estrutura sistêmica de referência. O modelo de sistemas seria algo que consiste de partes conectadas dentro de um todo. O que conecta os componentes deste sistema particular são as ações entre três classes: homem, artefato e objeto natural. Assim, os componentes dos sistemas não são apenas os membros da sociedade, mas os artefatos que eles fazem ou que eles usam (incluindo os não materiais) e todos os objetos da natureza com os quais eles entram em contato<sup>22</sup>. (Cf. Renfrew, 1998)

Com a Nova Arqueologia veio a primeira transformação significativa no estudo das práticas funerárias: a tipologia e a antropologia física ficaram menos

---

<sup>19</sup>.Radcliffe-Brown estuda a solidariedade social no momento da morte e a "social personality" que não era aniquilada no momento da morte.

<sup>20</sup>.Para Malinowski, os ritos de morte eram uma tentativa de reintegração social.

<sup>21</sup>.Os primeiros passos do Processualismo em Arqueologia foram dados por J.Caldwell, em 1959, com a publicação de *The new american archaeology*.

<sup>22</sup>.RENFREW. *Arqueología: teorías, métodos y práctica*. Madrid: Akal,1998. p.259.

evidenciadas no estudo e passou-se ao entendimento das práticas funerárias dentro do funcionamento social.

As práticas funerárias passam a ser vistas como reflexo dos gerenciamentos internos de um grupo cultural que constituem um subsistema, aonde se encontram em total acordo com os demais agentes que regem o grupo cultural. Dentro desse contexto, é possível estudar cada subsistema de forma separada, desde que se esteja alerta sobre suas interações.

A riqueza da cultura material associada passa a ser vista como indicativo de status, possibilitando a reconstrução da estrutura social a partir da identificação das diferenças entre a estrutura dos enterramentos. A deposição do morto, a composição da cova e os objetos a estes associados passam a ser vistos como meio para identidade social.

○ Processualismo ao ser incorporado pela Arqueologia, trouxe uma maior preocupação com a abordagem ecológica e com as mudanças dentro do contexto cultural do grupo.

Os membros da Escola Processual consideram o comportamento humano como ponto de coincidência ou articulação entre um grande número de sistemas, onde cada um engloba fenômenos tanto culturais, como não culturais<sup>23</sup>. O enfoque no comportamento do grupo e não no comportamento individual, desencadeia estudos nas áreas arqueológicas, e vêm em auxílio aos trabalhos que buscam encontrar elementos de identificação entre esses grupos.

○ Processualismo considera também, os objetos criados pelo homem como parte de um sistema simbólico estando de perfeito acordo com as necessidades enfrentadas por um grupo cultural.

Algumas críticas são feitas a esse enfoque sistêmico, principalmente no que

---

<sup>23</sup>.As relações entre os sistemas e o meio foram muito exploradas nesta corrente teórica. O que deu impulso a abordagens que versavam sobre as influências do meio nas culturas, gerando a Arqueologia ecológica ou ambiental.

tange sua absorção sem uma reflexão consistente. Para I.Hodder<sup>24</sup>, a divisão dos sistemas culturais em vários subsistemas – ponto de partida de todas as análises sistêmicas – baseia-se em uma visão ocidental do mundo.

O relativismo cultural implícito como uma das preocupações nas palavras de I.Hodder merece ser destacado:

Supõe-se que os enterramentos, os rituais, os tocados e a decoração cerâmica têm funções sociais universais vinculadas a seus significados universais; se extrairmos objetos de seu contexto se recorre a uma explicação intercultural<sup>25</sup>.

É importante mencionar que a idéia de que o objeto é social ou culturalmente construído, é compartilhada também pelas evidências etnográficas, atestando a multiplicidade de causas e fenômenos decorrentes da construção de um objeto. Para obter esse suporte, utilizamos as documentações etnográfica e etnológica de grupos indígenas brasileiros.

Uma vertente da Arqueologia Processual, trouxe à luz questões e discussões sobre a melhor maneira de trabalhar vestígios oriundos de práticas funerárias: a chamada Arqueologia da Morte, dentro da Nova Arqueologia, visa uma maior integração desses ritos funerários com as relações existentes dentro do grupo social.

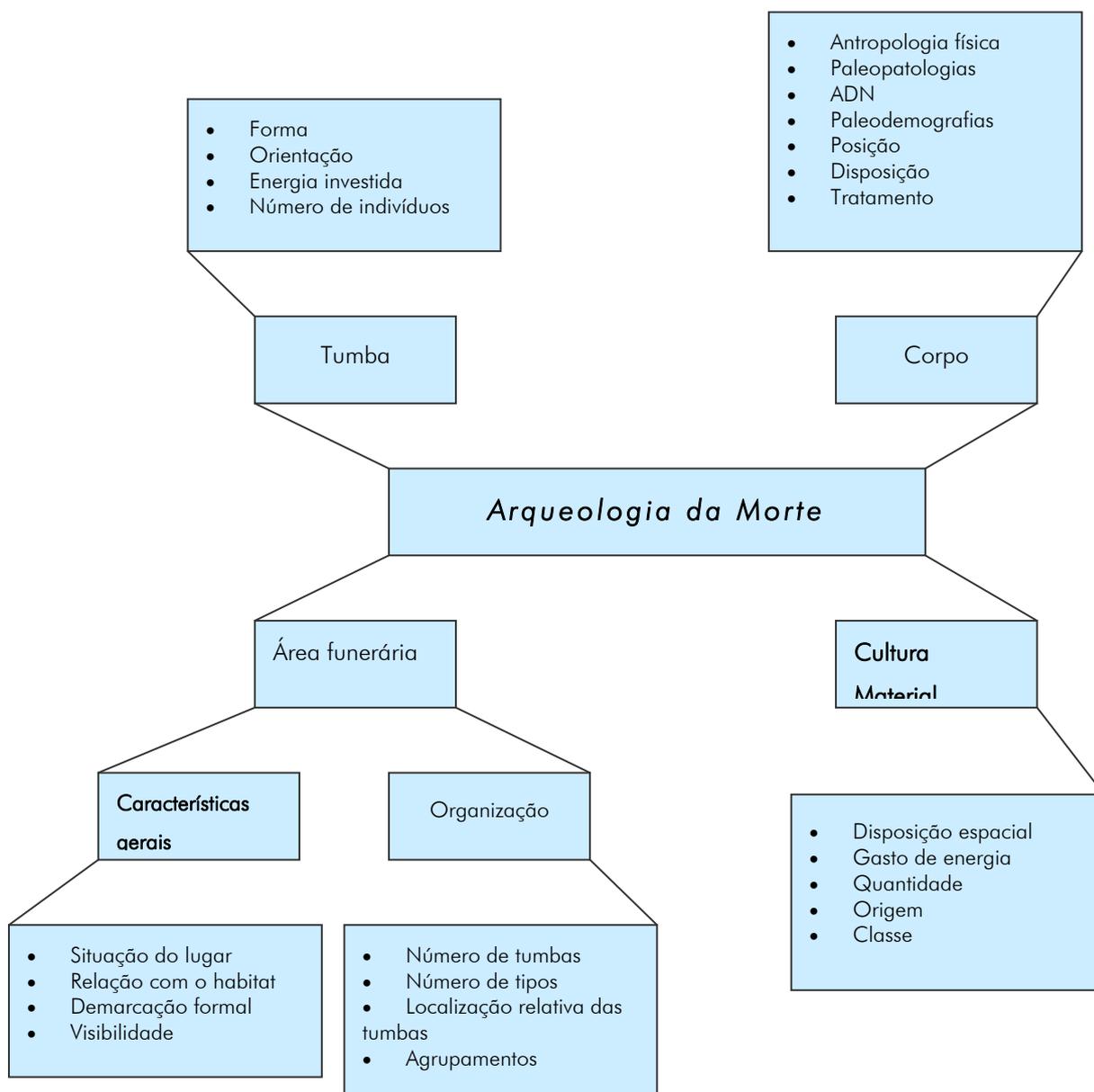
Essa vertente constitui um campo de investigação centrado no estudo e interpretação dos enterramentos, dividindo-os em quatro grandes áreas: *área funerária* (forma, demarcação, relação com o habitat e organização interna dos cemitérios), *tumba* (forma, orientação, investigação de energia empregada em

---

<sup>24</sup>.HODDER,I. Interpretação em Arqueologia. In: LE GOFF,J; NORA,P. *História: novas abordagens*. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves,1976. p.40

<sup>25</sup>.HODDER, 1976, p.40.

sua construção e número de indivíduos sepultados), *corpo* (tratamento, disposição, antropologia física, paleopatologia, ADN e paleodemografia) e *acompanhamentos* (classe, quantidade, origem, valor, riqueza e disposição microespacial)<sup>26</sup>.



Quadro 03: Esquema de estudo da Arqueologia da Morte:

Fonte: Adaptado do esquema de FRANCH, José Alcina. (coord.) *Dicionário de Arqueologia*. Madrid: Alianza Editorial. 1998.

<sup>26</sup>.ZAPATERO, R. Arqueologia da Morte. IN: FRANCH,J.A. *Diccionario de Arqueología*. Madrid: Alianza Editorial,1998. p.64

Em um primeiro momento, como o próprio nome sugere, a Arqueologia da Morte interessou-se apenas pelos aspectos que compunham as práticas funerárias. Atualmente, tenta-se um maior estreitamento nas relações com a etnologia e com outros aspectos arqueológicos do sítio.

A utilização de documentos etnográficos como forma de auxiliar na interpretação dos vestígios encontrados, constitui-se em fonte indispensável à Arqueologia Contextual, principalmente nas Américas, onde ainda se encontram sociedades de caçadores-coletores e agricultores que podem ter sua cultura material e seu modo de vida confrontados com registros arqueológicos.

A Arqueologia Pós-Processual ou Contextual tem posto acento na dimensão simbólica, devendo o arqueólogo, investigar todos os aspectos possíveis da cultura para tentar entender o significado de cada um deles.

Houve na Arqueologia Pós-Processual uma maior aproximação com a História, inserindo a investigação das permanências e rupturas nas práticas mortuárias buscando analisar suas transformações no tempo e espaço.

I.Hodder, argumenta que o Pós-Processualismo enfatiza, dentro de contextos histórico-culturais, que a relação entre cultura material e comportamento social, depende das ações dos indivíduos:

A cultura material não apenas existe. É feita por alguém. É produzida para fazer alguma coisa. Ela não reflete passivamente a sociedade, ela cria a sociedade através das ações dos indivíduos (...). Cada objeto arqueológico é produzido por um indivíduo (ou um grupo deles), não por um sistema social<sup>27</sup>.

Na verificação desses elementos, o Pós-Processualismo desenvolve uma

---

<sup>27</sup>.HODDER, I. 1976, p.6.

preocupação<sup>28</sup> muito grande pelo contexto arqueológico<sup>29</sup>, definido por I.Hodder como a totalidade de dimensões relevantes de variação ao redor de qualquer objeto, formando uma rica rede de associações e contrastes. Para ele, o contexto arqueológico deveria desprender-se com clareza dos limites de um conjunto de semelhanças, pois não constituem os limites do contexto, já que as diferenças entre unidades culturais podem ser relevantes para compreender o significado dos objetos dentro de cada unidade cultural<sup>30</sup>.

Assim, o caráter abrangente da Arqueologia Pós-Processual tomou as práticas funerárias como mais uma parte do complexo social, passíveis de fornecerem dados que, complementados com outras informações poderiam formar uma visão mais abrangente da sociedade. A cultura material associada, passa a ser considerada não por seu valor, mas por seu significado. As relações entre status social e riqueza passam a ser reorientadas.

A partir da década de 1990, tem-se visto discussões teóricas menos constantes em relação às práticas funerárias – estas continuam a ser discutidas à luz do Processualismo ou Pós-processualismo. Surgem em pauta, discussões sobre a ética no trabalho arqueológico; ligadas a esta ética, estão as discussões sobre o poder e suas manifestações, bem como as possibilidades das relações que envolvem poder, serem explicitadas nas pesquisas arqueológicas. Os debates sobre gêneros e função no contexto arqueológico tornam-se enfáticos (Cf. Ribeiro, 2002).

O estudo das práticas funerárias, aparece muito ligado à identificação das relações de poder e gênero, buscadas nos sepultamentos e nos vestígios da cultura material associada aos mortos.

---

<sup>28</sup>.Preocupação esta já observada no Processualismo, mas trabalhado com maior rigor pelos pós-processualistas.

<sup>29</sup>.No Pós-Processualismo, a cultura é lida em contexto, daí surge a vertente denominada Arqueologia Contextual que tem como regras: interpretar, explanar e explicar.

<sup>30</sup>.HODDER, I. 1976, p.154.

## 02. Perfil Teórico

A utilização de teorias na prática da Arqueologia representa, em primeiro lugar, a possibilidade de trabalharmos cientificamente a partir de problemas e não apenas a partir de vestígios encontrados<sup>31</sup>. Utilizando teorias, podemos em um primeiro momento identificar e definir uma problemática e tentar explicá-la buscando uma solução.

Segundo K.Popper<sup>32</sup>, as teorias científicas são redes, lançadas para capturar aquilo que denominamos 'o mundo', a fim de racionalizá-lo, explicá-lo e dominá-lo. Portanto, as teorias científicas não são estáticas, estando em constante mutação, sendo elaboradas e reelaboradas no sentido de torná-las mais compreensíveis e aceitáveis, estreitando a malha da rede.

A escolha de uma ou mais teorias, quando complementares, não implica somente uma consciência científica, como é de fundamental importância para a pesquisa, pois será esta escolha que direcionará, ao nível das idéias, todo o trabalho de pesquisa, análise e interpretação dos dados.

Afastando esse trabalho das acaloradas discussões teóricas, pautamo-nos na interdisciplinaridade, onde muitas vezes uma teoria completa outra, levantando problemas que podem ser analisados e trabalhados diante da concepção de ambas teorias, desde que estas não sejam completamente antagônicas. Para A.Kern<sup>33</sup>, "mesmo que teorias possam apresentar muitas versões um pouco diferentes sobre a mesma realidade, elas não são fundamentalmente contraditórias e sim complementares".

---

<sup>31</sup>.KERN,A. A abordagem teórica em arqueologia. *Anais da VI Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. Rio de Janeiro: CNPq/FINEP/UNESA,1991. v.1. p.52.

<sup>32</sup>.POPPER,K. *A lógica da pesquisa científica*. São Paulo: Cultrix,1972. p.61.

<sup>33</sup>.KERN, A. 1991. p.57.

Assim para este trabalho, compreendemos a importância do pensamento da escola Processual e Pós-processual para os estudos das práticas funerárias, pois dentro dessas duas perspectivas teóricas as práticas funerárias passam a ser integradas e estudadas em contexto com os demais aspectos da cultura material.

O processualismo com suas vertentes, faz-se presente nesse trabalho no momento em que compreendemos as práticas funerárias como reflexo dos gerenciamentos internos de um grupo cultural. Assim, são estas, constituintes de um sistema, formando um subsistema que se encontra em total acordo com os agentes que regem o grupo cultural. Não ousamos, neste trabalho a busca desses fatores, mas no momento em que nos preocupamos em compreender melhor as práticas funerárias e seus elementos constituintes, como sepultura, acondicionamento do corpo e utilização de cultura material junto ao enterramento, acreditamos estar contribuindo com informações que unidas aos demais aspectos da cultura material, formulem inferências sobre distintos grupos pré-históricos que habitaram a região nordestina.

Dentro da visão Pós-processualista, cada manifestação cultural é resultado de uma história peculiar, conferindo-lhe identidade própria. P.Pearson, ressalta que os enterramentos só podem ser compreendidos através de suas relações contextuais com outros assentamentos e rituais não-funerários contemporâneos<sup>34</sup>. De acordo com tal visão, compreendemos que existem dois lados do estudo das práticas funerárias; um formado pelo material do comportamento social e outro representando aspectos ideológicos do comportamento humano. Procuraremos nesse trabalho atingir o composto material e trabalhá-lo a fim de segregar elementos que possam nos fornecer padronizações.

Mas para tanto ainda se faz necessário nos estudos sobre práticas funerárias no Nordeste do Brasil, reunir exaustivamente uma grande quantidade

---

<sup>34</sup>.PEARSON, 1984.

de dados não apenas sobre aspectos materiais das práticas funerárias mas também, aspectos contextuais onde estas foram desenvolvidas.

O ordenamento primeiro dessas informações, nos permitirá partir para trabalharmos com categorias de entradas para podermos a partir daí criarmos padrões e associarmos estes aos demais aspectos da cultura material como pintura rupestre, material lítico, material cerâmico e só aí então passarmos a pensar em grupos culturais distintos.

### 03. Documentação

Para fins da investigação proposta, trabalhamos com dois tipos de documentação: a *documentação arqueológica*, que nos forneceu além dos postulados teóricos e da estrutura metodológica, todos os dados para a pesquisa, e a *documentação etnográfica brasileira*, que serviu de auxílio na busca de variáveis para a identificação de padrões.

#### 3.1 Documentação arqueológica

As fontes arqueológicas nos informam os tipos de enterramentos dos grupos pré-históricos que habitaram a região nordestina e nos possibilitam o estabelecimento de padrões para os enterramentos.

Estudos das evidências de práticas funerárias em populações pré-históricas estudadas pela Arqueologia através de seriações e ordenações cronológicas, podem ser observados ainda no século XIX nos trabalhos de J.Worsaae, que originaram a *Lei de Worsaae*, um princípio segundo o qual os artefatos encontrados junto aos sepultamentos teriam sido utilizados na época da

ocupação do sítio. J.H.Rowe<sup>35</sup> e M.B.Schiffer<sup>36</sup> referem-se à lei como um dos primeiros princípios gerais da interpretação arqueológica, propiciando o uso dos materiais utilizados na época para estabelecer as cronologias das sepulturas.<sup>37</sup>

Mais recentemente, L.Binford<sup>38</sup> e A.Saxe<sup>39</sup> procuraram desenvolver um corpo de teoria para auxiliar a reconstrução dos sistemas sociais que deram origem aos rituais funerários. Baseados na etnologia comparativa<sup>40</sup>, demonstram a existência de regularidades transculturais na relação entre a organização das comunidades vivas e seus tratamentos funerários.

L.Binford sugere que o tratamento funerário diferenciado dentro de um mesmo grupo cultural, pode ser entendido a partir de quatro variáveis: sexo, idade, status e filiação social. Segundo ele, quanto maior o status do morto, maior será o grau de envolvimento da comunidade no ritual<sup>41</sup>.

O'Shea<sup>42</sup>, numa tentativa de buscar grupos culturais distintos através dos enterramentos, vai além das prerrogativas de L.Binford e apresenta seis categorias gerais para o estudo dos rituais funerários:

- aspectos biológicos (número de indivíduos, sexo e idade);
- preparação e tratamento do corpo (tipo de disposição, posição);
- características da sepultura (forma, dimensão, profundidade);

---

<sup>35</sup>.ROWE, J. H. Worsaae's Law and the use of grave lost for archaeological dating. *American Antiquity*, 1962. vol.28, n.2. p.129-137.

<sup>36</sup>.SCHIFFER, M. B. The Structure of Archaeological Theory. *American Antiquity*,1988. vol.53, n.3. p.461-485.

<sup>37</sup>.MIREN, A.M.W. *Sifting the ashes: reconstruction of a complex archaic mortuary*. Program in Louisiana. p.114-130.

<sup>38</sup>.BINFORD, L.R. *Mortuary practices: their study and their potential*. Approaches to the social dimension of mortuary practices. *Memoirs of Society American Archeology*. New York, 1972. n.25. p.208-243.

<sup>39</sup>.SAXE, A. Social Dimension of Mortuary Practices in a Mesolithic Population from Wadi Halfa, Sudan. IN: *Approaches to the social dimensions of mortuary practices*. Society for American Archaeology, *Memoirs* 25, edited by J.A.Brown. 1971. p.39-57.

<sup>40</sup>.MONTARDO, D. 1995. p.15.

<sup>41</sup>.Embora a utilização extensiva destes dados para verificar status dentro de um mesmo grupo social seja inapropriado, segundo Tainter (1978), o uso de materiais associados ao enterramento pode ter distinções mínimas e o diferencial está associado ao ritual em sim, não fossilizado.

<sup>42</sup>.O'SHEA 1984.

- acompanhamentos funerários (variedades, quantidades, formas);
- localização (área do enterramento, distribuição espacial dentro do sítio);
- aspectos ambientais (condições ambientais ao tempo do enterramento, através dos vestígios de pólen e insetos).

Outros autores também apresentam novas propostas para o trabalho com enterramentos pré-históricos, numa tentativa de integrá-los aos elementos dentro da organização social, a exemplo disso temos os trabalhos de M.Shanks e C.Tilley<sup>43</sup>.

No Brasil, o investimento no estudo das práticas funerárias ainda é considerado tímido. Não obstante, a excelência das contribuições como as de J.Martins<sup>44</sup>, J.Reis<sup>45</sup>, M.Carneiro da Cunha<sup>46</sup> e E.Castro<sup>47</sup>, atestam crescente vitalidade das pesquisas no campo das práticas funerárias.

Na documentação arqueológica, observamos que o potencial do estudo das práticas funerárias entre os grupos pré-históricos do Nordeste do Brasil tem sido também pouco explorado. Normalmente os trabalhos realizados sobre as práticas funerárias, têm tratado os espaços destinados aos enterramentos e seus conteúdos de forma separada. Na maioria das publicações, os enterramentos de um sítio são descritos como um todo, uma massa compacta, como se todos fossem realizados da mesma forma e muitas vezes distanciados dos demais componentes do sítio arqueológico, representando um comportamento social separado da vida cotidiana.

---

<sup>43</sup>.SHANKS,M.; TILLEY,C. *Teoría Social e Arqueología*. University of New Mexico Press: Albuquerque,1988.

<sup>44</sup>.MARTINS,J.de S. (org.) *A morte e os mortos na Sociedade Brasileira*. São Paulo: Hucitec,1983.

<sup>45</sup>.REIS,J.J. *A Morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras,1991.

<sup>46</sup>.CUNHA,M.C.da. *Os Mortos e os Outros*. São Paulo: Ed. Hucitec,1978. 152p.

<sup>47</sup>.CASTRO,E.V.de. *Araweté: os deuses canibais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar,1986. 744p.

Trabalhos como os de L.Machado<sup>48</sup>, G.Sene<sup>49</sup>, L.Kneip<sup>50</sup>, M.Melo e Alvim<sup>51</sup>, demonstram interesse em trabalhar questões biológicas unidas às práticas funerárias na busca de padrões de enterramentos. Assim como os trabalhos de N.Guidon<sup>52</sup>, G.Martin<sup>53</sup>, J.Rocha<sup>54</sup> e J.Lima<sup>55</sup> aprofundaram os estudos das práticas funerárias estudando-os em contexto com os demais aspectos arqueológicos do sítio (registros gráficos, materiais líticos e cerâmicos).

As fontes arqueológicas utilizadas para desenvolver esse trabalho correspondem às publicações de autoria dos próprios pesquisadores, a fim de atingirmos dados mais precisos sobre os sítios, o que geralmente não ocorre quando trabalhamos com obras de caráter mais geral, como por exemplo, os compêndios.

Mesmo optando por trabalhar com artigos específicos de sítios que apresentam informações sobre enterramentos, não estamos isentos de depararmos com informações incompletas e dados contraditórios, o que representa um sério problema para a interpretação dos dados.

Isso, provavelmente, deva-se ao fato dos enterramentos muitas vezes não serem o objetivo primeiro dos artigos, aparecendo sempre na composição da descrição do potencial do sítio arqueológico.

Dividimos as fontes bibliográficas estudadas em dois períodos historiográficos distintos.

---

<sup>48</sup>.MACHADO,L. (1984, 1990, 1992, 1995).

<sup>49</sup>.SENE,G. (1991,1993)

<sup>50</sup>.KNEIP,L. (1992, 1993)

<sup>51</sup>.MELO e ALVIM,M. (1971,1995).

<sup>52</sup>.GUIDON,N.

<sup>53</sup>.MARTIN,G. *Pré-história do Nordeste do Brasil*. Recife: Ed. Universitária da UFPE,1999. 440p.

<sup>54</sup>.ROCHA,J. As tradições funerárias no vale do Médio São Francisco. Anais do I simpósio de Pré-história do Nordeste Brasileiro, *Clio - série arqueológica*, n.4, Recife, UFPE, 1971. p.151-153.

<sup>55</sup>.LIMA,J.M.D.de. *Arqueologia da Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus – Pernambuco*. Recife,1985. 144p Dissertação (Mestrado em Antropologia). Programa de Pós-Graduação em Antropologia, UFPE.

O período de (1940-1965), chamado de formativo da pesquisa arqueológica brasileira, é caracterizado pela atuação de amadores, e pelo despertar das instituições oficiais que procuraram criar centros universitários de pesquisas arqueológicas, com a colaboração de profissionais estrangeiros americanos e franceses, visando a formação de especialistas locais<sup>56</sup>.

No Nordeste, os estudos arqueológicos concentraram-se às margens do rio São Francisco e na faixa litorânea a procura dos sambaquis. Poucos sítios, porém, apresentaram evidências de práticas funerárias.

O etnólogo C.Estevão em 1930 trabalhou nas escavações do sítio Gruta do Padre, no município de Petrolândia (PE). O sítio sofreria mais duas intervenções, em 1960 com V.Calderón, responsável pelo Projeto Itaparica e com G.Martin em 1975. A partir do material arqueológico resgatado, obtiveram-se datações de C<sub>14</sub>, que situaram o sítio entre 4000 e 2500 anos B.P.

O período seguinte inicia-se com o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA) e a série de discussões – que seus métodos e resultados levantaram e levantam ainda hoje na Arqueologia.

Hoje, a Arqueologia brasileira caracteriza-se pela multiplicação dos centros de pesquisa; tentativas de planejamento de grandes projetos de campo, com o propósito amplo de estabelecer áreas arqueológicas<sup>57</sup>; tentativas de uniformizar nomenclaturas e vocabulários e, principalmente, creditar positivamente as datações absolutas.

Desse período provém a maior quantidade de sítios pesquisados em nosso trabalho: dezenove, distribuídos em oito áreas arqueológicas distintas.

---

<sup>56</sup>. PROUS, A. *Arqueologia Brasileira*. Brasília: Ed. UnB, 1992. 605p.

<sup>57</sup>. Área Arqueológica, segundo G.Martin (1997), deve possuir uma unidade ecológica com limites flexíveis que partilhe das mesmas características geo-ambientais e que a partir do desenvolvimento das pesquisas e dos estudos sistemáticos dos sítios nessa área determinada, se possa obter dados contextualizados que permitam determinar ocupações humanas. Os limites dessas áreas são flexíveis para acompanhar a dinâmica dos vestígios encontrados.

Nesses enterramentos, obtivemos as informações mais precisas sobre o posicionamento geográfico e a composição das sepulturas.

Atualmente, as pesquisas arqueológicas no Nordeste preocupam-se com as áreas de atuação dos grupos pré-históricos, ultrapassando os limites do sítio e expandido a compreensão do espaço utilizado pelo homem pré-histórico. Esse espaço ou área arqueológica vem sendo trabalhado de forma sincrônica e diacrônica, a fim de possibilitar maiores inferências sobre os grupos culturais que habitaram essa região em tempos remotos.

Na observação da bibliografia referente à pré-história nordestina, evidenciam-se vestígios de enterramentos nas seguintes áreas arqueológicas: Xingó (SE); Seridó (RN); Vale do Ipojuca (PE), Vale do Ipanema (PE), região de Central (BA), assim como no enclave arqueológico do Parque Nacional Serra da Capivara (PI), nos sítios do Vale do São Francisco e nos sambaquis (MA e BA).

Trabalhando com os elementos recorrentes e ausentes em cada um dos enterramentos, poderemos chegar a padronizações que serão identificadas pelas tendências de características dos agrupamentos que se formarão.

O estabelecimento de padrões funerários será dado pelo reconhecimento de características recorrentes, como tipo de enterramento (primário ou secundário); acondicionamento do corpo (fossas, urnas cerâmicas ou cestarias); acomodação do esqueleto na sepultura e quantidade de indivíduos por sepultura.

Outra problemática presente na bibliografia arqueológica referente aos enterramentos é o fato de apenas uma pequena parcela de esqueletos serem descritos. Como exemplo, temos o sítio do Justino, localizado em Xingó (SE), onde apenas quinze dos cento e sessenta enterramentos encontram-se descritos na bibliografia publicada.

De posse dos dados referentes a cada fonte, procederemos à análise das características particulares de cada sítio em cada área arqueológica.

### 3.2. Documentação Etnográfica

A utilização de dados etnográficos evita interpretações simplistas e demonstra a diversidade cultural. A tentativa de se explicar a pré-história através de dados etnográficos foi expressa, já no século XIX por L.Morgan, que dizia que uma forma de conhecer as sociedades pré-históricas seria através do estudo das civilizações primitivas atuais.

A Arqueologia sul-americana tem-se confrontado, desde seus primórdios, com sociedades variadas de caçadores-coletores e agricultores; e o contato com essas culturas, faz com que cada vez mais, documentos etnológicos aproximem arqueólogos e etnólogos na busca do passado dos grupos antigos.

Por certo, nenhuma observação realizada com grupos históricos pode revelar de forma concreta e definitiva feitos do passado, mas munindo-nos de informações combinadas: escavação; análise de laboratório e informações etnográficas, poderemos visualizar de forma mais precisa alguns horizontes do passado remoto do homem.

Os documentos etnográficos constituem uma fonte complementar para a compreensão dos enterramentos pré-históricos, sendo essenciais não somente na busca de elementos constituintes dos enterramentos, mas na procura por um diálogo onde possam ser apresentados novos questionamentos e melhores respostas ao que procuramos.

Trabalhos como os de Tylor e Frazer, no século XIX, já procuravam fazer comparativos sobre as práticas funerárias entre as populações caçadoras-coletoras, embora o fato de se ter buscado mais similaridades do que diferenças tenha tornado essas teorias frágeis. Posteriormente, os trabalhos de Hertz (1907),

Malinowski (1925) e Van Gennep (1932), dedicaram mais atenção às práticas e rituais funerários em contextos culturais diferentes.

Na segunda metade do século XX, F.Boas, apresenta seu alerta para as diversidades culturais. Obtendo a atenção dos arqueólogos para a falácia do postulado que ditava: “se os processos técnicos ou objetos da cultura material são similares em certos aspectos, também o serão em outros”.

Vincular de forma direta sociedades do passado com sociedades viventes, mesmo que ainda em estágio cultural de caçadores-coletores, nos parece perigoso, pois como afirma I.Hodder<sup>58</sup>, uma cultura pode ter manifestações iguais a outra, mas tem razões diferenciadas para suas manifestações.

Importante mencionar a não utilização aqui, de analogias diretas da cultura material das sociedades primitivas ainda viventes, com supostos grupos étnicos pré-históricos, pois compreendemos as sociedades humanas como sistemas abertos sem fronteiras, sujeitos às dinâmicas. Nos parece que nenhuma observação realizada na atualidade pode revelar de forma concreta e definitiva feitos do passado, mas cercando-se de informações combinadas (escavação, análise de laboratório e informações etnográficas), acreditamos poder visualizar de forma mais acurada alguns horizontes do passado remoto do homem, corrigindo detalhes e preenchendo lacunas relativas não só a tecnologia, mas também a sua organização social.

Na documentação arqueológica brasileira, a utilização de informações etnográficas sobre práticas funerárias está expressa nos trabalhos de G.Martin<sup>59</sup>, W.Chiará<sup>60</sup>, I.Becker<sup>61</sup>, P.I.Schimitz<sup>62</sup>, M.D.Gaspar<sup>63</sup>, J.Rocha<sup>64</sup>, J.Lima<sup>65</sup>, F.Noelli<sup>66</sup> e R.Lavina<sup>67</sup>.

---

<sup>58</sup>.HODDER,I. 1976. p.76.

<sup>59</sup>.MARTIN,G. 1997. 440p.

<sup>60</sup>.CHIARA,W. Contribuição da Antropologia para a interpretação dos resultados de pesquisas em arqueologia pré-histórica. In: *Coletânea de Estudos em Homenagem a Annette Laming-Emperaire*, Série ensaios. vol. 2. São Paulo. p.245-274.

<sup>61</sup>.BECKER,Í. Formas de enterramentos e ritos funerários em populações pré-históricas. *Revista de Arqueologia*, v. 8, n. 1, São Paulo, 1994. p.61-74.

G.Martin, J.Rocha e J.Lima trabalham com fontes etnográficas e com obras de cronistas e viajantes como auxílio para melhor compreender seus ancestrais, mas refletindo sempre a preocupação de não extrapolar dados de um campo para o outro, levando em conta as grandes distâncias cronológicas e culturais que as separam<sup>68</sup>.

Outros trabalhos como os de W.Chicara<sup>69</sup> e D.Montardo<sup>70</sup> são importantes na medida em que apresentam alguns pressupostos de como os arqueólogos podem se valer dos estudos etnológicos para realizar inferências sobre práticas funerárias na pré-história.

Ao analisarmos a problemática das fontes etnográficas de cronistas e viajantes, faz-se necessária a adoção de algumas medidas contextualizadoras para cada uma das fontes, a fim de resguardar seu comprometimento com a veracidade científica. Apontamos que o simples arrolamento de tipos básicos de enterramentos, não deve ser adotado como método comparativo e que é necessária a inclusão de outras variáveis.

Para analisar a confiabilidade das fontes primárias em relação aos grupos indígenas do Nordeste em contato com os europeus nos séculos XVI, XVII e XVIII,

---

<sup>62</sup>.SCHIMITZ,P.I.; VERARDI,I. Antropologia da Morte. Praia de Laranjeiras um estudo de caso. *Revista de Arqueologia*, São Paulo,1994. p.91-100.

<sup>63</sup>.GASPAR,M.D. Espaços, ritos funerários e identidade pré-histórica. *Anais da VII SAB*. João Pessoa. 1993. p.1-14.

<sup>64</sup>.ROCHA,J. 1971.

<sup>65</sup>.LIMA,J.M.D.de. 1985.

<sup>66</sup>.NOELLI,F.S. *Sem Tekoha não há Tekó*: em busca de um modelo etnoarqueológico da aldeia e da subsistência guarani e sua aplicação a uma área de domínio no Delta do rio Jacuí – RS. Porto Alegre. 1993. Dissertação (Mestrado em História). PUC-RS.

<sup>67</sup>.LAVINA,R. *Os Xokleng de Santa Catarina*: Uma etnohistória e contribuições para arqueólogos. São Leopoldo, 1994. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). UNISINOS.

<sup>68</sup>.MARTIN, G. 1997. p.336

<sup>69</sup>.CHIARA,W.

<sup>70</sup>.MONTARDO, 1995.

recorremos a informações de dois tupinólogos que criticaram de forma bastante severa a relação fontes-veracidade: F.Fernandes<sup>71</sup> e J.P.de Oliveira Filho<sup>72</sup>.

F.Fernandes em seu ensaio *Um balanço crítico da contribuição etnográfica dos cronistas*, propõe um exame crítico do conteúdo etnográfico das obras quinhentistas e seiscentistas, e assim abre perspectivas mais largas de aproveitamento para dados obtidos nestas fontes.

Para F.Fernandes, é possível através da utilização de dois fatores, autoridade e independência das fontes, chegar a uma confiabilidade maior de suas informações. Para tanto, estabelece que as autoridades das fontes podem ser analisadas pelo tempo e tipo de contato que alguns autores tiveram com os grupos indígenas.

Para nossa pesquisa, utilizamos as obras de autores que conviveram com os grupos indígenas do Nordeste. Tanto os que conviveram mais intimamente como G.Souza e Sousa<sup>73</sup>, F.Cardim<sup>74</sup> e Y.d'Evreux, como os que travaram contato mais esporádico com os grupos, como R.Baro e C.d'Abbeville. Utilizamos também, as obras de H.Staden<sup>75</sup> e J.Lery<sup>76</sup> que mesmo não tratando do Nordeste, são obras de caráter geral sobre os costumes dos índios Tupinambá e nos interessaram por demonstrar a diversidade dos enterramentos.

Quanto à independência das fontes, F.Fernandes se refere à influência dos autores, não só segundo as instituições religiosas e políticas das quais são pertencentes, mas também ressalta a literatura por eles consultada. Para ele, a ausência da influência de outros escritores pode ser constatada nas obras de H.Staden, A.Thevet e P.M.Gandavo. Já nas obras dos jesuítas, G.Souza e Sousa

---

<sup>71</sup>.FERNANDES,F. *Investigação Etnológica no Brasil e outros ensaios*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1975.

<sup>72</sup>.OLIVEIRA FILHO, J.P. (org.). *Sociedades indígenas e indigenismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero.

<sup>73</sup>.SOUSA, G.S.de. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. Recife: Ed. Massangana, 2000.

<sup>74</sup>.CARDIN, F. *Tratado da terra e gente do Brasil*. 3ed. São Paulo: Nacional,1978.

<sup>75</sup>.STADEN, H. *Duas viagens ao Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia/São Paulo: EDUSP,1974.

<sup>76</sup>.LERY, J.de. *Viagem à terra do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia/São Paulo: EDUSP,1980.

e J.de Lery, aparecem, muitas vezes, a clara influência de outras obras etnográficas.

A postura de Fernandes em alegar que as obras de cronistas e viajantes podem ser consideradas, observando a independência e autoridade, gerou críticas severas entre historiadores e etnólogos, como R.Raminelli e J.P.de Oliveira Filho.

A análise da documentação quinhentista e seiscentista dedicada ao cotidiano indígena permite ainda repensar as pesquisas etnográficas sobre os antigos Tupinambás. Alfred Metraux, Florestan Fernandes e Eduardo Viveiro de Castro, entre tantos outros tupinólogos, leram os relatos deixados por europeus, como homens do século XX, completamente alheios aos princípios da colonização. Hans Staden, Gabriel Soares de Sousa e Jean de Léry não eram etnógrafos (...). Para os antropólogos, as narrativas sobre ritos e mitos escritas pelos primeiros exploradores tornam-se confiáveis quando encontram similitudes com as etnografias atuais, ou quando foram descritas por mais de um testemunho. Para os historiadores os critérios apresentados pelos tupinólogos, são frágeis, pois um mesmo evento pode expressar um determinado significado no século XVI e outro, tempos depois<sup>77</sup>.

A crítica de R.Raminelli à analogia é justa, mas a preocupação etnológica atual proclama que cada geração lê as grandes obras dessa literatura produzida por cronistas e viajantes de maneira diferente e distintiva, de acordo com o seu universo simbólico. Um dos principais indícios valorativos dessas obras encontra-se exatamente na riqueza intrínseca de suas descrições.

Faz-se necessário, porém, que o historiador ou o etnólogo se conscientize que toda a informação positiva fornecida por um cronista se refere àquele grupo àquela época. Utilizando as palavras de Oliveira Filho:

o valor etnográfico de um relato histórico não é em si maior ou menor que dados de observação direta; seu valor é instrumental e depende da definição do conteúdo da investigação realizada<sup>78</sup>.

#### a) *Literatura de Cronistas e Viajantes*

Ao Novo Mundo afluíram viajantes procedentes das mais diversas nações e formações. Clérigos, religiosos, escrivãos, oficiais e soldados, aqui se tornaram os primeiros observadores de uma cultura, diferente e exótica.

Os relatos desses primeiros viajantes e aventureiros que percorriam o país, registravam a fauna, a flora e colhiam informações sobre a cultura dos nativos, no sentido de conhecer melhor os territórios ultramarinos e suas potencialidades. A documentação dessa época é bastante diversificada, atendendo as posturas teóricas e as origens diversas de seus autores.

Dentro da vasta historiografia dos cronistas e viajantes que estiveram no Nordeste e relataram os costumes dos povos indígenas que aqui viviam, escolhemos aquelas obras que tratam com melhor cuidado os ritos funerários dos grupos descritos.

Consciente do grau de fragmentação deste tipo de fonte, não faremos analogias diretas, aceitando como aponta W.Chicara, que o simples arrolamento de tipos básicos de enterramentos não deve ser adotado como um método comparativo<sup>79</sup>.

---

<sup>77</sup>.RAMINELLI, R. *Imagens da colonização: a representação do índio de Caminha a Vieira*. São Paulo: 1994. p.257-8. Tese (Doutorado em Antropologia). Programa de Pós-Graduação, USP.

<sup>78</sup>.OLIVEIRA FILHO, p.89.

<sup>79</sup>.CHIARA, p.268.

Utilizaremos tais fontes para um melhor aproveitamento dos dados obtidos nos enterramentos de grupos pré-históricos e para ilustrar a variabilidade de práticas funerárias encontradas no Nordeste.

Lembramos que as práticas observadas na literatura arqueológica encontram-se distantes, espacial e cronologicamente dos relatos e crônicas aqui mencionados. Entretanto, podem revelar algumas práticas funerárias que não deixam marcas no registro arqueológico, sendo sua existência descrita nos relatos dos observadores. Entre estas práticas está o controvertido endocanibalismo.

#### *b) documentação etnográfica e etnológica*

Na análise da literatura etnográfica, selecionarmos os dados relevantes sobre as práticas funerárias realizadas pelos grupos indígenas hodiernos, embora ressaltamos que, como a literatura dos viajantes, a documentação etnográfica compromete-se apenas em descrever o grupo humano. Atentos a isso, acreditamos que tais dados são de significativa importância na elaboração de inferências sobre as práticas funerárias evidenciadas pela Arqueologia pré-histórica brasileira.

A literatura consultada consiste em publicações dedicadas ao tema, nas quais as informações são mais detalhadas. Entre elas podemos citar M.C.da Cunha<sup>80</sup> *O mortos e os Outros*; E.V.de Castro<sup>81</sup> *Araweté: os deuses canibais*; J.C.Melatti *Ritos de uma tribo Timbira*; A.Metraux<sup>82</sup> *A religião dos Tupinambá e E.Pinto *Etnologia brasileira*<sup>83</sup>. Essas fontes apontam características de práticas funerárias realizadas ainda hoje por grupos indígenas, ou mesmo práticas antigas recuperadas pela tradição oral desses povos.*

---

<sup>80</sup>.CUNHA, 1978.

<sup>81</sup>.CASTRO, 1986.

<sup>82</sup>.METRAUX,A. *A religião dos tupinambás*. São Paulo: Nacional, 1979.

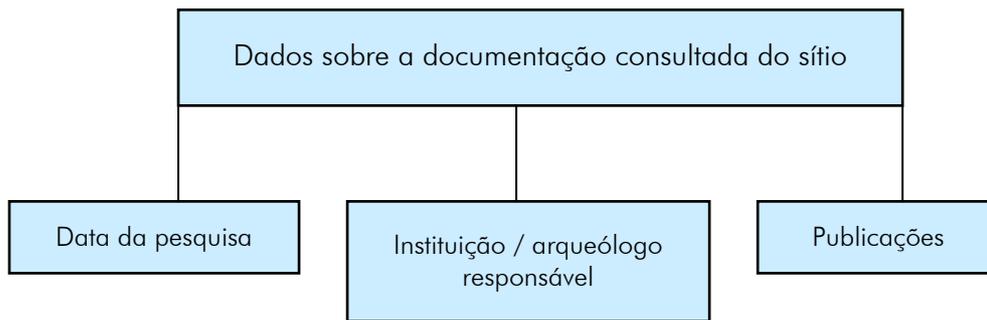
<sup>83</sup>.PINTO,E. *Etnologia brasileira: Fulniô, os últimos Tapuias*. São Paulo: Companhia Editora Nacional. Col. Brasileira, v.285. 1956.

Antes de darmos início às questões metodológicas, pretendemos esclarecer que não houve a intenção de esgotar o tema ilustrando todas as práticas funerárias descritas pela etnografia, mas apontar algumas descrições que concorram para ilustrar as práticas funerárias dos grupos indígenas habitantes da região Nordeste, ou que tragam em seu cerne, elementos significativos para o auxílio da arqueologia pré-histórica.

#### **04. Procedimento Metodológico**

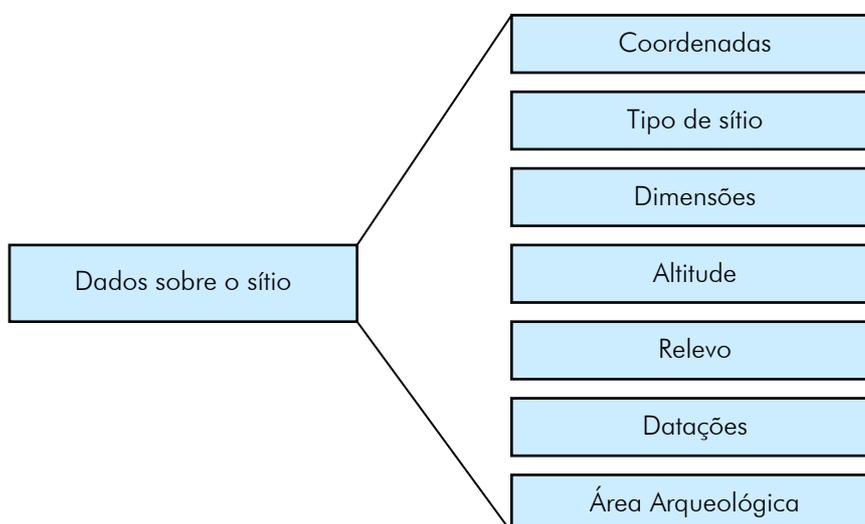
Uma das questões mais importantes na análise das fontes é a escolha das variáveis operacionais a serem trabalhadas e como se obter um maior controle sobre elas. Em nossa escolha por essas variáveis, procuramos selecionar dados que primeiro nos possibilitassem o reconhecimento do sítio a ser estudado e a metodologia utilizada na escavação. A seguir, trabalharemos o sítio em seus aspectos mais gerais (tipo de sítio e sua localização) e, por último, analisaremos os aspectos das práticas funerárias.

A sistematização de dados relativos a pesquisas realizadas nos sítios arqueológicos que apresentam vestígios de práticas funerárias, foi pensada de forma a englobar as categorias principais que tratam da documentação do sítio: data de escavação, equipe responsável e publicação. Essas categorias permitem compreender sobre qual perspectiva o sítio foi escavado, permitindo uma melhor avaliação dados sobre enterramentos obtidos nos respectivos sítios, visto que a bibliografia pesquisada não se refere unicamente às práticas funerárias, estando integrada às estruturas arqueológicas evidenciadas no sítio, que são pouco descritas (quadro 03).



Quadro 03: Esquema das categorias para o estudo da documentação.

A caracterização dos sítios arqueológicos que apresentam vestígios de práticas funerárias tem por objetivo fornecer informações gerais sobre esses sítios dentro do espaço<sup>84</sup> geográfico em que está inserido – coordenadas geográficas, tipo de sítio, dimensões, altitude, relevo, datações disponíveis e área arqueológica onde está inserido.. Essas informações permitem conhecer melhor cada sítio estudado e observar se existe algum tipo de influência dessas características nos enterramentos em si (quadro 04).

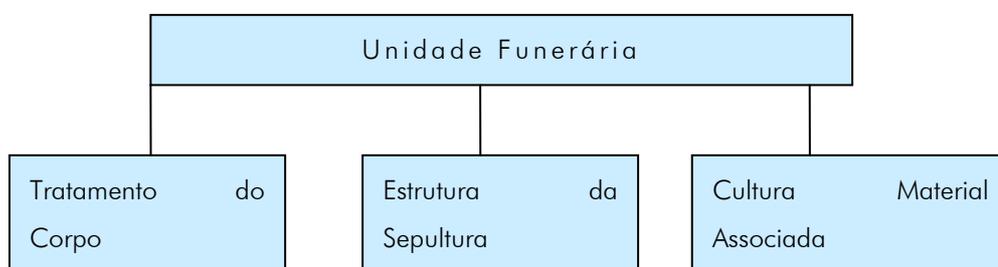


Quadro 04: Esquema das categorias para o estudo dos sítios.

<sup>84</sup>.Espaço entendido aqui como um conjunto de ações e culturas, que segundo M.Santos formam um sistema imbricado de objetos construídos a partir de ações deliberadas ou não.

As unidades funerárias (enterramentos) configuram-se em nosso principal objeto de estudo. A definição da unidade funerária baseia-se na presença de restos antropológicos ou em informações suficientes que assegurem sua presença original, ou seja, a certeza da existência de comportamentos funerários<sup>85</sup>.

Para o estabelecimento dos critérios de *unidades funerárias*, foram utilizadas três classes principais que representam os componentes de uma unidade funerária: tratamento do corpo, estrutura da sepultura, cultura material associada (quadro 05).



Quadro 05: Esquema metodológico para o estudo da unidade funerária

#### a) *Tratamento do Corpo*

Essa classe permite analisar os tipos de enterramentos (primário ou secundário); acomodação do corpo (disposição e orientação do esqueleto); quantidade de indivíduos por sepultura e presença de corante utilizado nos enterramentos – seja pulverizado sobre o corpo ou tingindo os ossos.

A deposição do corpo dentro de cova ou urna, também sofre variação em grupos culturais diferentes ou ainda, dentro do mesmo grupo. Em geral, refletem comportamentos diários efetuados pelo próprio grupo cultural.

A disposição e a orientação do corpo na cova, também devem constar como base no estudo, pois em se constatando padrões, podemos promover

inferências sobre orientação da aldeia ou mesmo pontos cardeais que se constituem em divisões importantes para o grupo.

Neste trabalho, os dados de antropologia física não foram muito utilizados, visto que nosso interesse é maior no conhecimento das práticas funerárias e na inter-relação entre os elementos do enterramento, e não em um estudo das características físicas e patológicas dos esqueletos.

Utilizamos apenas a descrição de sexo e idade do esqueleto, pois são pontos de divisão dentro de qualquer estrutura social. As divisões de trabalho e hierárquica, em geral, se fazem mediante diferenças sexuais e etárias.

#### *b) Estrutura da Sepultura*

*Sepultura* pode ser definida como o lugar onde é depositado o cadáver. A *Estrutura da sepultura* corresponde ao tipo desta (fossas, urnas ou cestas); suas características morfológicas (profundidade, largura, formato) e seu preenchimento (pedras ou restos vegetais).

Verificamos também, a existência ou não, de uma área reservada para os sepultamentos; a distribuição dos sepultamentos em relação a eles mesmos e a distribuição espacial de cada unidade, cada sepultura.

Nessas categorias, tal como na cultura material associada, poderemos encontrar e definir melhor as marcas ou interferências individuais ou coletivas junto aos enterramentos.

---

<sup>85</sup>.LECLERC, J. La Noción de sepulture. In: *Bull. Et Mém. De la Soc. D'Antrop. De Paris*, n.2.

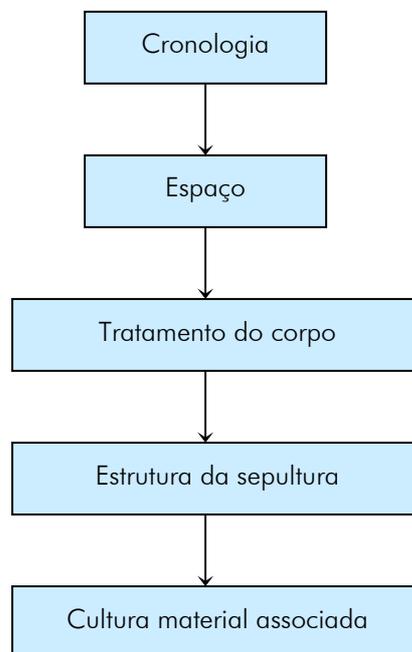
### c) *Cultura Material Associada*

Nessa classe entram todos os objetos que acompanham o esqueleto: os *artefatos* (adornos, contas de colar, tembetás); *objetos de uso pessoal* (tacapes, arcos) e também as *fogueiras*.

É a partir do cruzamento dessas categorias que pretendemos identificar as modalidades de enterramento existentes na pré-história do Nordeste e a partir dessas, estabelecer padrões para os enterramentos.

Uma vez classificados e definidos os parâmetros utilizados na construção de nossa pesquisa, procedemos a um minucioso levantamento dos sítios, analisando cada uma das categorias descritas acima.

Estabelecemos noventa e sete enterramentos distribuídos em vinte e um sítios, onde houve uma melhor apresentação dos elementos priorizados nesta pesquisa – tipos de enterramentos, morfologia da sepultura e cultura material (quadro 06).

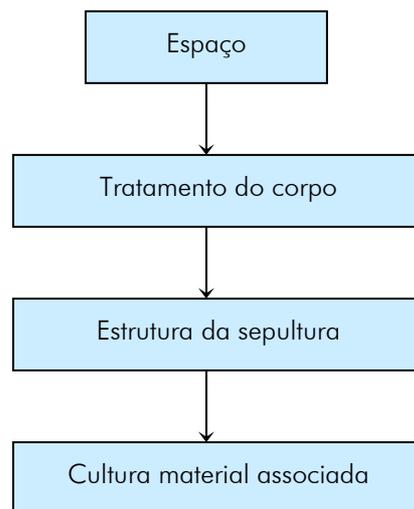


Quadro 06: Esquema para o estabelecimento dos padrões, para enterramentos datados.

Para analisar os dados obtidos, utilizaremos o que entendemos como fator determinante para qualquer classificação inicial em Arqueologia pré-histórica: a datação absoluta. A partir dela, traçaremos a homogeneidade dos demais elementos (tratamento do corpo, estrutura funerária e cultura material).

O número reduzido de elementos datados – de noventa e sete enterramentos descritos, apenas vinte e dois estão datados – nos impede de traçar um paralelo confiável com os demais ritos funerários, posto que foge ao nosso intuito inicial de priorizarmos datações dos enterramentos e não dos sítios, como é observado na maioria dos trabalhos publicados.

Assim sendo, excetuando os dados fidedignos dos vinte e um enterramentos, para o restante dos vestígios, o espaço será o caracterizador principal (quadro 07).



Quadro 07: Esquema para o estabelecimento dos padrões, para enterramentos não datados.



Fig. 01: Mapa das Áreas que aparecem vestígios de enterramentos pré-históricos.

Fonte: Adaptado de MARTIN, G. Pré-história do Nordeste do Brasil. Recife: Ed. Universitária. 1997.

## CAPÍTULO III

### DESCRIÇÃO E SISTEMATIZAÇÃO DOS ENTERRAMENTOS

#### 01. ÁREA ARQUEOLÓGICA DO VALE DO IPANEMA

As pesquisas na região do Vale do Ipanema tiveram início em fins da década de 1970, com o *Projeto Agreste*, desenvolvido pelo Núcleo de Estudos Arqueológicos (NEA) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), visando o levantamento do potencial arqueológico da Mesorregião do Agreste pernambucano, tendo como ponto de partida os sítios com grafismos rupestres. (fig. 01)

O Projeto Agreste foi responsável pela prospecção, reconhecimento e catalogação de vários sítios com pinturas rupestres, classificadas como pertencentes à Tradição Agreste<sup>86</sup>, e pelo conseqüente levantamento do potencial arqueológico dessa região.

Com o avanço das pesquisas pôde ser observado o grande potencial dos sítios encontrados na área arqueológica do Vale do Ipanema, que associada à

---

<sup>86</sup>.AGUIAR,A. A tradição Agreste: estudo sobre a arte rupestre em Pernambuco. *CLIO - Série Arqueológica*. n.3. Recife: UFPE, 1996. p.15

área do Vale do Ipojuca, abrigam mais de uma centena de sítios que variam quanto à morfologia e a presença da cultura material.

constituindo-se na área de maior importância para os estudos de grupos pré-históricos no estado de Pernambuco.

A documentação levantada para o estudo do Vale do Ipanema proporcionou a identificação de informações sobre enterramentos em três sítios: Alcobaça e PE 91-Mxa, no município de Buíque (PE) e Cemitério dos Caboclos, localizado no município de Venturosa (PE).

Ainda não foram realizados nestes sítios estudos específicos sobre os enterramentos. O sítio Alcobaça<sup>87</sup> teve seus vestígios trabalhados em maior profundidade.

### 1.1 Sítio Alcobaça

O sítio Alcobaça foi escavado pela arqueóloga Ana Nascimento, entre os anos de 1996 e 2001. Localizado no município de Buíque (PE), sob as coordenadas 8°32'24" S e 37°11'39" W, constitui-se em um abrigo sob rocha voltado para Sudoeste, situado a aproximadamente 800m em relação ao nível do mar (anexo). O paredão rochoso que compõe o abrigo possui grafismos rupestres, com características morfológicas da tradição Agreste, formando um painel com 40m de comprimento e largura variando entre 2 e 3m.

---

<sup>87</sup>.NASCIMENTO,A. 2002.



Figura 02: Sítio Alcobaça, Buíque – PE. Enterramento 04, tipo secundário.

OLIVEIRA, A. N. O Sítio Arqueológico Alcobaça Buíque, Pernambuco: Estudos das Estruturas Arqueológicas. Recife (Doutorado em História, área de concentração Pré-história) UFPE, 2001.



Figura 03: Sítio Alcobaça, Buíque – PE. Enterramento 03, tipo secundário.

OLIVEIRA, A. N. O Sítio Arqueológico Alcobaça Buíque, Pernambuco: Estudos das Estruturas Arqueológicas. Recife (Doutorado em História, área de concentração Pré-história) UFPE 2001.

As datações publicadas do sítio situam os enterramentos nas seguintes cronologias:

Número do Enterramento	Datação <sup>88</sup>
01	2466±26
02	1873±±24
03	1812±26
04	2405±30
05	2184±32

Tabela 01: Sítio Alcobaça. Datações dos enterramentos.

Os cinco enterramentos identificados no sítio Alcobaça eram do tipo secundário e estavam depositados em covas sem aparente ordenamento. Os ossos apresentavam-se bastante fragmentados, dificultando a determinação do sexo e idade dos esqueletos. A identificação do número de indivíduos por cova foi realizada pelo método de contagem mínima.

Número do enterramento	<i>Tratamento do corpo</i>							
	Nº. de esqueletos	sexo	idade	Posição	Acomodaçã o do corpo	Tipo de enterrament o	Tipo de deposição	cremação
01	06	-	-	-	-	secundário	cova	-
02	02	-	-	-	-	secundário	cova	-
03	02	-	-	-	-	secundário	cova	-
04	06	-	-	-	-	secundário	cova	-
05	?	-	-		-	secundário	cova	-

Tabela 02: Sítio Alcobaça. Tratamento do corpo.

<sup>88</sup>.Os laboratórios onde foram realizadas as datações encontram-se nos anexos.

Todas as covas eram circulares, com pedras delimitando-as e restos vegetais como forro para o acondicionamento dos ossos. Todas as covas estavam dispostas próximas ao paredão rochoso que têm abertura para o Sudoeste. (fig. 02)

Número do enterramento	Estrutura da sepultura		
	c/ pedras	c/ vegetais	Formato
01	X	X	Circular
02	X	X	Circular
03	X	X	Circular
04	X	X	Circular
05	X	X	Circular

Tabela 03: Sítio Alcobaça. Tratamento do corpo.

Em todos os enterramentos foi possível identificar a presença de fogueiras. Os ossos dos esqueletos apresentam alterações compatíveis com o aquecimento em diversos graus, e em nenhum caso apresentou carbonização<sup>89</sup>.

Os sinais de cremação após a morte, segundo A.Santos, não foram constatados nos conjuntos ósseos examinados. Os ossos e fragmentos ósseos ou foram depositados sobre o núcleo de combustão ou o núcleo de combustão foi ativado sobre o conjunto ósseo<sup>90</sup>. A.Nascimento trata como mais provável a segunda hipótese, visto que os ossos foram evidenciados imediatamente após a constatação das fogueiras, e algumas fossas ainda conservavam fragmentos de cestarias, que caso tivesse sido posta sobre um núcleo em combustão não teria sido possível a identificação devido à queima.

---

<sup>89</sup>.SANTOS,A. Alterações pós-morte em esqueletos pré-históricos: contribuição à análise tafonômica de restos esqueléticos humanos do sítio Alcobaça, Buíque, PE, Brasil. *Clio - Série Arqueológica*. n.14. 2000, p.93.

<sup>90</sup>.SANTOS, 2000, p.95.

A.Santos também observa em suas análises sobre o material ósseo, a ausência de sinais de abrasão arenoso-eólica e aquosa, com estriações e/ou polimentos produzidos por ações antrópicas<sup>91</sup>.

A presença de pigmento vermelho sobre os ossos, provavelmente óxido de ferro<sup>92</sup>, foi constatado nos enterramentos 4 e 5. Além da pigmentação vermelha nos ossos, pedaços de óxido de ferro, com marcas de utilização, estavam presentes junto aos enterramentos 1, 4 e 5.

Em todos os enterramentos evidenciados no sítio Alcobaça, aparecem vestígios de restos vegetais, podendo-se notar também, embora em estágio já bastante acentuado de degradação, restos de material trançado, representados por cordéis e cestarias, indicadores do material no qual os esqueletos foram acondicionados nas covas.

Número do enterramento	Cultura material associada				
	Artefatos	Eco-fatos	Fogueira	Adorno	Material corante nos ossos
01	Almofariz, cestaria.	Sementes, folhas de palmeira.	X	-	-
02	Cordões.	Folhas de palmeira.	X	-	-
03	Cestaria.	Cascas de babaçu	X	-	-
04	Cestaria, cordões.	Sementes, Folhas de palmeira.	X	-	Ossos pintados.
05	Cestaria, cordões.	Folhas de palmeira.	X	Pingente do osso.	Ossos pintados.

Tabela 04: Sítio Alcobaça. Cultura material associada aos enterramentos.

<sup>91</sup>.SANTOS, 2000, p.96.

<sup>92</sup>.Mineral largamente utilizado como matéria-prima em pinturas rupestres e encontrado também junto a enterramentos.

O enterramento 5 é o único que apresenta vestígios de adornos (contas de colar) junto ao esqueleto. Os vestígios ósseos desses esqueletos estavam em alto estágio de degradação que não sendo possível identificar o número de esqueletos pela contagem mínima.

## 1.2 Sítio PE 91-Mxa

Escavado na década de 1980 pela equipe do arqueólogo M.Albuquerque, esse sítio faz parte do projeto de cadastramento inicial dos sítios pré-históricos do Vale do Catimbal no município de Buíque (PE), a fim de se obter um mapeamento dos sítios na região.

O conjunto estratigráfico do sítio escavado, seguindo a orientação de níveis artificiais, revelou ocupação humana no nível inferior a 3m da superfície atual<sup>93</sup>. Os enterramentos ali localizados foram realizados no interior da caverna e não apresentavam vestígios de cremação ou fogueiras. Segundo Albuquerque, todos os enterramentos são primários e os esqueletos estavam acomodados na posição fetal. A área dos enterramentos foi datada em  $6.640 \pm 95$  anos B.P.<sup>94</sup>

Foram também evidenciadas junto aos enterramentos, cestas de fibras vegetais, depositadas sobre a cabeça dos mortos. As covas eram circulares, e estavam estruturadas com pedras e restos vegetais de orientação e dimensões não mencionadas pelo autor. Assim como a quantidade de esqueletos, tratados sempre como conjunto ósseo.

A cestaria é o único vestígio da cultura material associado a estes enterramentos. Infelizmente são poucas as informações publicadas sobre este sítio, não nos permitindo uma verticalização maior de seus dados.

---

<sup>93</sup>.Não existem dados sobre a topografia da área tampouco mapas que a revele.

<sup>94</sup>.A publicação não indica o laboratório onde foi realizada a datação.

### 1.3 Sítio Cemitério do Caboclo

O sítio cemitério do Caboclo, no município de Venturosa (PE), escavado por V.Luft em fins da década de 1980, objetivava concluir a última fase do Projeto Agreste: a escavação dos sítios prospectados e o estabelecimento de seus resultados.

O sítio consiste em um abrigo sob rocha, voltado para Nordeste, localizado na serra do Bocu, a uma altitude de 710m. O abrigo apresenta em seu teto um único painel de 2,7m de largura e 1,3m de altura formado por uma figura antropomorfa pintada em vermelho e identificada como elemento característico da Tradição Agreste, além de algumas manchas sem possibilidade de reconhecimento de elementos da realidade sensível.

O Cemitério dos Caboclos apresenta uma única camada sedimentar de 27cm de espessura, escavada em quatro níveis artificiais. Os vestígios de enterramento presentes no sítio são do tipo secundário em cova, sem ordenação dos ossos. Segundo Luft, os ossos estavam bastante queimados e fragmentados, sendo raro a presença de ossos inteiros, o que se deve ao fato da presença de fogueiras sobre eles, impossibilitando a definição de sexo ou idade. Os ossos embora muito quebrado puderam ser submetidos ao método da contagem mínima de indivíduos, obtendo como resultado um número mínimo de quinze indivíduos adultos e nove jovens.

Para Luft<sup>95</sup> são as estruturas de fogueiras que guiam a distribuição do material encontrado. O material lítico, ósseo e cerâmico está distribuído pelos espaços não ocupados por elas. As covas estão estruturadas por pedras e têm forma circular de dimensões não mencionadas nas publicações.

---

<sup>95</sup>.LUFT,V.J. *A Pedra do Tubarão: um sítio da tradição Agreste em Pernambuco*. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em História da UFPE. Recife: 1990. p.40.

Em alguns conjuntos de ossos pode ser verificada a presença de cultura material acompanhando os esqueletos, como adornos feitos de contas de sementes e pedras e pingentes feitos de ossos.

A datação do carvão encaminhado para laboratório ainda não foi publicada. Não podemos fazer para este sítio inferências sobre datações relativas, visto que tanto o material cerâmico, quanto o material lítico encontrado, não pertencem à área dos enterramentos.

## 2. ÁREA ARQUEOLÓGICA DO VALE DO IPOJUCA

As pesquisas na área arqueológica do Vale do Ipojuca ainda são insipientes. Tiveram início na década de 1980, com as prospecções no município de Brejo da Madre de Deus (PE) sob orientação de J.Lima. Na década de 1990, novos trabalhos como o de J.E.Ferreira<sup>96</sup>, evidenciaram outros sítios para a área. Porém, essa área possui poucos sítios escavados e destes apenas um, o sítio Furna do Estrago, apresenta evidências de enterramentos pré-históricos.

### 2.1 Sítio Furna do Estrago

O sítio Furna do Estrago, escavado pela arqueóloga J.Lima entre 1983 e 1985, situado no município de Brejo da Madre de Deus (PE), corresponde a um abrigo localizado na encosta Norte da Serra da Boa Vista, a uma altitude de 650m. Suas coordenadas geográficas correspondem a 8°11'36" S e 36°28'14" W.

---

<sup>96</sup>.FERREIRA,J.E. *Sítio Serra do Cachorro, Brejo da Madre de Deus, Pernambuco, Brasil: uma contribuição ao estudo da área arqueológica dos Cariris Velhos*. Recife: 1998. 115p. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, UFPE.

O abrigo possui 19m de abertura voltada para Nordeste, 4,8m de altura e 8,8m de profundidade. Não foi constatada a presença de vestígios de grafismos rupestres no abrigo, apenas nos matacões circunvizinhos.

Nesse abrigo foram descobertos 60 enterramentos superpostos entre os níveis arqueológicos ou camadas, 3 e 8. J.Lima estimou datações entre 1000 e 2000 anos B.P., baseada nos vestígios das camadas 5 (8.495 anos B.P.) e 2 (1040 anos B.P.)

Para J.Lima, durante esse período o sítio foi utilizado apenas como cemitério; a população correspondente, deveria ter um aldeamento nas imediações. Apesar das perturbações decorrentes da reutilização do espaço do sítio para os enterramentos, a maior parte deles estava em boas condições, o que facilitou a observação das fossas funerárias e dos esqueletos.

Entretanto, dos sessenta enterramentos apenas onze foram descritos na documentação do sítio<sup>97</sup>, sendo possível observar e segregar os elementos da unidade funerária. Destes onze todos foram depositados em cova e correspondem a enterramentos individuais e primários.

Os esqueletos ocupavam um pequeno espaço na cova, aproximadamente de 60x40x15cm; foram encontrados em decúbito lateral esquerdo (d.l.e.) ou direito (d.l.d.), com membros muito fletidos e associados alguns adornos (fig. 04).

Os diferenciais da forma de enterramento são observados nos recém-nascidos, depositados em cestas de fibras vegetais, em espata de palmeira ou embrulhados em esteiras de ouricuri. As crianças aparecem depositadas diretamente sobre o solo em decúbito dorsal, com braços estendidos ao longo do corpo ou com braços flexionados sobre o corpo e pernas estendidas. Nos

---

<sup>97</sup>.Os trabalhos conclusivos sobre os enterramentos do sítio Furna do Estrago, realizados pela arqueóloga J.Lima, aguardam publicação e não puderam ser consultados para esta pesquisa.

enterramentos secundários, observam-se ossos parcialmente queimados, com vestígios de corante vermelho e ausência de adornos. Estes dois tipos de enterramento porém, não estão localizados de forma precisa na publicação.

Número do enterramento	Tratamento do corpo						
	Quant. de esqueletos	sexo	idade	Posição	Acomodaçã o do corpo	tipo de enterramen to	tipo de deposiçã o
02	1	F	jovem	-	-	primário	cova
03	1	-	-	-	-	primário	cova
04	1	-	-	d.l.d.	fletido	primário	cova
05	1	M	-	d.l.d.	fletido	primário	cova
07	1	F	adulto	d.l.d.	fletido	primário	cova
11	1	M	adulto	d.l.e.	fletido	primário	cova
14	1	M	adulto	-	-	primário	cova
20	1	-		-	-	primário	cova
39	1	-	recém-nascido	-	-	primário	cova
45	1	M	jovem	d.l.e.	fletido	primário	cova
55	1	-	criança	-	fletido	primário	cova

Tabela 05: Sítio Furna do Estrago. Tratamento do corpo.

Como podemos observar no quadro abaixo, dentre os onze enterramentos descritos, temos uma totalidade de duas fossas funerárias circulares, forradas com fibras vegetais, paralelamente dispostas, formando camadas que alcançavam 3cm de espessura, que não permitiam ao corpo tocar o solo.

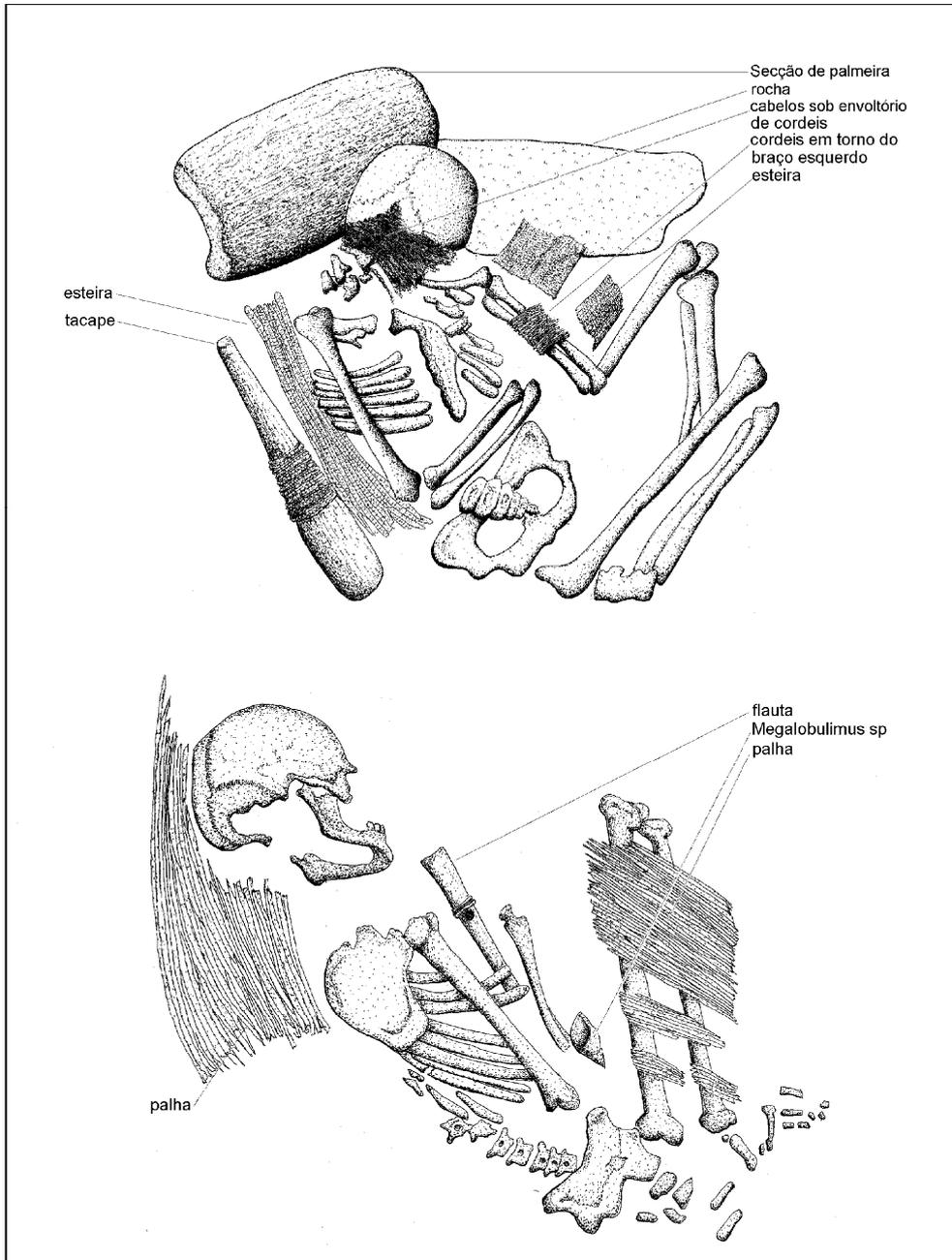


Figura 04: Sítio Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus- PE. Enterramentos primários individuais.

Fonte: MARTIN, G. Pré-História do Nordeste do Brasil. Recife: Ed. Universitária. 1997. p.318.

Número do enterramento	Estrutura da sepultura				
	c/ pedras	c/ vegetais	Formato	Dimensões	Orientação
02	-	X	-	-	-
03	-	X	-	-	-
04	-	X	-	-	Leste
05	-	X	-	-	Leste
07	-	X	-	-	Leste
11	-	X	-	-	-
14	X	X	-	-	-
20	-	X	-	-	-
39	-	X	-	-	-
45	-	X	circular	-	-
55	-	-	circular	-	Oeste

Tabela 06: Sítio Furna do estrago. Estrutura da Sepultura.

Em alguns casos, essas fibras foram encontradas junto ao corpo do esqueleto, cobrindo sobretudo a cabeça e as pernas. Junto aos esqueletos também foram observados cipós e cordéis passando ora por fora, ora por entre as fibras das esteiras, sugerindo que os pacotes funerários fossem amarrados com esses materiais e que provavelmente também serviram para descer o morto até a sepultura<sup>98</sup>.

Algumas dessas fibras que compunham as covas foram analisadas e descritas por J.Lima: palmeira (*Attalea*), com predominância do ouricuri (*Syagrus coronata* Becc), e os cordéis, identificados como caroá (*Neoglaziovia variegata* Mez.) – todas espécies encontradas na região.

---

<sup>98</sup>.LIMA, 1985, p.58.

Número do enterramento	Cultura material associada				
	Artefatos	Eco-fatos	Fogueira	Adorno	Material Corante
02	-	-	-	contas de colar	-
03	cestaria	-	-	-	-
04	-	-	-	-	-
05	-	-	-	Ping. de osso, contas de colar	-
07	-	-	-	contas de colar	-
11	flauta, cestaria	restos vegetais	-	-	-
14	tacape, cestaria	-	-	Ping. de osso	-
20	-	-	-	Ping. de silito	-
39	cestaria, cordão	restos vegetais	-	-	-
45	cordão, tacape	-	-	Cordel	-
55	-	-	-	-	X

Tabela 07: Sítio Furna do estrago. Cultura material associada ao enterramento.

Adornos e objetos de uso pessoal acompanham alguns dos esqueletos, como contas de colar, pingentes de uso mais geral e a singular presença de uma flauta e uma agulha de osso. As diferenciações quanto ao acompanhamento fúnebre podem ser observadas pela presença do óxido de ferro, que não só aparece nos enterramentos de adultos masculinos, mas está presente nos de recém-nascidos, crianças (maior frequência), jovens e adultos do sexo feminino.

### 3. Área arqueológica do Seridó

Pesquisas na área do sertão do Seridó são realizadas pelos pesquisadores do NEA, da UFPE e da Fundação Seridó, desde a década de 1980. Tiveram início com prospecções arqueológicas a fim de legitimar o manuscrito de

J.A.Dantas que contém descrições de mais de 50 sítios de pinturas e gravuras rupestres localizados na região.

A área do Seridó, até o presente momento, constitui-se na segunda maior área em concentração de registros rupestres do Nordeste. Para G.Martin esses registros apresentam características gráficas análogas às dos registros rupestres existentes no Parque Nacional Serra da Capivara (PI), classificadas pela técnica, temática e pelo agenciamento do painel, como Tradição Nordeste.

Sondagens e escavações realizadas na região indicam a presença humana na área em datação aproximada de 9400 anos B.P. Datação esta, que corresponde a alguns sítios da Serra da Capivara. Esses dados nos levam a pensar que esses grupos, provavelmente, tenham entrado em contato.

A região do Seridó está inserida entre as coordenadas 5°30'00" e 7°00'00" de latitude e 36°00'00" e 37°30'00" de longitude, compreendendo parte dos estados da Paraíba e o do Rio Grande do Norte.

De formação geológica datada do Pré-cambriano, esta região apresenta uma composição litológica caracterizada pela presença de quartzitos, gnaisses e granitos. Seu relevo apresenta-se caracterizado por *cuestas* e serras com alturas médias de 500m, cortadas pelo vale do rio Seridó e seus afluentes, pertencentes à bacia hidrográfica do rio Açu, que deságua no Oceano Atlântico.

### **3.1 Sítio Mirador**

O sítio arqueológico Mirador encontra-se na região denominada Boqueirão de Parelhas, no município de Parelhas, sertão do Seridó (RN).

O sítio Mirador de Parelhas é um abrigo formado por um paredão granítico. A área escavável do abrigo é pequena, cerca de 3x4m de superfície. A

camada arqueológica possui cerca de 60cm de espessura, de onde foram retiradas várias pedras, sugerindo uma deposição antrópica<sup>99</sup>.

As primeiras sondagens revelaram se tratar de um sítio com enterramentos do tipo secundário. O conjunto ósseo estava bastante fragmentado não sendo possível identificar a quantidade de esqueletos, podendo-se apenas verificar que alguns deles correspondiam a ossos de crianças. As pinturas que recobrem o paredão rochoso e estendem-se por cerca de 40m, não puderam ser relacionadas com os vestígios ósseos evidenciados. As covas eram estruturadas por pedras e estavam dispostas de forma circular. A orientação e formato não estão disponíveis na publicação. O conjunto funerário estava composto também por contas de colar feitas com ossos e conchas.

A área dos enterramentos encontrava-se bastante perturbada pela ação de animais<sup>100</sup>, e de caçadores da região. Outras sondagens foram retardadas pela ação de pessoas que, diante da movimentação dos pesquisadores, destruíram o sítio em busca de ouro, inviabilizando futuras intervenções, prejudicando o andamento das pesquisas e impedindo uma melhor precisão dos dados.

### **3.2 Sítio Pedra do Chinelo**

O sítio arqueológico Pedra do Chinelo, situa-se no município de Parelhas, sertão do Seridó, sob as coordenadas 06°43'28,5" S e 36°38'23,8" W, a aproximadamente 300m de altura em relação ao nível do mar. O sítio corresponde a um abrigo formado por um paredão de arenito. Sua escavação foi realizada partindo de níveis artificiais.

---

<sup>99</sup>.MARTIN, 1997. p.82

O sítio apresenta na extensão de seu paredão rochoso, a presença de pinturas rupestres classificadas como pertencentes à Tradição Nordeste, subtradição Seridó.

Esse sítio encontra-se em fase inicial de estudos, com seus trabalhos ainda em andamento<sup>101</sup>. As primeiras sondagens revelaram se tratar de um sítio de habitação, devido a grande quantidade de material cerâmico e lítico encontrados.

Até o presente momento, este sítio revelou apenas um enterramento, duplo, datado em  $1991 \pm 28$  anos B.P. A estrutura da fossa apresentava-se de forma circular, sem delimitação por pedras ou restos vegetais. A cova encontrava-se a cerca de 60cm de profundidade em relação à superfície atual. O esqueleto estava bastante fragmentado e desarticulado, não sendo possível observar a deposição original dos corpos na cova. Entretanto, indícios de pintura nos ossos nos levam a supor tratar-se de um enterramento secundário.

Foi possível identificar a quantidade e a idade dos restos esqueléticos através dos 13 dentes encontrados junto aos ossos. Pertenciam a um adulto e a uma criança. Os ossos estavam pintados, mas sem a presença de vestígios da cultura material junto a eles.

### 3.3 Sítio Pedra do Alexandre

O sítio arqueológico Pedra do Alexandre, corresponde a um abrigo sob rocha de 12x15m, localizado no município de Carnaúba dos Dantas (RN), nas coordenadas  $6^{\circ}32'00''$  S e  $36^{\circ}31'00''$  W.

O sítio traz, na extensão de seu paredão rochoso, a presença de pinturas rupestres agenciadas em sua metade Leste, a partir de 3m de altura em relação ao

---

<sup>100</sup>. Misturados aos ossos humanos foram encontrados ossos de diversos roedores.

<sup>101</sup>. Seus dados vêm sendo estudados por FONTES, M. A. F. (2003).

solo atual, estando os registros mais altos a 7m<sup>102</sup>. Esses registros foram classificados como pertencentes à Tradição Nordeste, subtradição Seridó.

As publicações sobre o sítio Pedra do Alexandre possuem grande riqueza descritiva, sobretudo os trabalhos de A.C.Torres<sup>103</sup>, M.de Mello Alvim<sup>104</sup> e A.Santos<sup>105</sup>, onde se encontram as morfologias dos enterramentos, associações destes com o espaço arqueológico e características osteobiográficas dos restos ósseos.

A datação mais antiga para o sítio (9400 anos B.P.) foi obtida para o enterramento 3, do tipo secundário, de uma criança com aproximadamente 5 anos de idade.

Dos dezenove enterramentos evidenciados em Pedra do Alexandre, apenas sete, foram datados. A cronologia varia entre 9400 e 2000 anos B.P, completando uma ocupação que se estende por um período de 7000 anos.

Número do Enterramento	Datação (anos B.P.)
01	4710±25
02	4160±70
03	9400±35
04	8280±30
06	5790±60
07	2620±60
09	2890±25

Tabela 08: Sítio Pedra do Alexandre. Datações dos enterramentos.

---

<sup>102</sup>.TORRES,A.C.P. *O sítio Pré-histórico Rupestre Pedra do Alexandre em Carnaúba dos Dantas, RN: estudo dos pigmentos*. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em História da UFPE. Recife: 1995. p.30.

<sup>103</sup>.TORRES, 1995. p.30.

<sup>104</sup>.MELLO e ALVIN,M.C.de. *et all*. Osteobiografia da população pré-histórica do abrigo Pedra do Alexandre, Carnaúba dos Dantas, RN. *Clio: Série Arqueológica*. n.11. p.17-42. 1995-1996.

<sup>105</sup>.SANTOS,A. *Paleopatologia do sítio Pré-histórico Pedra do Alexandre*. Carnaúba dos Dantas, RN, Brasil: avaliação epistemológica, radiológica e histopatológica. Recife: 1997. 264p. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História, UFPE.

Número do enterramento	Tratamento do corpo							
	Quant. de esqueletos	sexo	idade	Posição	Acomodação do corpo	tipo de enterramento	tipo de deposição	cremação
01	4	M	jovens, criança feto.	-	-	secundário	cova	-
02	1	M	jovem	d.l	fletido	primário	cova	-
03	1	M	criança	-	-	secundário	cova	-
04	?	F	adulto	-	-	primário	cova	-
05	1	?	criança	-	-	secundário	cova	-
06	1	I	?	-	-	secundário	cova	-
07	2	?	criança	d.l. (2)	fletido	primário	cova	-
08	1	?	criança	-	-	primário	cova	-
09	1	M	jovem	-	-	secundário	cova	-
10	1	F	adulto	d.l.	fletido	primário	cova	-
11	1	?	?	-	-	primário	cova	X
12	?	?	adulto?	-	-	secundário	cova	-
13	1	?	adulto?	-	-	primário	cova	-
14	1	?	?	-	-	primário	cova	-
15	2	M	?	-	-	secundário	cova	-
16	1	?	criança	-	-	secundário	cova	-
17	1	?	?	-	-	primário	cova	-
18	1	?	?	-	-	secundário	cova	-
19	1	?	criança	-	-	secundário	cova	-

Tabela 09: Sítio pedra do Alexandre. Tratamento do corpo.

Durante essa extensa ocupação do sítio, verifica-se a existência de enterramentos primários e secundários, observados numa mesma faixa cronológica.

Todas as ossadas do sítio Pedra do Alexandre foram depositadas em covas. A quantidade de indivíduos por enterramento, na maioria das vezes, é de apenas um indivíduo por cova, excetuando-se os enterramentos 1 e 7, secundário e primário, com quatro e dois esqueletos respectivamente.

Não foram observados nesse sítio indícios de cremação. Alguns ossos estão um pouco queimados devido à presença de fogueiras em suas proximidades (fig. 05).

Número do enterramento	Estrutura da sepultura		
	c/ pedras	c/ vegetais	Formato
01	X	-	-
02	X	-	circular
03	X	-	-
04	X	-	-
05	X	-	-
06	-	-	-
07	X	-	circular
08	X	-	circular
09	-	-	-
10	-	-	circular
11	-	X	-
12	-	-	-
13	X	-	-
14	X	-	-
15	X	-	-
16	X	-	-
17	X	-	-
18	-	-	-
19	-	-	-

Tabela 10: Sítio pedra do Alexandre. Estrutura da sepultura.

Foram poucos os enterramentos em que foi possível observar o sentido de deposição do corpo, devido ao avançado estado de deterioração de alguns ossos. Nos enterramentos em que foi possível essa identificação, observamos predileção pelo decúbito lateral (d.l.), tanto em enterramentos de crianças como de adultos.

Os enterramentos secundários não apresentavam acomodação ordenada dos ossos, estes foram apenas depositados sem ordem aparente.

As covas, em sua maioria, estavam estruturadas com pedras. Poucas, porém, tiveram seu formato identificado devido à perturbação natural dos sedimentos e por vezes dos próprios enterramentos, onde um se sobrepunha a outro, cortando-o ao meio (fig. 06).

Número do enterramento	Cultura material associada				
	Artefatos	Eco-fatos	Fogueira	Adorno	Mat. Corante nos ossos
01	-	-	X	contas de colar	X
02	-	pedra sobre o tórax	-	-	-
03	-	pequenas pedras	-	-	-
04	-	-	-	contas de colar	-
05	-	-	-	-	X
06	-	-	-	-	-
07	-	-	-	-	-
08	-	conjunto de quartzo	X	contas de colar	X
09	-	-	-	-	-
10	-	-	-	-	-
11	-	ossos não identificados	-	contas de colar	X
12	-	-	-	-	-
13	-	-	-	-	-
14	-	-	-	-	-
15	apito	-	-	contas de colar	-
16	-	-	-	-	X
17	-	-	-	-	-
18	-	-	-	-	-
19	-	-	-	-	X

Tabela 11: Sítio Pedra do Alexandre. Cultura material associada ao enterramento.

Algumas contas de colar foram encontradas junto aos enterramentos 1, 4, 8, 11 e 15. Estes enterramentos são tanto do tipo primário quanto secundário e não há distinção se por sexo ou idade quanto à presença deles. Um apito feito de osso animal foi encontrado próximo ao enterramento 15, um enterramento do tipo secundário que apresentava dois indivíduos adultos do sexo masculino.

Apesar da presença de óxido de ferro (ocre) em enterramentos primários e secundários, algumas pedras que não faziam parte da delimitação da cova encontravam-se próximo aos esqueletos dos enterramentos 2, 3 e 8.

#### 4. ÁREA ARQUEOLÓGICA DE XINGÓ

O início dos estudos na área arqueológica de Xingó (SE) corresponde ao projeto de salvamento para a construção da Usina Hidrelétrica de Xingó, que começou a ser construída no ano de 1987. As escavações arqueológicas, porém, só foram iniciadas em 1990.

Ao longo do trecho compreendido entre os municípios de Paulo Afonso (BA) e Xingó (SE), ocorrem terraços arenosos com altura média entre 15 e 25m acima do nível do rio São Francisco. Esses terraços são, via de regra, estreitos e posicionados na junção do rio principal e seus afluentes. Muitos desses terraços foram utilizados pelo homem pré-histórico devido a sua proximidade com a água.

Em três dos cinquenta e seis sítios escavados na região foram encontradas evidências de práticas funerárias – sítio do Justino, sítio São José II e sítio Jerimum. Este último ainda encontra-se em fase de escavação, não apresentando publicações até o presente momento.



Figura 05: Sítio Pedra do Alexandre, Carnaúba dos Dantas – RN. Enterramento 02, enterramento primário em decúbito lateral, com laje em cima do corpo. Fogueira próxima, ossos escurecidos.  
Fonte: Arquivo do Núcleo de Estudos Arqueológicos – NEA/UFPE.



Figura 06: Sítio Pedra do Alexandre, Carnaúba dos Dantas – RN. Enterramento 07, primário e duplo.  
Fonte: Arquivo do Núcleo de Estudos Arqueológicos – NEA/UFPE.



Figura 07: Sítio Pedra do Alexandre, Carnaúba dos Dantas – RN. Enterramento 10, primário, esqueleto em decúbito lateral.

Fonte: Arquivo do Núcleo de Estudos Arqueológicos – NEA/UFPE.

#### 4.1 Sítio do Justino

O sítio arqueológico do Justino encontra-se à margem direita do rio São Francisco, no município de Canindé do São Francisco (SE), ocupando um terraço elevado de 6,8m de altura na confluência entre o rio São Francisco e o riacho Curituba.

Para sua intervenção delimitou-se uma área de 1.532 m<sup>2</sup>, dividida em quadrículas de 5x5m, escavadas em níveis artificiais de 20cm, totalizando 60 níveis até o embasamento rochoso.

O material levantado no sítio do Justino o coloca entre um dos mais densos cemitérios indígenas do Brasil com mais de 160 esqueletos. Os dados das escavações indicam que durante uma faixa cronológica entre 2000 e 8000 anos B. P., o sítio foi utilizado somente para rituais funerários.

Número do enterramento	Tratamento do corpo						
	Quant. de esqueletos	sexo	idade	Posição	Acomodaçã o do corpo	tipo de enterramento	tipo de deposição
01	1	-	adulto	d.l.e.	fletido	primário	cova
07	1	-	-	d.l.d.	fletido	primário	cova
09	1	-	-	d.l.	fletido	primário	cova
11	1	-	-	-	-	primário	cova
22	1	-	-	d.l.e.	fletido	primário	cova
50	1	-	adulto	-	-	primário	cova
83	?	-	-	-	-	primário	cova
92	1	F	-	-	-	primário	cova
107	1	M	adulto	-	-	primário	cova
111	1	M	-	d.l.d.	fletido	primário	cova
116	1	-	-	d.d.	estendido	primário	cova
118	1	-	adulto	-	-	primário	cova
119	1	-	adulto	d.d.	-	primário	cova
131	1	-	-	-	-	primário	cova
147	1	-	criança	d.l.e.	fletido	primário	cova

Tabela 12: Sítio do Justino. Tratamento do corpo.

Temos poucas informações publicadas sobre as unidades funerárias desses enterramentos. Os esqueletos encontram-se ainda em casulos para serem

estudados. As primeiras análises dos esqueletos estão sendo orientadas segundo a antropologia biológica, mas ainda não apresentam dados conclusivos.

Obtivemos nas publicações, dados mais completos sobre quinze enterramentos em termos de unidade funerária, o que representa menos de 10% do total de enterramentos localizados no sítio.

Todos os enterramentos publicados e descritos para este sítio são do tipo primário, depositados em covas. A posição do esqueleto nas covas é bastante diversificada – decúbito lateral esquerdo (d.l.e.) e direito (d.l.d.); decúbito dorsal (d.d). Embora a acomodação do corpo esteja em sua maioria de forma fletida, apenas o esqueleto 16 apresenta acomodação estendida. Quanto ao formato das covas, são circulares e não apresentam vestígios de delineamento por pedras ou restos vegetais. A orientação das covas varia de Sudoeste para Noroeste e Norte. As dimensões não foram mencionadas na bibliografia, mas verificamos, *in loco*, que oscilam entre 60 e 80cm de diâmetro (fig. 08).

Número do enterramento	ESTRUTURA DA SEPULTURA				
	c/ pedras	c/ vegetais	Formato	Dimensões	Orientação
01	-	-	circular	-	-
07	-	-	-	-	Sudeste
09	-	-	-	-	Noroeste
11	-	-	circular	-	Noroeste
22	-	-	-	-	Sudeste
50	-	-	circular	-	-
83	-	-	circular	-	-
92	-	-	circular	-	-
107	-	-	circular	-	-
111	-	-	circular	-	-
116	X	-	retangular	-	Nordeste
118	-	-	-	-	-
131	-	-	-	-	-
147	-	-	-	-	-

Tabela 13: Sítio do Justino. Estrutura da sepultura.

Todos os enterramentos observados na área arqueológica de Xingó são enterramentos em covas, algumas estruturadas por pedras. Há evidências de que pelo menos alguns dos grupos humanos que utilizaram o sítio do Justino tiveram conhecimento da cerâmica, utilizando-a para cobrir a cabeça e o ventre de um dos esqueletos. Contudo, não foram encontrados vestígios de enterramentos em urnas.

Quanto à cultura material, notamos grande diversidade do material e sua disposição no enterramento. O enterramento 119 apresenta uma bacia cerâmica sobre a cabeça e outra sob o ventre, enquanto outros enterramentos primários estão acomodados sem ornamentos.

Número do enterramento	Cultura material associada				
	Artefatos	Eco-fatos	Fogueira	Adorno	Material Corante
01	-	-	-	-	-
07	lascas junto à base do crânio	-	-	-	-
09	machado	-	-	-	-
11	-	-	-	-	-
22	lascas	-	-	-	-
50	-	-	-	-	-
83	-	-	-	-	-
92	-	-	-	-	-
107	-	-	-	-	-
111	-	-	-	contas de osso	-
116	bacia cerâmica	-	-	colares braceletes e pingentes	-
118	-	-	-	-	-
119	-	ossos de animais	-	-	-
131					
147					

Tabela 14: Sítio do Justino. Cultura material associada ao enterramento.

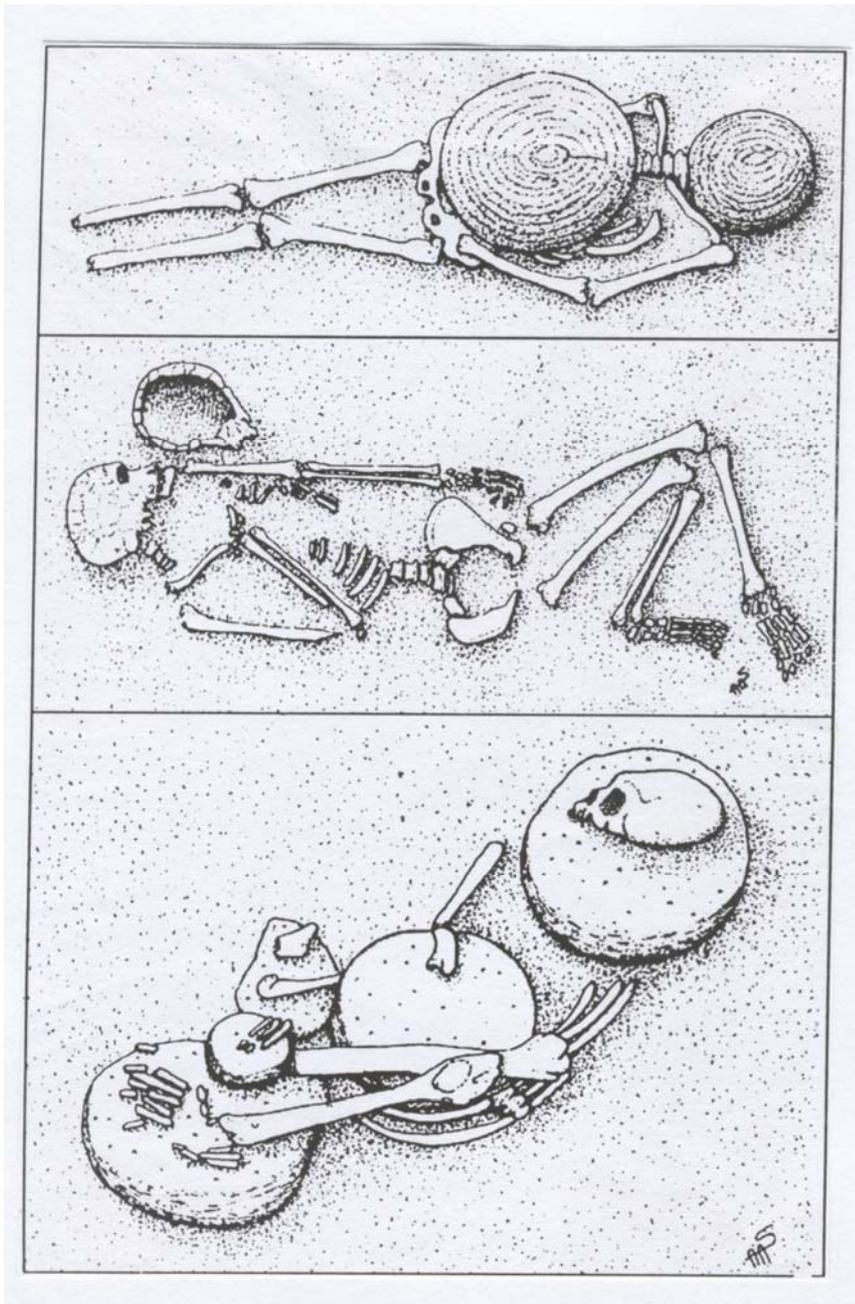


Figura 08: Sítio pedra do Justino, Canindé do São Francisco – SE. Enterramentos primários e individuais.

Fonte: MARTIN, G. Pré-história do Nordeste do Brasil. Recife: Ed. Universitária, 1997. p. 320.

A descrição do sítio do Justino fica prejudicada pelas esparsas informações, nem sempre concordantes, de seus enterramentos. A publicação dos dados dessa necrópole vem sendo aguardada com a defesa de duas teses de doutorado, que têm como tema central os enterramentos do sítio arqueológico do Justino.

## 4.2 Sítio São José II

O sítio arqueológico São José II, localizado no município de Delmiro Gouveia (AL), corresponde a um terraço a 14,3m de altura, na confluência entre o rio São Francisco e o riacho do Talhado.

A escavação desse sítio constituiu-se na abertura de uma trincheira, medindo 2x12m e com uma profundidade de 7,5m. As decapagens totalizaram 74 níveis artificiais, estabelecidos em camadas de 20cm cada; desses, apenas 37 níveis apresentaram vestígios arqueológicos.

Os enterramentos evidenciados foram envoltos em casulos de gesso e alguns escavados em laboratório. As datações relativas, consideradas para esses esqueletos, oscilam em torno de 4 a 5 mil anos B.P.

No sítio foram descobertos vinte e oito esqueletos humanos completos, dispostos em quatro pisos de ocupação, mas apenas cinco enterramentos (quatro primários e um secundário) encontram trabalhos publicados em detalhes.

Os enterramentos primários foram depositados em covas circulares, em decúbito lateral (d.l.), posição fletida. O enterramento 17 (secundário), teve seus ossos arrumados de forma circular em uma cova também circular.

Tanto nos enterramentos primários, quanto nos secundários, não foram notados sinais de cremação.

Número do enterramento	Tratamento do corpo							
	Quant. de esqueletos	sexo	idade	Posição	Acomodaçã o do corpo	tipo de enterramento	tipo de deposiçã o	cremação
05	1	-	-	d.l.d.	fletido	primário	cova	-
06	1	M	jovem	d.l.	fletido	primário	cova	-
07	1	-	-	d.l.e.	fletido	primário	cova	-
08	1	-	-	d.l.	fletido	primário	cova	-
17	1	-	-	-	ossos c/ arrumação circular	secundário	cova	-

Tabela 15: Sítio São José II. Tratamento do corpo.

As sepulturas descritas são circulares e não seguem aparentemente uma ordem para sua orientação, estando voltadas para pontos cardeais diversos.

Número do enterramento	Estrutura da sepultura				
	c/ pedras	c/ vegetais	Formato	Dimensões	Orientação
05	-	-	circular	-	Sudeste
06	-	-	circular	-	-
07	-	-	circular	-	Sul
08	-	-	circular	-	Noroeste
17	-	-	circular	-	Nordeste

Tabela 16: Sítio São José. Estrutura da sepultura.

A cultura material associada é composta por adornos e conchas. Segundo C.Vergne<sup>106</sup>, fogueira e restos alimentares também compunham o espaço funerário.

<sup>106</sup>.VERGNE,M.C.de S. Enterramentos em dois sítios arqueológicos de Xingó. *Cadernos de Arqueologia*. Sergipe: UFPE / CHESF, 1997. v.7. p.8.

Número do enterramento	Cultura material associada				
	Artefatos	Eco-fatos	Fogueira	Adorno	Material corante nos ossos
05	-	conchas	X	contas de colar	-
06	-	-	X	-	-
07	-	-	X	contas de colar	-
08	-	conchas	X	-	-
17	-	-	X	-	-

Tabela 17: Sítio São José. Cultura material associada ao enterramento.

## 05. REGIÃO DO MÉDIO SÃO FRANCISCO

Os estudos mais importantes nesta região ocorreram durante o período de construção da barragem de Itaparica pela Companhia Hidroelétrica do São Francisco (CHESF), entre 1982 e 1985. A barragem está localizada entre as coordenadas 8°00'00" e 9°30'00"S e 38°00'00" e 39°00'00"W, correspondendo aos municípios de Glória, Rodelas e Chorrochó na Bahia, além de Petrolândia, Itacuruba e Floresta em Pernambuco. Os estudos nessa área visavam o levantamento e intervenção arqueológica nos abrigos sob-rocha e nos sítios a céu aberto próximos ao rio e que iriam sofrer inundação com a construção da barragem.

O rio São Francisco atravessa neste setor um território semi-árido, com escassos recursos para o estabelecimento humano, tornando possível o estabelecimento humano apenas ao longo de suas margens e ilhas.

Características climáticas e floro-faunísticas permitem encaixar essa região na paisagem identificada como *sertão* ou mais apropriadamente domínio da Caatinga<sup>107</sup>.

As dunas presentes nessa região são concentrações de areias fixas oriundas de Pleistoceno ou Holoceno, provenientes da remoção, transporte e acumulação eólica do material arenoso componente das planícies aluviais do rio São Francisco.

Apesar do projeto de salvamento ter-se efetivado devido à construção da barragem de Itaparica, as pesquisas nessa região são poucas e os conhecimentos reunidos provêm dos estudos realizados por V.Calderón, G.Martin e C.Etchevarne. Os locais que evidenciaram esqueletos e onde houve uma maior caracterização destes foram: sítio Gruta do Padre e as duas porções escavadas nas Dunas de Zorobabel.

## 5.1 Gruta do Padre

O sítio Gruta do Padre, no município de Petrolândia foi o primeiro sítio arqueológico escavado em Pernambuco. Suas escavações tiveram início com C.Estevão na década de 1930. Na década de 1960, foi escavada por V.Calderón, seguindo uma orientação estratigráfica não verificada nos trabalhos iniciais. Hoje a gruta encontra-se submersa no lago artificial da Usina Hidrelétrica de Itaparica.

A Gruta do Padre mede 41m<sup>2</sup> de extensão e corresponde a um abrigo escavado no arenito conglomerático que forma a serra de Itaparica<sup>108</sup>.

---

<sup>107</sup>.ETCHEVARNE,C.A. *Sítios Dunares: contribuição à arqueologia do sub-médio São Francisco*. São Paulo, 1991. p.19. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, USP.

<sup>108</sup>.CALDERÓN,V. Nota prévia sobre arqueologia das regiões Central e Sudeste do estado da Bahia. In: *Programa Nacional de Pesquisas Arqueológica*. [publicações avulsas]. Belém, 1969. p.136.

Depois de um dilatado período de desocupação evidenciado por um estrato sedimentar estéril, a gruta passa a ser utilizada como cemitério. Uma espessa camada de cinzas e de ossos humanos testemunha o uso da gruta para este fim. Essa camada foi datada em 2000 anos B.P.

Segundo G.Martin<sup>109</sup>, o grupo étnico que utilizou a Gruta do Padre como cemitério, queimava os corpos dos seus defuntos fora da gruta e depois os depositava sem ordem aparente.

Os enterramentos evidenciados no sítio Gruta do Padre são do tipo secundário, depositados em covas. Devido ao estágio avançado de desgaste dos ossos, não foi possível identificar a quantidade de esqueletos presentes nas covas.

Estruturas de pedras e vegetais delimitam o espaço das covas. As publicações não trazem dados a respeito do tamanho e orientação das covas. Junto às ossadas, segundo C.Estevão, havia sementes perfuradas; dentes humanos e de roedores também perfurados; ossos de pequenos roedores preparados em forma de contas de colar; contas cilíndricas e plaquetas retangulares de concha com perfurações, além de tecidos e cordas feitas com restos de caroá (*Neoglazovia variegata* Mez), empregadas para embrulhar os corpos.

Os vestígios indicam a composição de um acompanhamento funerário. A grande extensão das fogueiras e a presença de uma pequena urna de cerâmica emborcada nos revelam que o sepultamento secundário possui características semelhantes a muitos enterramentos primários vistos em outros sítios do Nordeste.

---

<sup>109</sup>.A equipe coordenada por G.Martin, retomou as escavações realizadas por C.Estevão na década de 1970.

## 5.2 Sítio Dunas de Zorobabel

A ilha de Zorobabel ou Sorobabel localiza-se no médio São Francisco, entre os estados da Bahia e Pernambuco. Nela foram observados enterramentos isolados na área ocupada atualmente pelos índios Pankararé.

Ossos humanos evidenciados nas primeiras intervenções nas dunas de Zorobabel encontravam-se dispostos em covas, bastante queimados e quebrados, levando-nos a supor que parte dos enterramentos é secundária. A grande quantidade de cinzas junto aos esqueletos sugere a construção de fogueiras sobre a cova.

No município de Rodelas (BA), que também abriga parte das dunas, C.Etchevarne buscou compor um quadro mais elaborado sobre o material arqueológico. Em seu estudo aparecem enterramentos semelhantes a outros setores escavados. Identificados dez enterramentos, apenas quatro forneceram tênues informações sobre tipo; estrutura das fossas; acomodação e acompanhamento do corpo, devido ao grau de fragmentação dos ossos.

Número do enterramento	Tratamento do corpo						
	Quant. de esqueletos	sexo	Idade	Posição	Acomodação do corpo	tipo de enterramento	tipo de deposição
01	1	-	-	-	-	primário	cova
02	1	-	-	d.l.	fletido	primário	cova
03	?	-	-	-	-	secundário	cova
04	1	-	-	d.l.	fletido	primário	cova
05	1	-	-	-	-	secundário	cova
06	1	-	-	d.l.	fletido	primário	?
07	?	-	-	-	-	secundário	cova
08	?	-	-	-	-	secundário	cova
09	1	-	-	d.f.	fletido	primário	cova
10	?	-	-	-	-	secundário	cova

Tabela 18: Sítio Dunas de Zorobabel. Tratamento do corpo.

Os quatro enterramentos descritos são individuais, primários, e depositados em covas. Apenas o enterramento 6 foi datado, obtendo-se 860

anos B.P. Os enterramentos estão dispostos em áreas de habitação. Não há informações a respeito das análises dos outros enterramentos, impedindo afirmar se são primários ou secundários.

Existem outras informações esparsas sobre pequenos sítios situados nas ilhas e proximidades das margens do médio São Francisco, caracterizadas por enterramentos secundários em urnas cerâmicas, contudo, as publicações não trazem dados seguros sobre estes achados.

Apenas nas sepulturas 1, 8 e 9 foi possível observar estruturas circulares de pedra, mas suas dimensões não aparecem registradas na bibliografia consultada.

Número do enterramento	Estrutura da sepultura				
	c/ pedras	c/ vegetais	Formato	Dimensões	Orientação
01	X	-	circular	-	-
02	-	-	circular	-	Leste
03	-	-	circular	-	-
04	-	X	circular	-	Leste
05	-	-	circular	-	-
06	-	-	circular	-	Norte
07	-	-	circular	-	-
08	X	-	circular	-	-
09	X	X	circular	-	Sudoeste
10	-	-	circular	-	-

Tabela 19: Sítio Dunas de Zorobabel. Estrutura da sepultura.

V. Calderón menciona que muitos sítios às margens do rio São Francisco apresentam enterramentos em urnas cerâmicas, mas não menciona maiores detalhes sobre eles ou de que modo foram encontrados. Entretanto, tal situação não se repete nos sítios estudados na região do médio e baixo São Francisco. Os sítios Gruta do Padre e Dunas de Zorobabel, no médio São Francisco e os sítios Justino, São José II e Jerimum, no baixo São Francisco, não apresentam enterramentos em urnas.

## 6. ENCLAVE ARQUEOLÓGICO SERRA DA CAPIVARA

As pesquisas arqueológicas nessa área tiveram início na década de 1970 com o projeto “Povoamento do Sudeste do Piauí” coordenado pela arqueóloga N. Guidon. Ao longo de 30 anos, o projeto possibilitou a reunião de dados de grande importância para a compreensão da pré-história brasileira.

A área do Parque Nacional Serra da Capivara (PI), criado em 1979, situa-se entre duas formações geológicas de grande importância para o entendimento das migrações pré-históricas, a bacia sedimentar do Piauí-Maranhão e a depressão do São Francisco.

O Parque Nacional Serra da Capivara é o único enclave arqueológico da região Nordeste, apresentando as mais completas associações diacrônicas e sincrônicas para o estudo da pré-história da região.

### 6.1 Sítio Cana Brava

O sítio arqueológico Cana Brava foi escavado pela equipe da FUMDHAM (Fundação Museu do Homem Americano) entre os anos de 1996 e 1997. Cana Brava é um sítio a céu aberto, localizado numa área de várzea, denominada Baixão de Cana Brava. Sua datação encontra-se entre  $490 \pm 50$  e  $790 \pm 50$  anos B.P.

Foram evidenciadas durante o salvamento cinco urnas funerárias que submetidas ao casulo de gesso foram escavadas em laboratório e revelaram enterramentos primários de crianças.

As urnas foram achadas em locais de grande concentração de vestígios arqueológicos variados, indicando que os enterramentos podem ter sido realizados dentro da própria aldeia. Não existem vestígios de enterramentos de

adultos, no qual podemos inferir que eram depositados fora da aldeia como freqüentemente encontramos na etnografia, ou mesmo realizado dentro da aldeia, mas com outro tipo de inumação.

Número do enterramento	Tratamento do corpo						
	Quant. de esqueletos	sexo	idade	Posição	Acomodaçã o do corpo	tipo de enterramento	tipo de deposiç ão
01	1	-	criança	-	-	primário	urna
02	1	-	criança	-	-	primário	urna
03	1	-	criança	-	-	primário	urna
08	1	-	criança	-	-	primário	urna
10	1	-	-	-	-	primário	urna

Tabela 20: Sítio cana Brava. Tratamento do corpo.

Todos os enterramentos evidenciados no sítio Cana Brava foram feitos em urnas cerâmicas, e tratavam-se de enterramentos primários e individuais.

## 6.2 Sítio Toca da Baixa dos Caboclos

O sítio arqueológico Toca da Baixa dos Caboclos localiza-se na Chapada do São Francisco, no município de Gervásio de Oliveira (PE), dentro das coordenadas 8°26'667"S e 42°05'034"W.

O sítio constitui-se em um abrigo envolvido pelo escarpamento que marca o limite da chapada. Seu terreno foi tomado pela agricultura de subsistência. Os constantes trabalhos no solo revelaram fragmentos de cerâmicas e urnas, impulsionando uma intervenção arqueológica em 1996, retomada em 1998.

Todos os enterramentos evidenciados em Toca da Baixa dos Caboclos foram identificados como primários e individuais. Os enterramentos 1, 2, 3, 4, 5, 7 e 8 foram realizados em urnas cerâmicas e apenas o enterramento 6 em cova. Foram obtidas para este sítio duas datações, 450 anos, correspondente ao enterramento 1 e 230 anos BP para o enterramento 8 (figs. 09 e 10).

Número do enterramento	Tratamento do corpo						
	Quant. de esqueletos	sexo	idade	Posição	Acomodação do corpo	tipo de enterramento	tipo de deposição
01	1	-	criança	d.l.e.	fletido	primário	urna
02	1	-	-	-	-	primário	urna
03	1	-	-	-	-	primário	urna
04	1	-	-	-	-	primário	urna
05	1	-	-	-	-	primário	urna
06	1	M	adulto	d.l.	fletido	primário	cova
07	1	M	adulto	d.l.d.	-	primário	urna
08	1	-	criança	-	-	primário	urna

Tabela 21: Sítio Toca da Baixa dos caboclos. Tratamento do corpo.

Apesar das análises antropológicas não estarem ainda totalmente concluídas, as pesquisas no sítio revelaram enterramentos em urnas tanto de crianças como de adultos, inserindo esse sítio em uma condição muito singular no Nordeste: enterramentos primários de adultos em vasilhas cerâmicas.



Figura 09: Sítio Furna dos Caboclos, São Raimundo Nonato - PI.  
Enterramento em urna cerâmica.  
Imagem: Arquivo da Fundação Museu do Homem Americano - FUMDHAM.



figura 10: Sítio Furna dos Caboclos, São Raimundo Nonato - PI.  
Enterramento em urna cerâmica.  
Imagem: Arquivo da Fundação Museu do Homem Americano. FUMDHAM

### 6.3 Sítio Toca dos Coqueiros

O sítio arqueológico Toca dos Coqueiros é um abrigo sob rocha, localizado no vale do Baixão das Mulheres, município de Coronel José Dias (PI), entre as coordenadas  $8^{\circ}50'290''S$  e  $42^{\circ}3'739''W$ .

A área do abrigo é pequena, medindo 30m de comprimento por 2,7m de largura, situando-se a 14m acima da base do vale. O paredão rochoso apresenta registros rupestres classificados como pertencentes à Tradição Nordeste.

O sítio vem sendo escavado desde 1995 pela equipe da FUMDHAM, e possui datações que atingem 10.640 anos BP (anexo 05).

As escavações do sítio revelaram, até o presente momento, apenas um enterramento individual, primário em cova, cuja datação corresponde a 9.870 anos B.P. Ao lado dos enterramentos do sítio Pedra do Alexandre, compõe as mais antigas evidências de práticas funerárias do Nordeste do Brasil.

Esse enterramento evidenciado no sítio é primário, depositado em cova pouco profunda delimitada por grandes blocos de pedra. Em torno da cova foram evidenciados ossos de animais e cinzas de fogueiras.

O esqueleto estava na posição fetal, em decúbito lateral esquerdo. Sobre ele havia uma espessa camada de cinzas e material lítico, constituído de quinze lascas e duas pontas de flecha.

#### 6.4 Sítio Toca do Gongo I

O abrigo Toca do Gongo I no município São João do Piauí, possui 32,5m de extensão com uma altura média de 1,6m e profundidade máxima de 4,5m. O solo do abrigo é composto por calcário e areia fina, sedimento bastante seco, responsável pela boa conservação do seu material.

A Toca do Gongo I foi o primeiro abrigo escavado no Sudeste do Piauí a apresentar vestígios de enterramentos. Eles estavam dispostos linearmente, quase na entrada do abrigo, na direção Leste-Oeste. Entre os seis enterramentos, quatro foram realizados em fossas, eram do tipo primário e sobre os esqueletos havia restos de fogueiras; os outros dois esqueletos encontrados em urnas, estavam em estado bastante adiantado de fragmentação, impedindo a análise.

Número do enterramento	Tratamento do corpo						
	Quant. de esqueletos	sexo	idade	Posição	Acomodação do corpo	tipo de enterramento	tipo de deposição
01	1	-	-	-	fletido	primário	cova
02	1	-	-	d.l.	fletido	primário	cova
03	1	-	-	d.l.e.	fletido	primário	cova
04	1	-	-	d.l.e.	fletido	primário	cova
05	1	-	-	-	-	secundário	urna
06	1	-	-	-	-	secundário	urna

Tabela 22: Sítio Toca do Gongo I. Tratamento do corpo.

O fardo funerário estava composto de um tecido que análises posteriores revelaram se tratar de uma fibra vegetal, provavelmente caroá (*Neoglazovia*

variegata Mez). O esqueleto do enterramento 4, também em posição fetal como os outros, apresentava o diferencial de ter um vaso cerâmico emborcado sobre o crânio. Nos enterramentos em urnas, envolvendo o esqueleto, também foi evidenciado o mesmo tipo de material que compunha os enterramentos em fossa.

## 6.5 Sítio Toca do Paraguaio

O sítio arqueológico Toca do Paraguaio é um abrigo sob rocha, localizado no município de São Raimundo Nonato (PI), na Serra da Capivara, que neste local caracteriza-se por uma série de vales estreitos, com os boqueirões subindo até o alto da chapada. O riacho que corre em frente à Toca do Paraguaio, drena as águas que descem da chapada pelo boqueirão<sup>110</sup>.

Por sua morfologia, o abrigo parece ter sido bastante utilizado por caçadores da região; uso demonstrado pela acentuada perturbação do solo. O sedimento que forma as camadas superficiais é fino, misturado com cinzas e carvão.

No abrigo foram evidenciados dois enterramentos primários e individuais. Um esqueleto encontrava-se em posição de decúbito lateral, outro em decúbito dorsal. Foram obtidas datações de 7.000 e 8.670 anos B.P., respectivamente.

Sob o nível VIII da escavação foi evidenciada uma fogueira; certa quantidade de vegetais (sementes de maniçoba) e pequenos seixos avermelhados pela ação do fogo. A fossa funerária tinha forma alongada, com largura máxima em seu centro de 70cm, e estava inteiramente coberta por ramos dispostos segundo seu comprimento. A cabeça do esqueleto estava orientada na direção Norte-Sul, em posição estendida e em decúbito dorsal, o corpo ligeiramente

---

<sup>110</sup>.GUIDON, N. et all. Notas sobre dois abrigos pintados da Serra da Capivara, sudeste do Piauí. *Cadernos de Pesquisa – Série Antropologia*. n.1. Terezina: UFPI, 1980. p.15.

curvo. Nenhum vestígio cultural acompanhava o enterramento 1, mas provavelmente uma fogueira foi acesa sobre ele (fig.11).

Durante as decapagens do nível XIV, estavam dispostas três grandes pedras, delimitando junto com outros seixos uma fossa circular de 84cm de diâmetro a uma profundidade de 55cm. Dois grandes seixos foram encontrados sob a fossa. Eles apresentavam marcas de uso, provavelmente sejam um moedor e uma mó ou polidor.

Pela posição do esqueleto, posto que se encontrava em uma situação muito contraída, foi possível inferir que sua deposição ocorreu, no máximo, 45 minutos depois de sua morte. Sobre ele foi realizada uma fogueira de onde foram coletados os carvões para posterior datação.

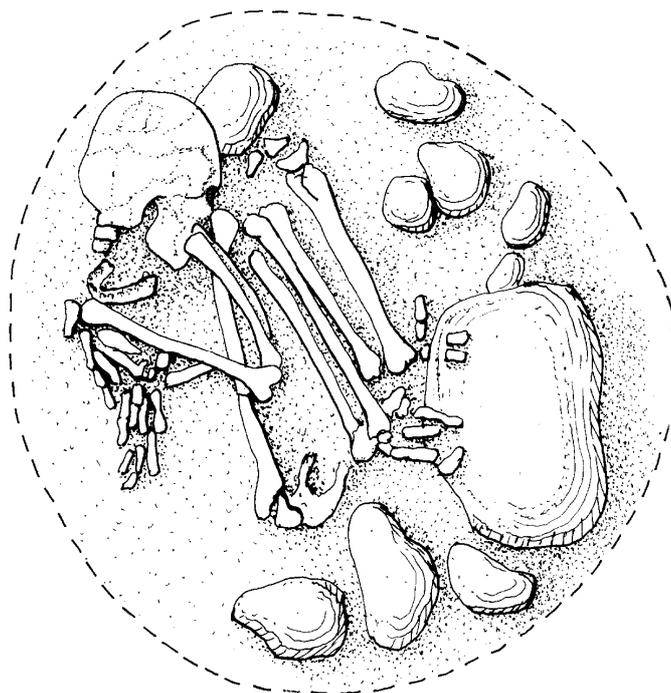


Figura 11: Sítio Toca do Paraguaio, São Raimundo Nonato – PI. Enterramento Primário individual.

Fonte: Arquivo do Núcleo de Estudos Arqueológicos – NEA/UFPE.

## 6.6 Sítio Toca do Bojo

O sítio Toca do Bojo foi escavado na década de 1980. O único rito funerário verificado no sítio, corresponde a um enterramento primário realizado em fossa circular de 70cm de diâmetro. Havia sobre a cova uma fogueira que chegou a calcinar alguns ossos do esqueleto que estava entre pedras.

O esqueleto foi depositado em posição de decúbito lateral, com membros inferiores e superiores fortemente fletidos, a mão direita encontrava-se sobre o queixo e a mão esquerda sobre a cintura.

Em concordância com os dados observados, o enclave arqueológico da Serra da Capivara encontra-se atualmente caracterizado por dois tipos de práticas funerárias: enterramentos em cova estruturados ou não por pedras e enterramentos em urnas funerárias. Ambos contendo enterramentos do tipo primário e secundário.

## 7. REGIÃO DE CENTRAL

Os trabalhos na região de Central tiveram início em 1982, sob a orientação da arqueóloga M. Beltrão. Essa região compreende uma área de aproximadamente 270 mil Km<sup>2</sup>, na depressão franciscana à margem direita do rio São Francisco, no estado da Bahia.

Dentro dessa área, nos afloramentos calcários e arenito-quartzíticos, estendem-se uma série de abrigos e grutas com pinturas rupestres e outros indícios de ocupação humana – enterramentos, fogueiras, artefatos líticos e cerâmicos –, totalizando mais de 300 sítios arqueológicos.

Beltrão afirma que ao menos durante 3.000 anos, o sítio esteve inserido na paisagem semi-árida da Caatinga, favorecendo a rápida evaporação da água dos tecidos humanos e colaborando para a boa preservação dos ossos. Infelizmente essa área, além de apresentar maior umidade em relação ao clima regional, sofre com a percolação pluvial entre os restos esqueléticos.

As escavações revelaram para essa área, a presença de poucos sítios com vestígios de práticas funerárias. Desses, tiveram seus enterramentos melhor estudados o Abrigo da Lesma e Toca dos Ossos Humanos.

### **7.1 Abrigo da Lesma**

O abrigo da Lesma corresponde a um pequeno sítio de 21m<sup>2</sup>, localizado na planície calcária da Chapada Diamantina (BA). Pesquisas revelaram vários outros vestígios arqueológicos, como material lítico, fragmentos cerâmicos e ósseos, além de registros gráficos.

O ritual funerário melhor descrito nesse sítio corresponde ao enterramento 1, datado em 2.400 anos B.P. O material ósseo foi encontrado em uma cova a aproximadamente 40cm de profundidade, em estado acentuado de fragmentação, não sendo possível classificar o tipo de enterramento. A presença de uma fogueira sobre o enterramento também pode ter contribuído para acelerar a decomposição dos ossos.

### **7.2 Toca dos Ossos Humanos**

O sítio arqueológico Toca dos Ossos é um abrigo localizado no município de Xiquexique (BA). Este sítio foi escavado entre os anos de 1983 e 1993, pela UFBA.

O único enterramento evidenciado é secundário, de um indivíduo masculino com idade aproximada de 30-35 anos. A datação feita a partir dos

ossos revelou uma idade de  $1.300\pm 70$  anos B.P. As informações mais precisas sobre esse esqueleto correspondem às análises paleopatológicas, que não fazem parte de nosso estudo.

## **8. Sambaquis**

Ainda são escassas as informações sobre sítios de sambaquis no litoral nordestino. Quanto a vestígios de enterramentos, apenas dois sítios apresentam informações: o sambaqui de Pedra Oca (BA) e o sambaqui de Maiobinha no litoral maranhense.

### **8.1 Sambaqui de Pedra Oca**

As poucas publicações sobre o sítio arqueológico de Pedra Oca, referem-se a um enterramento em cova escavada no sambaqui, cujo esqueleto encontrava-se sobre uma camada de cinzas, em decúbito lateral e fletido, com joelhos na altura do peito e a mão esquerda sobre mandíbula inferior. Uma fogueira foi acesa sobre o enterramento desprovido de mobiliário funerário.

### **8.2 Sambaqui de Maiobinha**

No sambaqui de Maiobinha foram localizados dois sepultamentos, do tipo primário, em posição fletida, junto a pequenas contas de pedra.

Este capítulo não esgota as referências sobre sítios com vestígios funerários presentes ou estudados no Nordeste brasileiro, apenas concentra-se naqueles onde há informações bibliográficas sólidas e confiáveis para a compreensão do tema proposto.

## CAPITULO IV

### CARACTERIZAÇÃO DOS ENTERRAMENTOS PRÉ-HISTÓRICOS DO NORDESTE DO BRASIL

Antes de definir a natureza dos rituais funerários, o pesquisador precisa ter claro a qual tipo de sítio os enterramentos pertencem; se os ossos esqueléticos aparecem acompanhados ou não de outros vestígios e a quais níveis pertencem os ossos e os vestígios. Somente de posse desses dados é que o pesquisador pode afirmar se são cemitérios ou sítios-habitação com enterramentos.

Nossa análise abrangeu onze sítios arqueológicos que durante o período dos enterramentos eram utilizados unicamente para esse fim. Esses sítios estão tanto a céu aberto, quanto em abrigos. (ver anexo 02)

Os sítios foram utilizados como cemitérios durante um longo período, mas possuem poucos esqueletos, o que nos leva a pensar sobre a possibilidade de que somente algumas categorias de indivíduos, caracterizados por hierarquia familiar ou social, possam ter sido enterrados nesses lugares<sup>111</sup>.

Os dados que nos levariam a distinguir hierarquia familiar são poucos para esse tipo de abordagem, visto que a análise da Antropologia biológica que dispomos ainda é muito insipiente e nos impossibilita de traçarmos esse tipo de inferência. Assim, não houve possibilidade de observar nesses sítios cemitérios distinção hierárquica. Todavia, esses sítios apresentam um número variado de

---

<sup>111</sup>.MARTIN,G. 1997. p.326.

esqueletos femininos, masculinos, infantis e adultos, em cronologias bastante distintas, que unidos à cultura material presente nestes enterramentos tratavam de grupos de caçadores-coletores que não tinham um único ambiente para enterrar os seus mortos, e sim vários, visto que esses sítios são abrigos de ocupação temporária.

Relatos etnográficos não fazem distinção de status quanto aos locais de enterramentos dos grupos indígenas que habitavam o Nordeste do Brasil. Há apenas distinção quanto aos tipos de adornos e enterramentos (urnas ou covas).

Entre os relatos de viajantes, podemos observar G. Soares de Souza, ainda no século XVI, descrevendo como o chefe tupinambá e seu filho eram enterrados – a diferença se encontra na forma e não no local onde se dá o enterramento.

“...na cova o metem assim enfeitado, e põem-lhe junto da rede seu arco e flechas, e a sua espada, e o maracá com que costumava tanger, e fazem-lhe fogo ao longo da rede para se aquecer, e põe-lhe de comer num alguidar (...) E quando morre algum moço, filho de um principal, que não tem muita idade, metem-no em cócoras, atados os joelhos com a barriga, em um pote em que ele caiba, e enterram o pote na mesma casa debaixo do chão, onde o filho e o pai se é morto, são chorados muitos dias”<sup>112</sup>.

A etnografia revela a existência de grupos indígenas que tinham lugar constante para enterrar seus mortos, como os índios que habitavam o território entre os rios Moxotó e o Pajeu, próximo a Serra do Araripe, PE (fig. 01).

“Todos errantes sem conhecimento de gênero algum de agricultura, mantendo-se de frutas silvestres, mel, e caça: um porco, um veado, um pássaro tudo era assado com cabelo, penas e intestinos. Os homens, cujas armas eram o arco e a seta, andavam nus; as mulheres cobriam-se decentemente por diante com uma rede miúda e elástica, ou uma

---

<sup>112</sup>.SOUSA, 2000. p.289.

franja larga de linha grossa e mui torcida de croata, tudo feito com arte (...), sepultavam os mortos encolhidos por falta de instrumentos, com que fizessem uma cova grande; e sempre debaixo de uma árvore frondosa, preferindo o umbuzeiro, havendo-o no lugar”<sup>113</sup>.

Segundo relatos etnográficos, os grupos que enterravam seus mortos em lugares constantes eram grupos de agricultores. Pudemos observar que nas aldeias caracterizadas como pertencentes a agricultores pré-históricos (sítio de Cana Brava e Dunas de Zorobabel), existiam enterramentos dentro dos limites destas, e nos sítios sambaquis estudados no Nordeste (Pedra Oca e Maiobinha).

Sítio	Tipo de Sítio
Abrigo da Lesma	abrigo sob rocha
Alcobaça	abrigo sob rocha
Cemitério do Caboclo	abrigo sob rocha
Mirador de Parelhas	abrigo sob rocha
Pedra do Alexandre	abrigo sob rocha
Pedra do Chinelo	abrigo sob rocha
Toca da Baixa dos Caboclos	abrigo sob rocha
Toca do Bojo	abrigo sob rocha
Toca do Gongo I	abrigo sob rocha
Toca do Paraguai	abrigo sob rocha
Toca dos Coqueiros	abrigo sob rocha
Toca dos ossos Humanos	abrigo sob rocha
Cana Brava	céu aberto
Justino	céu aberto
Dunas de Zorobabel	céu aberto
Sambaqui de Maiobinha	céu aberto
Sambaqui de Pedra Oca	céu aberto
São José II	céu aberto
Furna do Estrago	furna
Gruta do Padre	gruta
PE 91 MXA	gruta

Quadro 01: Tipos de sítios que apresentam enterramentos.

<sup>113</sup>.CASAL, 1976. p.255.

Ao observarmos a relação espaço-enterramentos, verificamos que tanto em sítios abrigos quanto nos sítios a céu aberto, aparece uma grande diversidade na composição dos ritos funerários, sem contudo, configurarem-se padrões, já que não se pode notar diferenças nos tipos de enterramentos, sepulturas ou espaços utilizados (quadro 01).

Utilizando a metodologia para as fontes, já descrita no capítulo II, obtivemos um número total de noventa e sete, vinte e dois deles datados. O restante tem apenas datação relativa para o sítio e não para os enterramentos (gráfico 01).

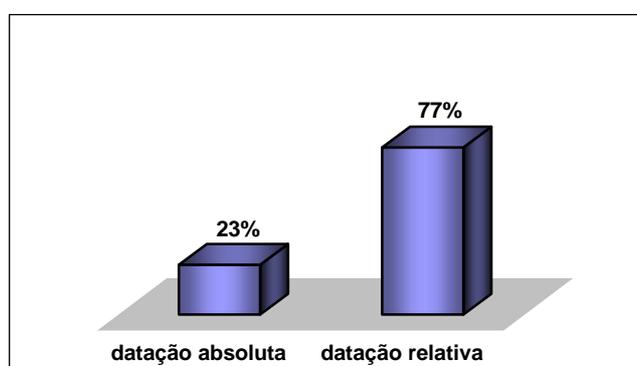


Gráfico 01: Enterramentos datados.

Daremos ênfase aos enterramentos datados, mostrando como se comportam em relação ao tratamento do corpo, às sepulturas e a cultura material associada e, quando possível, estabeleceremos padrões baseados nessas informações.

## 01 Tratamento do corpo

No universo analisado, os enterramentos primários totalizam sessenta e sete ocorrências e os secundários, trinta. Muitas vezes, os ossos em avançado grau de decomposição, quando não impossibilitam a identificação,

comprometem a confiabilidade dos dados arqueológicos do enterramento (gráfico 02).

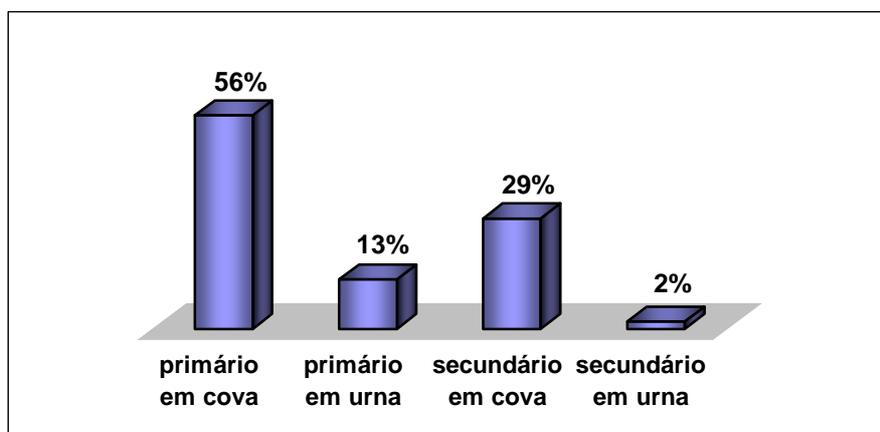


Gráfico 02: Tipos de enterramentos

Quanto à cronologia, rituais primários e secundários aparecem num mesmo momento. No sítio Pedra do Alexandre, podemos observar um enterramento secundário datado em  $9.400 \pm 30$  anos B.P. O sítio Toca dos Coqueiros, guarda a mais antiga datação para enterramentos no Nordeste do Brasil, com um enterramento primário de  $9870 \pm 50$  anos B.P. Esses dados nos permitem inferir que as práticas de enterramentos secundários no Nordeste são tão antigas quanto às de enterramentos primários.

O enterramento secundário porém, não é uma prática observada em todos os grupos da América. Existem grupos que permanecem apenas com o enterramento primário e outros, como os índios Araweté, abrem as sepulturas apenas para a inspeção, a fim de se assegurar do desaparecimento das partes moles do cadáver. Visto isso, não fazem um novo sepultamento, mas as covas abertas assim permanecem, sendo tratadas com indiferença, como o próprio esqueleto, não se temendo nem se protegendo os ossos.

Os enterramentos secundários nem sempre ocorrem nos mesmos lugares que os primários. Através de dados etnográficos, pudemos observar grande

variedade nos locais de enterramento. Entre os índios Krahò, o cadáver era exumado cerca de um mês depois do primeiro enterro.

“Quando a carne do morto desaparecia, chegava o tempo de abrir a primeira sepultura, a qual estava atrás, do lado ou na frente da casa; faziam-no de manhãzinha, ou de tardezinha, para evitar que o vento espalha-se pela aldeia o mau cheiro. Os ossos eram pintados com urucum, envolvidos numa esteira e novamente enterrados. Agora o enterramento era feito dentro das próprias casas”<sup>114</sup>.

Ao analisarmos a distribuição geoarqueológica dos sítios no NE brasileiro, constatamos que os enterramentos secundários foram bastante difundidos entre os grupos pré-históricos. Em sítios de meia encosta, de vales ou de terraços fluviais, aparecem enterramentos secundários, assim como também nos sítios a céu aberto (São José e Justino) e nos abrigos (Furna do Estrago e Alcobaça). Apenas nos sambaquis estudados observamos ausência desse tipo de enterramento. Para os enterramentos primários também não observamos um padrão quanto à localização, sendo evidenciados nos mesmos locais que os secundários.

A prática de enterramentos secundários deixa de aparecer na bibliografia referida, a partir de 1300±70, com o enterramento secundário do Sítio Toca dos Ossos Humanos (BA). As cronologias mais recentes para os enterramentos referem-se a enterramentos primários, como podemos constatar nos sítios Toca da Baixa dos Cablocos (PI) com as datações de 450±35 e 230±50 anos B.P. e o sítio Dunas de Zorobabel (BA) com 850±50 anos B.P. Neste momento, os grupos indígenas enfrentavam constantes batalhas com os europeus – que tentavam expulsá-los – e sofriam constrangimentos nas missões que lhes obrigavam a uma mudança das práticas rituais, incluindo os enterramentos secundários.

Sabemos que muitos grupos indígenas sofreram imposições externas, efetuadas por missionários e mesmo influências regionais, tais imposições

---

<sup>114</sup>.MELATTI, 1978. p.111.

fazendo com que alguns grupos abandonassem seus enterramentos secundários; práticas endocanibalísticas; inumações dentro das casas e passassem a adotar o uso de cemitérios cristãos.

Alguns grupos pré-históricos possuíam locais diferenciados para seus enterramentos primários e secundários, como os grupos que habitaram o sítio Alcobaça num período compreendido entre  $2466\pm 26$  e  $1812\pm 26$  anos B.P. Ali, só foram realizados enterramentos secundários; esse grupo, provavelmente, tinha outro local para seus enterramentos primários.

Alguns grupos indígenas atuais ainda praticam o enterramento secundário. Neles, observamos que nem todos os indivíduos do grupo têm acesso aos enterramentos secundários. Entre os índios Krahò, essa modalidade funerária é reservada apenas aos homens iniciados e mulheres associadas ao rito de iniciação ou a grupos masculinos.

Para que esses dados fossem transportados para a Arqueologia pré-histórica do NE, necessitaríamos de um número maior de esqueletos com identificação de sexo e idade. Temos, entre as amostras estudadas, vinte e quatro enterramentos com possíveis identificações para sexo e quarenta para idade.

Dentro dessa amostra não aparecem enterramentos secundários femininos, apenas de crianças e adultos masculinos. Todos os enterramentos identificados como femininos são primários.

Os rituais funerários secundários também se apresentam distintamente na etnografia. Alguns grupos preocupam-se em limpar e pintar os ossos, muitas vezes, em depositá-los em outros recipientes. Entre os índios Bororo, o corpo fica depositado na cova até o apodrecimento da carne. Após alguns dias, retiram as ossadas que são lavadas no rio, depois pintadas e enfeitadas, postas em uma cesta que é colocada no fundo de um rio. Para os índios Camacã, ocorrem após quatro anos da inumação, quando então levam os ossos do cadáver para aldeia, depositam em um girau novo, pintado de várias cores e recoberto com terra

batida. Os restos mortais são então postos num camocim que é enterrado, a boca da urna que fica à flor da terra. Finalmente, cobrem tudo com varas soltas<sup>115</sup>.

Apesar de muito difundida a idéia de material corante, poucos enterramentos pré-históricos no NE revelam a presença desse tipo de material. Foi observado esse tipo de prática apenas nos enterramentos secundários dos sítios Alcobaça<sup>116</sup> e Pedra do Alexandre. Enterramentos primários, onde uma grande quantidade de ocre triturada foi depositada sobre o corpo do morto, pode ser observado nos sítios Dunas de Zorobabel, Pedra do Alexandre, Toca do Bojo e Furna do Estrago (gráfico 03).

Nos enterramentos secundários pré-históricos, observamos a utilização de material corante sobretudo em enterramentos de crianças. Nos enterramentos primários femininos não aparecem vestígios de óxido de ferro. As datações para a utilização de ocre nos rituais funerários do NE aparecem a partir de  $5790 \pm 60$  anos B.P., no enterramento secundário do sítio Pedra do Alexandre. O mais recente registro para a utilização do corante é 860 anos B.P, para o enterramento primário do sítio Dunas de Zorobabel.

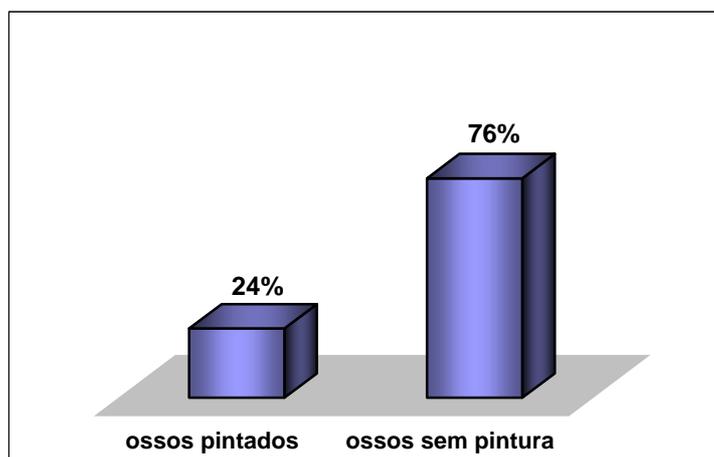


Gráfico 03: Utilização de material corante nos enterramentos.

---

<sup>115</sup>.PINTO, 1956. p.206.

<sup>116</sup>.Neste sítio, junto com os ossos pintados, foram encontrados também pedaços de ocre (óxido de ferro) com marcas de utilização.

Entre os tratamentos destinados ao corpo está a prática da cremação, difícil de ser constatada nos registros arqueológicos devido ao alto grau de fragmentação infringida aos ossos submetidos a essa prática. Nos sítios Gruta do Padre e Cemitério dos Caboclos foi possível observar essa prática, que difere das situações onde os ossos são parcialmente queimados devido ao grau de aquecimento gerado por fogueiras logo acima do sedimento que recobre o enterramento, como no sítio Alcobaça. Essa queima, segundo A.Santos, faz com que os ossos apresentem alterações compatíveis com o aquecimento em diversos graus, mas não se carbonizam.

O número de esqueletos por sepulturas também foi observado no tratamento do corpo. Constatamos na amostra estudada, a existência de uma predileção por enterramentos individuais no Nordeste do Brasil. Observamos apenas um enterramento primário duplo, no Sítio Pedra do Alexandre, que a julgar a disposição do corpo, podemos pensar que houve uma intrusão de uma cova em outra, pois os esqueletos estavam depositados de forma bastante diferente (gráfico 04).

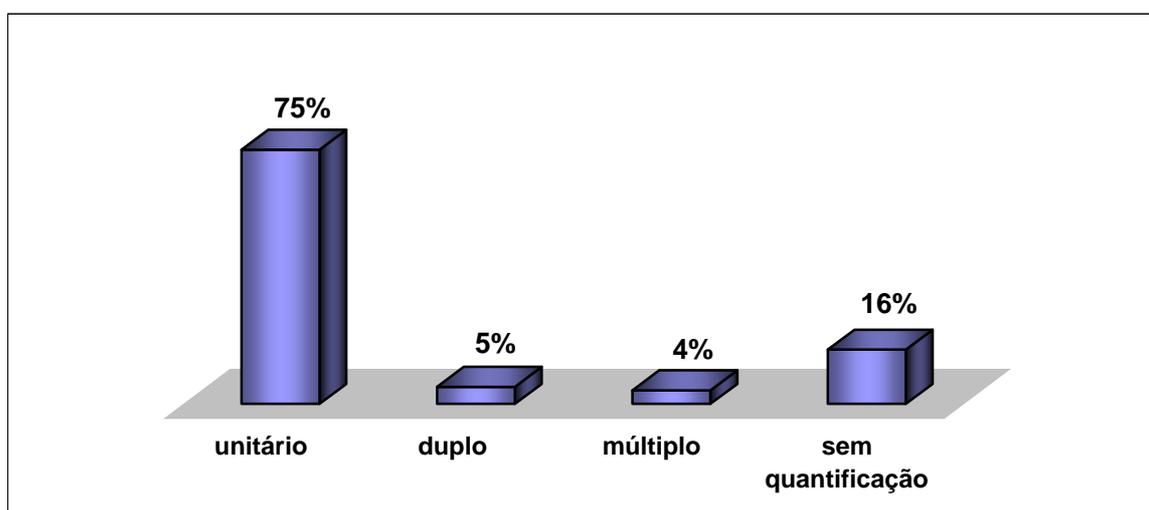


Gráfico 04: Quantidade de esqueletos por enterramentos.

Relacionamos ainda, uma pequena quantidade de enterramentos secundários duplos ou múltiplos. O sítio Alcobaça, foi o que apresentou o maior

número de esqueletos<sup>117</sup> por cova em datações mais recentes (1812±26 anos B.P.), ao passo que no sítio Pedra do Alexandre, enterramentos duplos ou múltiplos recuam até 4710±25 anos B.P.

Quanto a posição e acomodação do esqueleto, pouco é mencionado na documentação arqueológica. Entretanto, essas informações são muito importantes na hora de se buscarem padronizações para os enterramentos, visto que o tipo de acomodação, muitas vezes, revela a particularidade de um grupo cultural.

A disposição do corpo na cova não raro segue a orientação do caminho para o “vale dos mortos”, outras vezes está ligado aos pontos cardeais e, ainda, à orientação da aldeia. Atualmente entre os índios Krahò, o corpo é envolto por esteiras e sepultado em posição horizontal deitado de costas, com a cabeça para Leste – esta é também a orientação, segundo eles, ideal para quem está dormindo e os jiraus (camas de varas) estão assim dispostos. Toleram uma orientação diversa, mas em nenhum caso a cabeça deve ficar para Oeste.

“A cabeça deve ficar para Leste, pro Pêd (Sol) ensinar direito pra alma (karô) fica sabida, pra saber subir e atravessar na água. Se dormir com a cabeça para oeste, fica doente e morre. (...) fica ruim do juízo”<sup>118</sup>.

O gráfico 05 traz uma análise dos noventa e sete enterramentos estudados. Nota-se predileção dos grupos pela posição da cabeça do cadáver orientada para Leste ou Norte; orientação aliás, para a abertura da maioria dos abrigos. Não obstante, esse padrão não diferencia os cadáveres segundo sexo ou idade.

A acomodação do corpo fletido com membros flexionados, inferiores e superiores, é observada em trinta e cinco enterramentos. A acomodação estendida é rara, aparecendo apenas cinco vezes. O decúbito lateral aparece

---

<sup>117</sup>.Utilizou-se o método da contagem mínima, pois os ossos estavam bastante fragmentados.

<sup>118</sup>.CUNHA, 1978 p.26.

trinta e três, o decúbito lateral dorsal sete e o decúbito frontal em apenas 1 enterramento.

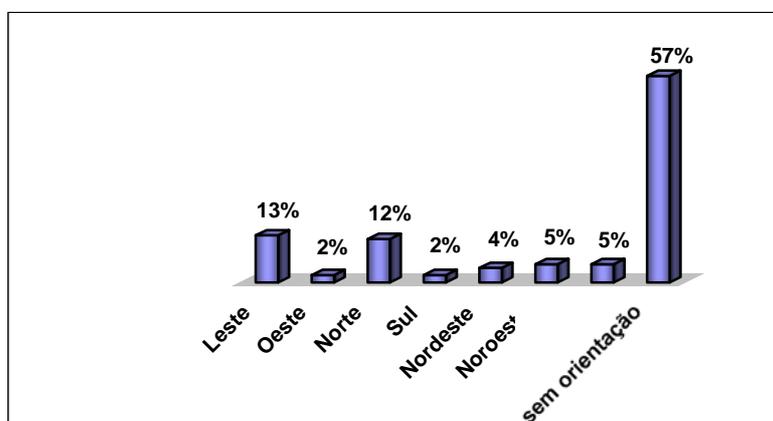


Gráfico 05: Orientação dos crânios dos esqueletos nos enterramentos.

O sítio Toca do Paraguaio traz um enterramento em posição estendida datado de  $7000 \pm 100$ , como a data mais recuada para essa situação. Infelizmente, outros enterramentos não fornecem dados temporais que contradigam tal informação.

A posição também pode ser um dos indicadores do tempo que se leva para enterrar o corpo. Segundo N.Guidon a julgar pelos membros tanto superiores quanto inferiores flexionados, os enterramentos foram realizados imediatamente após a morte do indivíduo, caso contrário o enrijecimento do corpo não daria condições ideais de flexibilidade para membros superiores e inferiores.

Poucos enterramentos secundários apresentaram seus ossos dispostos de forma intencionalmente organizada. Observamos este tipo de prática apenas no sítio do Justino, onde os ossos se apresentam quebrados e polidos e no sítio São José, cujos ossos foram enterrados em ordenamento circular.

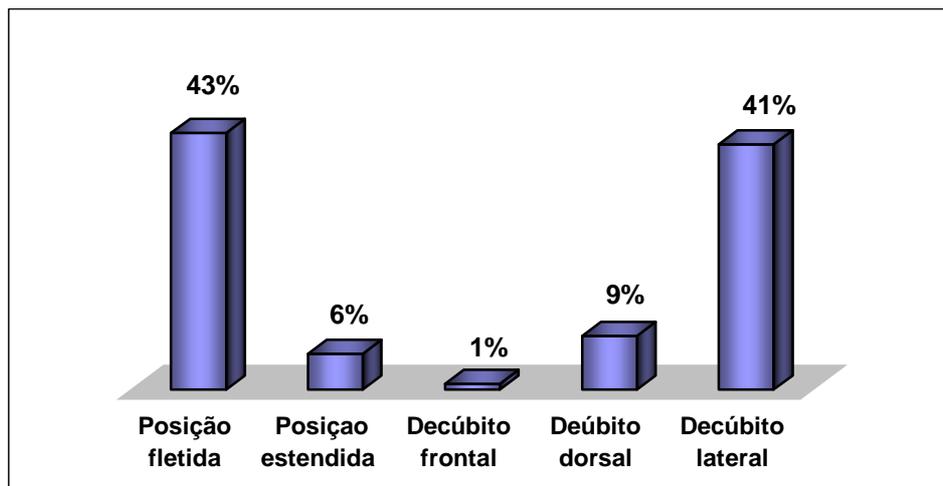


Gráfico 06: Posição e acomodação do esqueleto na cova.

Enterramentos com os corpos sentados podem ser observados em alguns relatos etnográficos, como em *Corografia Brasílica* do Padre M.A.Casal<sup>119</sup>. Em uma de suas descrições sobre os índios Mongoió da comarca de Ilhéus, o padre relata mortos enterrados nus e sentados em covas, posição difícil de ser observada no registro arqueológico, impossibilitando um maior conhecimento sobre essa prática e seu transporte para a pré-história. No sítio Toca do Gongo I, admite-se a possibilidade do enterramento em cova ter sido realizado com o corpo sentado em conexão anatômica, embora a cabeça apareça separada do corpo, colocada em posição vertical sobre a fossa, separada do resto do esqueleto, com uma camada de sedimento de aproximadamente 20cm.

## 02 Sepulturas

Quanto à estrutura das sepulturas, as amostras estudadas nos revelaram que, para o NE, tem-se muitas notícias esporádicas de achados funerários em urnas cerâmicas e não muito confiáveis na medida em que esses sítios não foram

<sup>119</sup>.CASAL, 1976, 342p.

escavados por arqueólogos. Predominam os clássicos achados de aribés ou igaçabas contendo ossos humanos, cinzas ou ambos<sup>120</sup>.

Em escavações realizadas por arqueólogos, observamos nas descrições, um predomínio de enterramentos em covas em relação a urnas funerárias – mesmo para datações recentes e para grupos ceramistas.

O acondicionamento do morto em urnas cerâmicas no NE, também não é muito comum na descrição de cronistas. Observamos a menção de urnas nos relatos de Simão de Vasconcellos<sup>121</sup>, que se refere a enterramentos em vasos de barro chamados *igaçaba*. F.Cardim também elabora uma importante descrição do tratamento dado aos mortos entre os Tapuias do NE, referindo-se à utilização de vasos cerâmicos.

“Depois de morto, o lavam e o pintam muito galante, como pintam os contrários, e depois cobrem de fio de algodão que não lhe aparecem nada, e que metem numa cuia no rosto e assentado-o metem em um pote que para isso tem debaixo da terra, e cobrem de terra”<sup>122</sup>.

Esse tipo de acondicionamento do corpo aparece em apenas quatorze dos cento e onze enterramentos, tanto em sítios a céu aberto (Cana Brava) quanto em abrigos (Toca da Baixa dos Caboclos, Toca do Gongo I). Esses últimos, apresentam também enterramentos em covas. Fato observado na etnografia, onde a distinção era feita por sexo e idade. Em alguns grupos, as urnas funerárias eram utilizadas apenas para os enterramentos a crianças, enquanto o enterramento em covas era destinado aos adultos.

Mesmo com um número baixo de urnas funerárias, e um número ainda menor de sítios onde foram identificados nos esqueletos o sexo e a idade, observamos que as urnas são, em sua maioria, destinadas a sepultamentos

---

<sup>120</sup>.MARTIN, 1997, p.323.

<sup>121</sup>.VASCONCELOS, 1977, p.126.

<sup>122</sup>.CARDIM, 1978. p.111.

infantis. Apenas o sítio Toca dos Caboclos possui enterramento de um adulto masculino em urna (anexo).

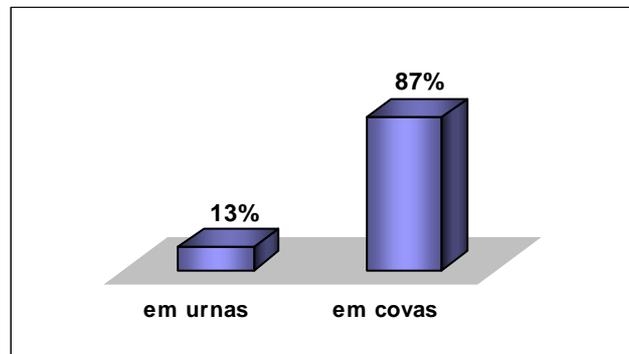


Gráfico 07: Tipos de sepulturas.

Em termos de formato das fossas funerárias, temos um predomínio de fossas circulares (gráfico 08), tanto para enterramentos primários quanto secundários.

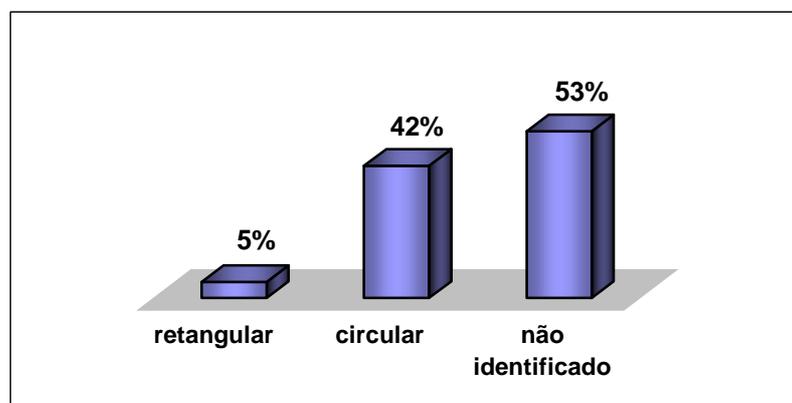


Gráfico 08: Morfologia das covas.

Em relação à cronologia embora tenhamos registros bastante recuados de fossas retangulares (sítio Toca do Paraguaio, 7000±100 anos B.P.), existe um predomínio de fossas circulares em cronologias diversificadas. Nos enterramentos primários, o formato das covas delinea o indivíduo ali depositado. Como existe um predomínio da posição fetal, as covas seguem a orientação circular. Nos

enterramentos secundários, os ossos são depositados concentrados nas covas, que em geral são rasas e também circulares.

Descrições de covas circulares também aparecem em relatos de viajantes e missionários, entre eles o capuchinho Claude d'Abbeville que descreve a deposição do corpo na cova entre os índios Tupinambá do Maranhão.

“Quando morre um deles, reúnem-se e lamentam, como já disse entoando louvores ao defunto. Vestem-no em seguida com todos os seus ornatos e cavam uma cova redonda de quatro a cinco pés de profundidade e aí colocam o corpo, curvado de modo que os pés toquem a cabeça. Finalmente entre gritos e lamentações cobrem-no de terra e deixam-no assim enterrado”<sup>123</sup>.

Quanto à delimitação ou preenchimento, observamos que quarenta dos enterramentos estudados apresentam suas covas (circulares ou retangulares) delimitadas por pedras. Essa delimitação aparece em cronologias diversificadas: sítio Toca dos Coqueiros, 9870±50 anos B.P., um enterramento secundário e na Toca da Baixa dos Caboclos, 230±50 anos B.P., um enterramento primário.

A preocupação em forrar a cova com restos vegetais também foi observada em 28% dos enterramentos analisados. Embora considerado um material de pouca durabilidade, de caráter fugaz nos registros arqueológicos, a presença de restos vegetais remete a cronologias bastante recuadas: 7.000±100 anos B.P. no sítio Toca do Paraguai e 6.640±95 anos B.P no sítio PE 91-Mxa.

G.Souza de Sousa menciona a preocupação dos índios Tupinambá com o corpo do morto tocar a terra (fig. 01).

“...amarram-lhe suas redes em baixo de maneira que não toque o morto no chão, uma cova muito funda e grande, com sua estacada de redor para que tenha a terra que não caia sobre o defunto...”<sup>124</sup>.

---

<sup>123</sup>.D'ABBEVILLE, 1975. p.256.

<sup>124</sup>.SOUSA, 2000. p.289.

Na etnografia é comum também encontrar relatos sobre ramagens ou madeiras dentro das covas, tanto nos enterramentos primários quanto nos secundários, representando o cuidado para que o corpo não entrasse em contato com as impurezas da terra, ou mesmo a preocupação com animais cavadores.

Entre os índios Krahò, a cova tem o fundo forrado com esteiras e os lados das sepulturas são guarnecidos com madeira a pique, que servem para proteger o cadáver do tatupeba; o morto é deitado no fundo, arrumado e pintado. A boca da sepultura é fechada com uma estiva<sup>125</sup> de madeira, coberta de esteiras, e recoberta com um “montão de terra”.<sup>126</sup>

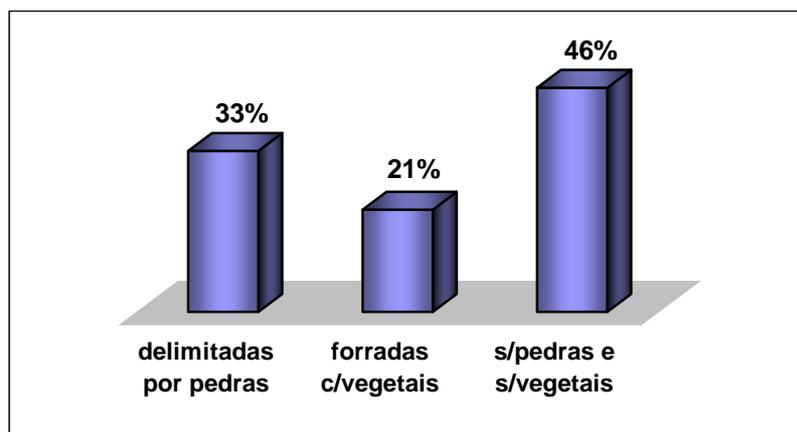


Gráfico 9: Delimitação e preenchimento das covas.

<sup>125</sup>.Troncos colocados um ao lado do outro.

<sup>126</sup>.CAMPELO, 1957, p.54-55.



Fig. 01: O rei Jeppipo Wasu, enterrado em cova na própria aldeia, seu corpo é envolto em esteira.

Fonte: DE BRY, T. Americae Tertia, Paris: Ed. Francofort, 1992. (viagem de Hans Staden 1549-

A dimensão das covas em geral é pequena, se ajustando ao corpo flexionado. É também pouco profunda, a julgar pela profundidade em relação ao nível de ocupação registrado na estratigrafia do sítio.

Poucas são as documentações arqueológicas que fazem menção à profundidade e circunferência da cova. Fizemos essa observação através dos desenhos dos enterramentos, a partir daqueles cujas escalas estavam precisadas, e através do perfil do sítio, onde aparecia o provável nível de ocupação dos enterramentos.

### 03. Cultura material associada

Ao trabalharmos a cultura material associada aos enterramentos, distinguimos quatro tipos de elementos: acompanhamentos, adornos, artefatos associados e fogueiras.

Acompanhamentos funerários são elementos encontrados junto aos esqueletos, podendo simbolizar status ou serem práticas comuns a todos os mortos do grupo. Os índios Apinayé envolviam seus mortos em esteiras e sepultavam-nos junto aos seus teréns<sup>127</sup>. A preocupação em depositar o corpo do morto junto aos seus objetos de uso pessoal encontra-se em muitas sociedades ligada a crença de vida após a morte, onde o morto necessitaria destes objetos.

Além dos objetos de uso cotidiano, alguns grupos enterravam seus mortos junto com alimentos. Os índios Akwé, enterravam seus mortos sentados em sepulturas cilíndricas, juntamente com seus beijos, mendubis e sua cabaça d'água. Assim como os índios Timbira, que punham o cadáver sentado dentro de um coifo ou ceirão de palha, colocando-lhe nas pernas batata, milho e mendubi (amendoim)<sup>128</sup>.

---

<sup>127</sup>.Objetos de uso pessoal.

<sup>128</sup>.PINTO, 1956.

Na documentação arqueológica observamos que poucos enterramentos apresentam acompanhamentos (gráfico 10). Os acompanhamentos são, em geral, objetos com marcas de uso como tacapes, pilões, flautas, apitos, almofarizes, machados, raspadores, pontas de flecha.

Os envoltórios que acondicionam o morto também seguem orientação diferente de acordo com cada grupo, deixando marcas nos vestígios arqueológicos. Apesar de alguns envoltórios serem de fácil deterioração, como as cestarias e esteiras que envolvem o corpo, ou os cordões que muitas vezes amarram o corpo para que esse fique em posição fletida. Observamos a utilização desses envoltórios nos enterramentos secundários do sítio Alcobaça e nos enterramentos primários dos sítios Furna do Estrago e PE 19-Mxa.

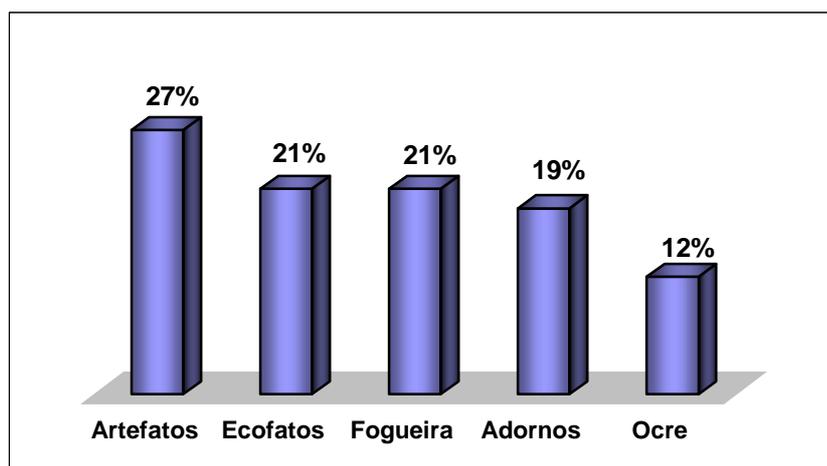


Gráfico 10: Cultura material associada ao enterramento.

Observamos em dezenove enterramentos a presença de elementos para amarrar ou envolver os corpos, em datações que não ultrapassam  $6640 \pm 45$  anos B.P. Isso pode ter acontecido porque esses vestígios são de fácil decomposição.

Esses envoltórios aparecem ainda em muitos dados etnográficos. Entre os índios Araweté, o corpo é envolvido em uma rede e carregado rapidamente até o local do enterramento; as duas pontas unidas da rede se apóiam na parte frontal

da cabeça do carregador e o fardo é levado às costas, “carregamos nossos mortos como nossos filhos”.<sup>129</sup>

Os mesmos adornos e acompanhamentos funerários, largamente observados na etnografia indígena, são também observados nos enterramentos pré-históricos. Porém, muitos dos adornos utilizados pelo homem pré-histórico, são de origem orgânica e não possuem grande longevidade. O material encontrado em maior número refere-se a contas de colar e pingentes de pedra e osso, localizados ao redor do pescoço ou em torno dos braços.

Esses vestígios são igualmente observados em enterramentos primários e secundários. Os adornos aparecem entre crianças e adultos femininos e masculinos. Nos seguintes sítios foi possível observar a presença de adornos: Cemitério do Caboclo, Furna do Estrago, Sambaqui de Maiobinha, Justino, Alcobaça, Mirador de Parelhas, Pedra do Alexandre e Gruta do Padre.

A etnografia não menciona adornos atribuídos apenas aos mortos, mas adornos usados pelos indivíduos enquanto vivos e depois levados aos seus leitos de morte e enterrados com eles.

Podemos observar esse tipo de prática também nos relatos de G.Souares de Sousa, que menciona não apenas a acomodação do morto na sepultura, mas também dá uma atenção especial à ornamentação do morto e aos acompanhamentos funerários.

“Primeiramente o untam com mel todo, e por cima do mel empenam com penas de pássaros de cores e põem-lhe uma carapuça de penas na cabeça e todos os demais enfeites, que lhe costumam trazer nas festas; e têm-lhe feito na mesma casa e lanço onde ele vivia...”

---

<sup>129</sup>.CASTRO, 1986. p.485.

A utilização de fogueiras sobre os enterramentos foi observada em 41% da amostra estudada. Essas fogueiras estão localizadas em sítios onde não houve densa ocupação, em sua maioria, considerados apenas sítios cemitérios.

Alguns grupos indígenas, entre eles os Krahò, acendem uma fogueira após o ritual funerário para afugentar os animais – sobretudo quatis – e iluminar o caminho do morto.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As sociedades pré-históricas não eram estáticas. Seu dinamismo acompanhava as constantes mudanças do meio. Certos processos modificadores, inerentes à própria estrutura social e os próprios mecanismos de adaptação do grupo, determinaram a evolução deste, tanto quanto a incidência de fatores externos.

Ao definirmos *enterramentos funerários* como nosso objeto de estudo, esperávamos poder contribuir para a investigação dos enterramentos pré-históricos a partir de uma análise arqueologicamente estruturada dos dados até então existentes.

Com o andamento da pesquisa, nos deparamos com algumas situações limitantes, como a falta de informações precisas sobre localização e posição dos enterramentos; falta de datações absolutas ou a falta de uniformidade nas terminologias utilizadas pelos arqueólogos. Tais problemas limitaram a eficácia pesquisa bibliográfica, nos furtando a chance de trabalharmos os dados com maior segurança.

Definidos os parâmetros utilizados em nossa pesquisa, de um universo de cento e onze enterramentos descritos, apenas 23% deles apresentam datações absolutas.

Em nosso estudo, utilizamos a cronologia e o espaço como variáveis principais – analisando o tratamento dado ao corpo, a estrutura da sepultura e a cultura material associada –, chegando aos seguintes perfis<sup>130</sup>:

I. Períodos anteriores há 1000 anos B.P.: enterramentos primários em urnas e covas circulares; material corante; fogueiras; adornos e pedras associados. Presentes nas áreas arqueológicas da Serra da Capivara e do Médio São Francisco.

II. Entre 1000 e 4000 anos B.P.: enterramentos primários e secundários; cremação ou incineração; covas circulares; material corante; fogueiras; adornos e pedras associados. Presentes nas áreas arqueológicas da Serra da Capivara, Vale do Ipanema, Central e Seridó.

III. Entre 4000 e 7000 anos B.P.: enterramentos primários e secundários; covas circulares; material corante; fogueiras; adornos e pedras associados. Presentes nas áreas arqueológicas do Seridó e Vale do Ipanema.

IV. Entre 7000 e 10000 anos B.P.: enterramentos primários e secundários; covas circulares e retangulares; adornos e pedras associadas ao enterramento. Presentes nas áreas arqueológicas do Seridó e Serra da Capivara.

Através do acompanhamento destes perfis, podemos dizer que no Nordeste do Brasil a inumação parece ter precedido as práticas crematórias, pois não foram evidenciados vestígios de ossos cremados com datas recuadas apesar das fogueiras sobre os enterramentos tenham presença muito antiga.

---

<sup>130</sup> Entende-se aqui como perfil, uma descrição de traços gerais.

Pedras utilizadas para delimitar as covas, acomodar a cabeça ou depositadas sobre abdômen e membros inferiores do cadáver, estão presentes em enterramentos realizados entre  $9870 \pm 70$  e  $230 \pm 35$  anos B.P.

A utilização de fibras e restos vegetais para cobrir a cova aparece no registro arqueológico a partir de  $7000 \pm 100$  anos B.P. A utilização de cestas de fibras trançadas foi verificada apenas para enterramentos infantis.

O formato circular das covas é um padrão a ser observado, predominando em 96% dos enterramentos evidenciados (primários e secundários). A posição esquelética fletida em decúbito lateral, é mais constante nos enterramentos primários.

A datação mais antiga para uma cova retangular ( $7000 \pm 100$  anos B.P.), foi obtida no sítio Toca do Paraguaio, na Serra da Capivara (PI).

Até  $5790 \pm 60$  anos B.P. os enterramentos são caracterizados por serem individuais, mesmo quando secundários. Contudo, a utilização do material corante óxido de ferro (ocre) nos ossos dos mortos, só foi percebida após a referida datação e mais freqüentemente nos enterramentos infantis.

A orientação dos esqueletos, baseada na posição do crânio, varia significativamente entre Norte e Leste, impedindo o estabelecimento de padrão, ainda que num mesmo grupo. Não obstante, pouquíssimos enterramentos (4%) revelaram estar orientados no eixo Oeste-Sul.

Para construirmos um panorama mais completo sobre as práticas funerárias nessa região, aguardamos com ansiedade o desenvolvimento e o aprofundamento das pesquisas arqueológicas, pois somente de posse de um número de dados – principalmente datações – mais significativo e conclusivo, poderemos uni-los à cultura material e às representações gráficas, estabelecendo padrões mais precisos e confiáveis para os grupos humanos que habitaram o NE em tempos pré-históricos.

Mesmo diante de tais problemas, nos encontramos numa postura animadora diante dos resultados apresentados pelas pesquisas arqueológicas realizadas nos últimos anos no NE, que têm se mostrado bem mais comprometidas com a necessidade de detalhamentos das informações, avançando na busca de padrões que auxiliem na definição dos grupos culturais estudados.

Embora não tenha sido possível traçar com segurança seqüências cronológicas para todos os enterramentos estudados, nossa pesquisa tem por mérito apresentar perfis das práticas funerárias pré-históricas para essa região do País, lançando bases metodológicas para, num futuro próximo, de posse de um número maior de dados, estabelecer padrões confiáveis para a análise de grupos étnicos diferentes.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, M. Contribuições à técnica do recolhimento de esqueletos em arqueologia. *CLIO - Série Arqueológica*. n. 3. Recife, UFPE, p. 177-181. 1996.

ALBUQUERQUE, M; LUCENA, V. Caçadores-coletores no agreste pernambucano: ocupação em ambiente holocênico. *CLIO - Série Arqueológica*. [Anais do I simpósio de Pré-história do Nordeste Brasileiro], n. 4, Recife, UFPE, . p. 73-76. 1971.

AGUIAR, A. A tradição Agreste: estudo sobre a arte rupestre em Pernambuco. *CLIO - Série Arqueológica*. n. 3. Recife, UFPE, p. 7-98. 1996.

ANATI, E. *La religion des origines*. Paris: Bayard Éditions, 1999. 178p.

BALDUS, H. *Ensaio de Etnologia Brasileira*. Brasíliana, v. 101. São Paulo: Companhia Editora nacional. 1937.

BARLÉU, G. *História dos feitos recentes praticados durante oito anos no Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1974. 409p.

BARO, R. Relação da Viagem de Roulox Baro, interprete e embaixador ordinário da Companhia das Índias, da parte dos ilustríssimos senhores das províncias unidas, ao país dos Tapuias em terra firme do Brasil: começada no dia três de abril de 1647 e terminada no dia quatorze de julho do mesmo ano. IN: MOREAU, P. & BARO, R. *História das últimas lutas entre holandeses e portugueses e relação da*

*viagem dos Tapuias*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1979.

BECKER, Í. Formas de enterramentos e ritos funerários em populações pré-históricas. *Revista de Arqueologia*, v. 8, n. 1, São Paulo, p. 61-74, 1994.

BELTRÃO, M. da C. M. C; AZEVEDO NETO, C. X.; AMORIM, J. Cemitério do Caboclo: um novo tipo de sítio arqueológico no interior da Bahia. *CLIO – Série Arqueológica*, n. 11, Recife, UFPE, p.71-81. 1995-96.

BINFORD, L. R. Motuary practices: their study and their potencial. Approaches to the social dimension of mortuary practices. *Memoirs of Sociey American Archeology*. New York, n. 25, p. 208-243. 1972.

BUFFON. *De l'homme*. Paris: 1971. 163p.

CALDAS, A. L. Análise da cerâmica funerária da Ilha de Sorobabel, Itacuruba, PE. *CLIO- Série Arqueológica*, [Anais do I simpósio de Pré-história do Nordeste Brasileiro], n. 4, Recife, UFPE, p. 149-150. 1971.

CALDERÓN, V. Nota prévia sobre arqueologia das regiões central e sudeste do estado da Bahia. In: *Programa Nacional de Pesquisas Arqueológica*. [publicações avulsas]. Belém, p. 135-147. 1969.

CARDIN, F. *Tratado da terra e gente do Brasil*. 3. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1978. 259p.

CASAL, M. A. de. *Corografia Brasílica ou Relação histórico-geográfica do reino do Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1976, v. 27. 342p.

CASTRO, E. V. de. *Araweté: os deuses canibais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1986. 744p.

CASTRO, V.M.C. de. *Sítio Cana Brava: contribuição ao estudo dos Grupos Ceramistas Pré-Históricos do Sudeste do Piauí*. Recife, (Mestrado em História, área de concentração Pré-história) – UFPE/CFCH, 1999.

CHIARA, W. Contribuição da Antropologia para a interpretação dos resultados de pesquisas em arqueologia pré-histórica. In: *Coletânea de estudos em homenagem a Annette Laming-Emperaire, Série Ensaio*. v. 2. São Paulo. p. 245-274. 1978.

CLARK, G. *La identidad del hombre*. Barcelona: Paidós, 1985.

CUNHA, M. C. da. *Os Mortos e os Outros*. São Paulo: Ed. Hucitec. 1978. 152p.

D'ABBEVILLE, C. *História da Missão dos Padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão*. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1975. 297p.

DANIEL, G. *El concepto de Prehistoria*. Barcelona: Ed Labor. 1968. 138p.

DEBRET, J. B. *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*. t.1., v. 1. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1972. 291p.

DIAS JUNIOR, O. F. A Questão das origens da continuidade e da mudança na pré-história. *CLIO - Revista do mestrado de História da UFPE*. v. 1, n. 8, p. 153-170, 1992.

ETCHEVARNE, C. A. *Sítios Dunares: contribuição à arqueologia do sub-médio São Francisco*. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1991. 150p.

\_\_\_\_\_. Sítios Dunares do sub-médio São Francisco. *Anais da VI Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira – SAB*. Rio de Janeiro, CNPq-FINEP, p. 137-144. 1993.

EVREUX, Y. d'. *Viagem ao norte do Brasil, feita nos anos de 1613 a 1614*. Maranhão: Ed. Topografia do Frias, 1874.

FAUSTO, C. Fragmentos de história e cultura Tupinambá: da etnologia como instrumento crítico de conhecimento etno-histórico. In: CUNHA, Manuela C. (org.). *História dos Índios do Brasil*. São Paulo: FAPESP/ Companhia das Letras, 1992. p. 381-396.

FERNANDES, F. *Investigação Etnológica no Brasil e outros ensaios*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1975. 298p.

FERNANDES, J. A. *De cunhã a mameluca: em busca da mulher tupinambá*. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 1997. 220p.

FERREIRA, J. E. *Sítio da Serra do Cachorro, Brejo da Madre de Deus/ Pernambuco, Brasil: uma contribuição ao estudo da área arqueológica dos Cariris Velhos*. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 1998. 115p.

FRANCH, J. A. (coord.) *Dicionário de Arqueologia*. Madrid: Alianza Editorial. 1998.

GANDAVO, P. de M. *História da Província de Santa Cruz: tratado da Terra do Brasil*. São Paulo: Ed. Obelisco. 1964.

GARANGER, J. *La Préhistoire dans le monde*. Paris: Press Universitaires de France. 1992. 837p.

GASPAR, M. D. Espaços, ritos funerários e identidades pré-históricas. *Revista de Arqueologia*, v. 8. n. 2, São Paulo, p. 221-237. 1994/95.

GOULD, S. J. *Dinossauro no Palheiro: reflexões sobre História Natural*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. 567p.

GUIDON, N. A seqüência cultural da área de São Raimundo Nonato, Piauí. *CLIO - Série Arqueológica*. n. 8. Recife, p. 137-144. 1996.

GUIDON, N.; PARENTI, Fabio; OLIVEIRA, Cláudia; VERGNE, Cleonice. Nota sobre a sepultura da Toca dos Coqueiros, Parque Nacional Serra da Capivara, Brasil. *Clio - Série Arqueológica*. n. 13. Recife, UFPE, p. 187-198. 1998.

GUIDON, N.; VERGNE, Cleonice; ASON, Irma. Sítio Toca da Baixa dos caboclos: uma abrigo funerário do enclave arqueológico do Parque Nacional da Serra da Capivara. *Clio – Série Arqueológica*. n. 13. Recife, UFPE, p. 127-144. 1998.

GUIDON, N.; MONZON, Susana; OGEL-ROS, Laurence; LANNOT, Maria del Carmen Fernandez. Notas sobre dois abrigos pintados da Serra da Capivara, sudeste do Piauí. *Cadernos de Pesquisa – Série Antropologia*. n. 1 Terezina, UFPI, p. 1-53. 1980.

HODDER, I. Interpretação em Arqueologia. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História: novas abordagens*. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1976.

KERN, A. A abordagem teóricas em arqueologia. *Anais da VI Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. Rio de Janeiro: CNPq, FINEP, UNESA, v. 1. p. 44-57. 1991.

KNEIP, L. M; MACHADO, L. C. M. C. A Cremação e outras práticas funerárias em sítios de pescadores-coletores pré-históricos do litoral de Saquarema, RJ. *Anais da VI Reunião Científica da Sociedade Brasileira de Arqueologia*. Rio de Janeiro, CNPq, FINEP, UNESA, v. 2, p. 459-67. 1992.

LAROCHE, A. F. G. *O sítio Arqueológico da Pedra do Caboclo: relato de uma pesquisa na zona do agreste pernambucano*. Recife: Secretaria de Educação e Cultura. 1970. 78p.

LEROI-GOURHAN, A. *As religiões na pré-história*. Lisboa: Edições 70, 1985.

LERY, J. de. *Viagem à terra do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo. 1980.

LEVI-STRAUSS, C. A família. In: SHAPIRO, H. *Homem, Cultura e Sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, p. 355-380. 1982.

\_\_\_\_\_. *O gesto e a palavra, técnica e linguagem*. Lisboa: Edições 70, 1985.

\_\_\_\_\_. *Triste Trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 399p.

LIMA, J. D. de. Pesquisas arqueológicas no município de Brejo da Madre de Deus. *Symposium*, v. 26, n. 1. Recife, UNICAP, p.9-60.

\_\_\_\_\_. *Arqueologia da Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus – Pernambuco*. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 1985. 144p.

\_\_\_\_\_. *Arqueologia de Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus, Pernambuco*. *Clio – Série Arqueológica*. n.7, v.2. Recife, UFPE, p. 97-112. 1985.

LORENZ, K. *Os Fundamentos da Etologia*. São Paulo: Ed. da Universidade Estadual Paulista, 1995. 466p.

LUFT, V. J. *A Pedra do Tubarão: um sítio da tradição Agreste em Pernambuco*. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 1990. 136p

MACHADO, L. M. C. *Sobre as práticas de Funerais de cremação e suas variações em grutas do norte e nordeste de Minas Gerais*. *Revista do CEPA*, Rio Grande do Sul, v. 20. n. 17. p. 235-247, 1990.

MARANCA, S. *A Toca do Congo I: um abrigo com sepultamentos no estado do Piauí*. *Revista do Museu paulista – Nova Série*, v.23. São Paulo, p. 159-173. 1976.

MARTIN, G. *Os rituais funerários na pré-história do Nordeste*. *Clio – Série Arqueológica*. n. 10, Recife, UFPE, p. 29-46. 1994.

\_\_\_\_\_. *Pré-história do Nordeste do Brasil*. Recife: Ed. Universitária da UFPE. 1997. 445p.

\_\_\_\_\_. O Cemitério pré-histórico de Pedra do Alexandre, Carnaúba dos Dantas, RN. *Clio – Série Arqueológica*, n. 11, Recife, UFPE, p.43-58. 1995-96

MARTIN, G.; ASON, I. Manifestações religiosas na pré-história do Brasil. In: BRANDÃO, Sylvana. *História das Religiões no Brasil*. Recife: Editora Universitária UFPE. p. 19-38. 2001.

MATTA, R. *Apresentação, Os ritos de passagem*. Petrópoles: Ed. Vozes. 1978.

MEDEIROS, R. P. de. *O descobrimento dos outros: povos indígenas no sertão nordestino no período colonial*. Tese (doutorado). Recife: 2000. 225p.

MELATTI, J. C. *Índios do Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1987.

\_\_\_\_\_. *Ritos de uma tribo Timbira*. São Paulo: Ática, 1978. 361p.

MELLO e ALVIN, M. C. de. O grupo pré-histórico de Furna do Estrago e suas relações bióticas com outras populações pré-históricas e atuais do Brasil. *Clio- Série Arqueológica*, [Anais do I simpósio de Pré-história do Nordeste Brasileiro]. n. 4, Recife, UFPE, p. 79-84. 1971.

MELLO e ALVIN, M. C. de; UCHÔA, D. P. SILVA, S. M. da. Osteobiografia da população pré-histórica do abrigo Pedra do Alexandre, Carnaúba dos Dantas, RN. *Revista Clio: Série Arqueológica*. n. 11. 1995/96. p. 17-42.

METRAUX, A. *A religião dos Tupinambás e suas relações com as demais tribos Tupi-guarani*. São Paulo: Ed. Nacional, 1979. 223p.

MIRES, A-M. W. *Sifting te ashes: reconstruction of a complex archaic mortuary program in Lousiana*. p. 114-130. s/d.

MONTARDO, D. L. *Práticas funerárias das populações pré-coloniais e suas evidências arqueológicas, reflexões iniciais*. Dissertação (mestrado). Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica. Porto Alegre, 1995. 113p.

MORGAN, H. *A Sociedade Primitiva*. 3. ed. v. 1. Lisboa: Editorial Presença,

MORIN, E. *O Homem e a Morte*. Rio de Janeiro: Imago, 1997. 354p.

\_\_\_\_\_. *O método: a vida da vida*. 3. ed. v. 2. Lisboa: Biblioteca Universitária, 1999. 437p.

\_\_\_\_\_. *O Enigma do Homem: para uma nova Antropologia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975. 227p.

MORRIS, D. *O Macaco Nu: um estudo do animal humano*. 13 ed. Rio de Janeiro: ed. Record, 1996. 188p.

NASCIMENTO, A. ALVES, C. LUNA, S. O sítio arqueológico de Alcobaça, Buíque, Pernambuco: primeiros resultados. *Clio – Série Arqueológica*, n. 11, Recife, UFPE, p.87-98. 1995-96.

NIMUENDAJU, C. *Mapa Etno-histórico de Curt Nimuendaju*. Rio de Janeiro: IBGE, 1081

O'SHEA, J. M. *Mortuary variability: na archaeological investigation*. Orlando: Academic Press. 1984. 338p.

OLIVEIRA, A. N. *O sítio Arqueológico Alcobaça, Buíque, Pernambuco: Estruturas Arqueológicas*. Recife (Doutorado em História) UFPE, 2001.

OLIVEIRA FILHO, J. P. (org.). *Sociedades Indígenas e Indigenismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero. 264p.

PI, J. S. *El chimpancé y los Orígenes de la cultura*. Barcelona: Antrophos, 1992. 142p.

PINTO, E. *Os Indígenas do Nordeste I e II*. São Paulo: Companhia Editora Nacional. Col. Brasiliana. v. 44 e 112. 1935-1938.

\_\_\_\_\_. *Etnologia Brasileira: Fulniô, os últimos Tapuias*. São Paulo: Companhia Editora Nacional. Col. Brasiliana, v. 285. 1956. 305p.

- POIRIER, Jean. *História da Etnologia*. São Paulo: Ed. Cultrix. 1981. 95p.
- POPPER, K. *A lógica da pesquisa científica*. São Paulo: Ed. Cultrix. 1972. 567p.
- PROUS, A. *Arqueologia Brasileira*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1992. 605p.
- RAMINELLI, R. *Imagens da colonização: a representação do índio de caminha a Vieira*. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1994.
- RENFREW, C; BAHN, P. *Arqueología: teoría, métodos y prácticas*. Madrid: Akal, 1998. 571p.
- RIBEIRO, B. Introdução - a linguagem simbólica da cultura material. In: RIBEIRO, B. (org.) *Suma etnológica brasileira - arte índia*. 2. ed. v. 3. Petrópolis: Vozes. p. 15-28. 1987.
- RIBEIRO, D. Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil Moderno. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 558p.
- RIBEIRO, M. S. Uma abordagem historiográfica da Arqueologia das práticas mortuárias. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2002.
- RICE, D. S. A "nova" Arqueologia. *Diálogo*. n. 3, v. 19. 1986. P. 67-70
- ROCHA, J. As tradições funerárias no vale do Médio São Francisco. *Clio- Série Arqueológica*, [Anais do I simpósio de Pré-história do Nordeste Brasileiro]. n. 4, Recife, UFPE, p. 151-153. 1971.
- SAINT-HILAIRE, A. *Viagem às nascentes do rio São Francisco*. v. 7. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.
- SANTOS, A. Paleopatologia do sítio Pré-histórico Pedra do Alexandre. Carnaúba dos Dantas, RN, Brasil: avaliação epistemológica, radiológica e histopatologia.

Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 1997. 264p.

\_\_\_\_\_. *Tanatologia Arqueológica*. Recife: Ed. Universidade de Pernambuco, 1999. 94p.

\_\_\_\_\_. Alterações pós-morte em esqueletos pré-históricos: contribuição à análise tafonomica de restos esqueléticos humanos do sítio Alcobaça, Buíque, PE, Brasil. *Clio - Série Arqueológica*. n. 14, p. 87-98. 2000.

SCHADEN, E. *Homem, Cultura e Sociedade no Brasil*. Petropolis: Vozes, 1972. 450p.

SCHMIDT, W. *Etnologia sul americana: círculos culturais e estratos culturais na América do Sul*. Série 5. v. 218. Brasileira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1949. 245p.

SCHOBINGER, J. *Las Religiones precolombinas*. Buenos Aires: ed. Almagesto, 1992. 70p.

SENE, G. A. M. *Rituais Funerários e Processos culturais: os caçadores-coletores e horticultores pré-históricos do Nordeste de Minas Gerais*. Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998. 254p.

SIMONS, C., CARVALHO, O. A. de, QUEIROZ, A. N. de, CHAIX, L. *Enterramentos na Necrópole do Justino - Xingó*. Sergipe: Projeto Arqueológico de Xingó Convenio Petrobrás/CHESF/UFS. s/d. 61p.

STADEN, H. *Duas Viagens ao Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1974. 216p.

STEWART, J. H. (coord.). *Handbook of South American Indians*. New York: Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology, v. 1. 1963.

SOUSA, G. S. de. *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*. 9. Ed. Recife: FJN, Ed. Massangana, 2000.355p.

TAINTER, J. A. *Social inference and mortuary practices: na experiment in numerical classification*. *World Archaeology*, v. 7, n. 1, p. 1-15. 1974.

TENORIO, M. C. (org.). *Pré-história da Terra Brasilis*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1999. 376p.

THOMAS, L. V. *Antropologia de la muert*. México: Fondo de Cultura Económica, 1983.

TORRES, A. C. P. *O sítio Pré-histórico Rupestre Pedra do Alexandre em carnaúba dos Dantas, RN: estudo dos pigmentos*. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 1995. 107p.

\_\_\_\_\_. *Rituais Funerários Pré-históricos: um estudo antropológico*. *CLIO – Série Arqueológica*, n. 12, Recife, UFPE, p. 169-175.1995-96.

TRIGGER, B. *Além da História: os métodos da pré-história*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1973. 159p.

UBELAKER, D. H. *Human skeletal remains: excavation, analysis, interpretation*. Chicago: Aldine Publishing Company, 1978.

UCHÔA, D. ALVIN, M. C. M; GOMES, J. C. A Demografia esquelética dos construtores de Sambaqui de Piraçaguera. *Dédalo*, São Paulo, n. 1 p. 455-470. 1989.

VAN GENNEP, A. *Os ritos de passagem*, Petropolis: Ed. Vozes. 1978.

VASCONCELOS, S. de. *Cronica da Companhia de Jesus no Estado do Brasil*. Petropolis: Vozes, 1977.

VERGNER, M. C. de S. Enterramentos em dois sítios arqueológicos de Xingó. *Cadernos de Arqueologia*. Sergipe, UFPE; CHESF. v. 7. 26p. 1997.

VERGNER, C.; AMANCIO, S. A necrópole pré-histórica do Justino/Xingó-Sergipe (nota prévia). *CLIO – Série Arqueológica*, v.1, n.8. Recife, UFPE, p.171-182. 1992.

VIDAL, L. *Vida e morte de uma sociedade indígena brasileira*. São Paulo: Hucitec-Edusp. 1977

VILAÇA, A. *O canibalismo funerário Pakaa Nova: uma etnografia, comunicação*. n. 19, UFRJ, Rio de Janeiro, 1990. 36p.

WESOLOSKY, V. Práticas Funerárias Pré-históricas no Litoral de São Paulo. In: TENORIO, M. C. (org.) *Pré-história da Terra Brasilis*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, p. 189-196. 1999.



ANEXO 01: DADOS SOBRE AS PESQUISAS

NOME DO SÍTIO	MUNICÍPIO	INSTITUIÇÃO RESPONSÁVEL	DATA DAS ESCAVAÇÕES
Sambaqui de Maiobinha	São Luís - MA	Raimundo Lopes Ana L. Machado	1931 1971
Sambaqui de Pedra Oca	Periperi - BA	V. Calderon	1961-1962
Sítio Abrigo da Lesma	Central - BA	Museu Nacional	1983
Sítio Alcobaça	Buíque- PE	Fundação Seridó / UFPE	1994-1999
Sítio Cana Brava	Jurema do Piauí - PI	FUMDHAM	1996-1997
Sítio Cemitério dos Caboclos	Venturosa – PE	Fundação Seridó / UFPE	1980
Sítio do Justino	Canidé do São Francisco – SE	PAX	1985
Sítio Dunas de Zorobabel	Rodelas – BA	UFPE	1989
Sítio Furna do Estrago	Brejo da Madre de Deus – PE	Univ. Católica de PE	1983-1985
Sítio Gruta do Padre	Petrolândia – PE	C. Estevão (PRONAPA) V. Calderón G. Martin	1969 1975
Sítio Jerimum	Canindé do São Francisco	PAX/ Fundação Seridó	1997 2002
Sítio Mirador de Parelhas	Parelhas – RN	Fundação Seridó / UFPE	1987
Sítio PE 91-Mxa	Buíque – PE	UFPE	1985
Sítio Pedra do Alexandre	Carnaúba dos Dantas – RN	Fundação Seridó / UFPE	1985-1997
Sítio São José	Delmiro Golveia – AL	PAX	1985-
Sítio Toca da Baixa do Caboclo	Gervásio de Oliveira – PI	FUMDHAM	1996-1998
Sítio Toca do Bojo	São Raimundo Nonato - PI	FUMDHAM	déc. de 1980
Sítio Toca do Gongo I	São João do Piauí – PI	FUMDHAM	déc. de 1980
Sítio Toca do Paraguai	São Raimundo Nonato – PI	FUMDHAM	1978
Sítio Toca dos Coqueiros	Coronel José Dias – PI	FUMDHAM	1995-1997
Sítio Toca dos Ossos Humanos	Xique-xique - BA	Museu Nacional	1983-1993

Anexo 02: Dados sobre os Sítios Pesquisados

Sítio	Município	Relevo	Tipo de sítio
Sambaqui de Maiobinha	São Luís – MA	Sambaqui	céu aberto
Sambaqui de Pedra Oca	Periperi – BA	Sambaqui	céu aberto
Sítio Abrigo da Lesma	Central – BA	Encosta de serra	abrigo sob rocha
Sítio Alcobaça	Buíque- PE	Encosta de serra	abrigo sob rocha
Sítio Cana Brava	Jurema do Piauí –PI	Vale Baixão das Mulheres	céu aberto
Sítio Cemitério dos Caboclos	Venturosa – PE	Encosta da serra	abrigo sob rocha
Sítio do Justino	Canindé do São Francisco - SE	Terraço fluvial	céu aberto
Sítio Dunas de Zorobabel	Rodelas – BA	Dunas	céu aberto
Sítio Furna do Estrago	Brejo da Madre de Deus – PE	Encosta de serra	gruta
Sítio Gruta do Padre	Petrolândia – PE	Encosta de serra	gruta
Sítio Jerimum	Canindé do São Francisco	Terraço fluvial	céu aberto
Sítio Mirador de Parelhas	Parelhas – RN	Encosta de serra	abrigo sob rocha
Sítio PE 91 -Mxa	Buíque – PE	Encosta de serra	gruta
Sítio Pedra do Alexandre	Carnaúba dos Dantas – RN	Encosta de serra	abrigo sob rocha
Sítio São José	Delmiro Golveia – AL	Terraço fluvial	céu aberto
Sítio Toca da Baixa dos Caboclos	Gervásio de Oliveira – PI	Encosta de serra	abrigo sob rocha
Sítio Toca do Bojo	São Raimundo Nonato – PI	Encosta de serra	abrigo sob rocha
Sítio Toca do Gongo I	São João do Piauí – PI	Encosta de Serra	abrigo sob rocha
Sítio Toca dos Ossos Humanos	Xique-xique – BA	Encosta de Serra	abrigo sob rocha
Sítio Toca do Paraguai	São Raimundo Nonato – PI	Encosta de Serra	abrigo sob rocha
Sítio Toca dos Coqueiros	Coronel José Dias – PI	Encosta de serra	abrigo sob rocha

ANEXO 03 - CRONISTAS QUE SE REFEREM A RITUAIS FUNERÁRIOS DE POVOS INDÍGENAS DO NORDESTE

Autores	Trat. do corpo	Ent. primário	Ent. secundário	Ent. em cova	Ent. em urnas	Ent. em esteira	Ent. diferencial	Ent. dentro da aldeia	Posição do corpo	Alimento p/ o cadáver	Objetos na cova	Endocanibalismo
A. Thevét	X	X		X								
A. Lago		X		X				X	X	X	X	
F.Cardim	X	X			X						X	
F. de Paula		X		X					X	X		
F. V. do Salvador		X					X					
G. S. de Souza	X	X		X	X	X	X	X			X	
H. Staden		X		X								
J. de Lery		X		X								
M. A. Casal		X		X								
P. de M. Gandavo		X	X									X
R. Baro							X					
S. de Vasconcelos		X			X							
Y.d'Evreux	X									X		

Anexo 04 - DADOS SOBRE OS CRONISTAS E VIAJANTES QUE DESCREVERAM OS GRUPOS INDIGENAS DO NORDESTE

Autor	Obra	ocupação	Período
Antonio Bernardino Lago	Intinerário da Provincia do Maranhão	Coronel Real do Corpo de Engenheiro	1820
Fernão Cardim	Tratado da Terra e Gente do Brasil	Jesuíta	153_
Frei Vicente do Salvador	História do Brasil	Franciscano	1627
Gabriel Soares de Souza	Tratado descritivo do Brasil de 1587	Senhor de engenho	1587
Hans Staden	Duas Viagens ao Brasil	Artilheiro alemão	1557
Jean de Lery	Viagem à terra do Brasil	Teólogo	1578
Manuel Ayres Casal	Corografia Brasílica ou Relação Histórico geográfica do Brasil	Presbítero	1817
Pero de Magalhães Gandavo	História das Províncias de Santa Cruz	Professor	1576
Roloux Baro	Relação da viagem de Roloux Baro	Embaixador da Companhia das Índias Ocidentais	1647
Simão de Vasconcelos	Crônica da Companhia de Jesus no Estado do Brasil	Jesuíta	1663
Yves d'Evreux	Viagem ao Norte do Brasil	Capuchinho	1613

ANEXO 05 - TIPOS DE ENTERRAMENTOS E ACOMODAÇÃO DO ESQUELETO

Nome do sítio	datação	nº. do enterramento	tratamento do corpo							estrutura da sepultura	
			quant. de indivíduos	ent. primário	ent. secundário	cremação	posição	acomodação dos membros	orientação	ent. em urna	ent. em cova
Abrigo da Lesma	2400±70	01	01	-	X	-	n.i	n.i	n.i	-	X
Alcobaça	2466±26	01	06	-	X	X	-	-	n.i	-	-
	1873±24	02	02	-	X	X	-	-	n.i	-	-
	1812±26	03	02	-	X	X	-	-	n.i	-	-
	2405±30	04	06	-	X	X	-	-	n.i	-	-
	2184±32	05	07	-	X	X	-	-	n.i	-	-
Cana Brava	-	01	01	X	-	-	n.i	-	n.i	X	-
	-	02	01	X	-	-	n.i	-	n.i	X	-
	-	03	01	X	-	-	n.i	-	n.i	X	-
	-	08	01	X	-	-	n.i	-	n.i	X	-
	-	10	01	X	-	-	n.i	-	n.i	X	-
Cemitério do Caboclo	-	conjunto funerário	-	-	X?	X	-	-	n.i	-	X
Justino	-	01	01	X	-	-	d.l.e.	fletidos	n.i	-	X
	-	07	01	X	-	-	d.l.d.	fletidos	Sudeste	-	X
	-	09	01	X	-	-	d.l.	fletidos	Noroeste	-	X
	-	11	01	-	X	-	-	-	Noroeste	-	X
	-	22	01	X	-	-	d.l.e.	fletidos	Sudeste	-	X
	-	50	01	X	-	-	d.l.e.	fletidos	n.i	-	X
	-	83	?	-	X	-	-	-	n.i	-	X
	-	92	01	X	-	-	n.i	-	n.i	-	X
	-	107	01	-	X	-	-	-	n.i	-	X
	-	111	01	X	-	-	d.l.d.	fletidos	n.i	-	X
	-	116	01	X	-	-	d.d.	n.i	Nordeste	-	X
	-	118	01	X	-	-	n.i	n.i	n.i	-	X
	-	119	01	X	-	-	d.d.	n.i	n.i	-	X
	-	131	01	X	-	-	n.i	n.i	n.i	-	X
-	147	01	X	-	-	d.l.e.	fletidos	n.i	-	X	

\*. n.i. – não informado na bibliografia consultada; d.l. – decúbito lateral; d.l.d. – decúbito lateral direito; d.l.e. – decúbito lateral esquerdo; d.d. – decúbito dorsal; d.f. decúbito frontal.

Continuação anexo 05

Nome do sítio	datação	nº. do enterramento	tratamento do corpo							estrutura da sepultura	
			quant. de indivíduos	ent. primário	ent. secundário	cremação	posição	acomodação dos membros	orientação	ent. em urna	ent. em cova
Dunas de Zorobabel	-	01	01	X	-	-	n.i	-	n.i	-	X
	-	02	01	X	-	-	d.l.	fletidos	Leste	-	X
	-	03	?	-	X?	-	-	-	n.i	-	X
	-	04	01	X	-	-	d.l.	fletidos	Leste	-	X
	-	05	01	-	X?	-	-	-	?	-	X
	860	06	01	X	-	-	d.l.	fletidos	Norte	-	-
	-	07	?	-	X?	-	-	-	n.i	-	X
	-	08	?	-	X?	-	-	-	n.i	-	X
	-	09	01	x	-	-	d.f.	inf. fletidos	Sudoeste	-	X
	-	10	?	-	X?	-	-	-	n.i	-	X
Furna do Estrago	-	02	01	X	-	-	n.i	n.i	n.i	-	X
	-	03	01	X	-	-	n.i	n.i	n.i	-	X
	-	04	01	X	-	-	d.l.d.	fletidos	Leste	-	X
	-	05	01	X	-	-	d.l.d.	fletidos	Leste	-	X
	-	07	01	X	-	-	d.l.d.	fletidos	Leste	-	X
	-	11	01	X	-	-	d.l.e.	fletidos	n.i	-	X
	-	14	01	X	-	-	n.i	n.i	n.i	-	X
	-	20	01	X	-	-	n.i	n.i	n.i	-	X
	-	39	01	X	-	-	n.i	n.i	n.i	-	X
	-	45	01	X	-	-	d.l.e.	fletidos	n.i	-	X
-	55	01	X	-	-	d.d.	fletidos	Oeste	-	X	
Gruta do Padre	-	conjunto funerário	n.i	-	X	X	-	-	-	-	X
Mirador de Parelhas	-	conjunto funerário	n.i	X?	-	-	-	-	-	-	X
Pe 91-Mxa	6640±95	conjunto Funerário	n.i	X	-	-	d.l.	fletidos	n.i	-	X

Continuação anexo 05

Nome do sítio	datação	nº. do enterramento	tratamento do corpo							estrutura da sepultura	
			quant. de indivíduos	ent. primário	ent. secundário	cremação	posição	acomodação dos membros	orientação	ent. em urna	ent. em cova
Pedra do Alexandre	4710±25	01	04	-	X	-	-	-	n.i	-	X
	4160±70	02	01	X	-	-	d.l.	fletidos	n.i	-	X
	9400±35	03	01	-	X	-	-	-	n.i	-	X
	8280±30	04	n.i	X	-	-	n.i	-	n.i	-	X
	5790±60	05	01	-	X	-	-	-	n.i	-	X
	2620±60	06	01	-	X	-	-	-	n.i	-	X
	-	07	02	X	-	-	d.l. (2)	fletidos	n.i	-	X
	2890±25	08	01	X	-	-	n.i	-	n.i	-	X
	-	09	01	-	X	-	-	-	n.i	-	X
	-	10	01	X	-	-	d.l.	fletidos	n.i	-	X
	-	11	01	X	-	X	n.i	-	n.i	-	X
	-	12	?	-	X	-	-	-	n.i	-	X
	-	13	01	X	-	-	n.i	-	n.i	-	X
	-	14	01	X	-	-	n.i	-	n.i	-	X
	-	15	02	-	X	-	-	-	n.i	-	X
	-	16	01	-	X	-	-	-	n.i	-	X
	-	17	01	X	-	-	n.i	-	n.i	-	X
	-	18	01	-	X	-	-	-	n.i	-	X
	-	19	01	-	X	-	-	-	n.i	-	X
São José	-	05	01	X	-	-	d.l.d.	fletidos	Sudeste	-	X
	-	06	01	X	-	-	n.i	-	n.i	-	X
	-	07	01	X	-	-	d.l.e.	fletidos	sul	-	X
	-	08	01	X	-	-	d.l.	fletidos	Noroeste	-	X
	-	17	01	-	X	-	-	-	Nordeste	-	X

Continuação anexo 05

Nome do sítio	datação	n°. do enterramento	quant. de indivíduos	tratamento do corpo						estrutura da sepultura	
				ent. primário	ent. secundário	cremação	posição	acomodação dos membros	orientação	ent. em urna	ent. em cova
Toca da Baixa dos Caboclos	450±40	01	01	X	-	-	d.l.e.	fletidos	n.i	X	-
	-	02	01	X	-	-	n.i	-	n.i	X	-
	-	03	01	X	-	-	n.i	-	n.i	X	-
	-	04	01	X	-	-	n.i	-	n.i	X	-
	-	05	01	X	-	-	n.i	-	n.i	X	-
	-	06	01	X	-	-	d.l.	fletidos	n.i	-	X
	-	07	01	X	-	-	d.d.	n.i	n.i	X	-
	230±50	08	01	X	-	-	n.i	-	n.i	X	-
Toca do Bojo	-	01	01	X	-	-	d.l.	fletido	n.i	-	X
Toca do Gongo	-	01	01	X	-	-	n.i	fletidos	Sul	-	X
	-	02	01	X	-	-	d.l.	fletidos	n.i	-	X
	-	03	01	X	-	-	d.l.e.	fletidos	n.i	-	X
	2090±	04	01	X	-	-	d.l.e.	fletidos	n.i	-	X
	-	05-urna 01	01	-	X ?	-	-	-	n.i	X	-
	-	06-urna 02	01	-	X ?	-	-	-	n.i	X	-
Toca do Paraguai	7000±100	01	01	X	-	-	d.d.	estendidos	n.i	-	X
	8670±120	02	01	X	-	-	d.l.	fletidos	Noroeste	-	X
Toca dos Coqueiros	9870±50	01	01	X	-	-	d.l.e.	fletidos	n.i	-	X
Toca dos Ossos Humanos	1300±70	01	01	-	X	-	n.i	n.i	n.i	-	X
Sambaqui de Pedra Oca	-	01	01	X	-	-	d.l.	fletidos	n.i	-	X
Sambaqui de Maiobinha	-	01	01	X	-	-	d.d.	fletidos	n.i	-	X
	-	02	01	X	-	-	n.i	n.i	n.i	-	X

ANEXO 06 - CULTURA MATERIAL ASSOCIADA E MORFOLOGIA DAS FOSSAS

Nome do sítio	n°. do enterramento	material associado					estrutura sepultura - morfologia			
		artefatos	ecofatos	fogueira	adorno	material corante	com pedras	com vegetais	formato	dimensões
Abrigo da Lesma	01	n.i	n.i	n.i	n.i	n.i	n.i	n.i	circular	40-50 cm
Alcobaça	01	almofariz, cestaria, ocre c/ marcas de uso	sementes, folhas de palmeira	X	-	-	X	x	circular	
	02	cordões	folhas de palmeira	X	-	-	X	x	circular	
	03	cestaria	casca de babaçu	X	-	-	X	x	circular	
	04	cestaria, cordões, raspador, ocre c/ marcas de uso	sementes, Folhas de palmeira	X	-	ossos pintados	X	x	circular	
	05	cestaria, cordões, ocre c/ marcas de uso	folhas de palmeira	X	pingente do osso	ossos pintados			circular	
Cana Brava	01	cerâmica	n.i	-	n.i	-	n.i	n.i	n.i	42 cm profundidade
	02	cerâmica	n.i	-	n.i	-	n.i	n.i	n.i	70 cm profundidade
	03	cerâmica	n.i	-	n.i	-	n.i	n.i	circular	70 cm diâmetro
	08	cerâmica	n.i	-	n.i	-	n.i	n.i	n.i	n.i
	10	cerâmica	n.i	-	n.i	-	n.i	n.i	n.i	n.i

Continuação anexo 06

Nome do sítio	n°. do enterramento	material associado					estrutura sepultura - morfologia			
		artefatos	ecofatos	fogueira	adorno	material corante	com pedras	com vegetais	formato	dimensões
Cemitério do Caboclo	conjunto funerário	-	-	X	contas de sementes e pedras, pingentes	-	X	-	-	n.i
Justino	01	-	-	-	-	-	n.i	n.i	circular	n.i
	07	lascas	-	-	-	-	n.i	n.i	n.i	n.i
	09	machado	-	-	-	-	n.i	n.i	n.i	n.i
	11	-	-	-	-	-	n.i	n.i	circular	n.i
	22	lascas	-	-	-	-	n.i	n.i	n.i	n.i
	50	-	-	-	-	-	n.i	n.i	circular	n.i
	83	-	-	-	-	-	n.i	n.i	circular	n.i
	92	-	-	-	-	-	n.i	n.i	circular	n.i
	107	-	-	-	-	-	n.i	n.i	circular	n.i
	111	-	-	-	contas de ossos	-	n.i	n.i	circular	n.i
	116	cerâmicas	-	-	colares bracelete e pingente	-	X		retangular	n.i
	118	-	-	-	-	-				n.i
	119	-	ossos de animais	-	-	-				
	131	-	n.i	-	-	-			n.i	n.i
147	-	n.i	-	-	-			n.i	n.i	
Dunas de Zorobabel	01	-	-	-	-	-	X	-	n.i	n.i
	02	-	-	-	-	-	-	-	n.i	n.i
	03	-	-	-	-	-	-	-	n.i	n.i
	04	-	-	-	-	-	-	X	n.i	n.i
	05	-	-	-	-	-	-	-	n.i	n.i
	06	-	-	-	-	X	-	-	n.i	n.i
	07	-	-	-	-	-	-	-	n.i	n.i
	08	-	-	-	-	-	X	-	n.i	n.i
	09	-	-	-	-	X	X	X	n.i	n.i
	10	-	-	-	-	-	-	-	n.i	n.i

Continuação anexo 06

Nome do sítio	Número do enterramento	Material associado					Estrutura sepultura - morfologia			
		Artefatos	Ecofatos	Fogueira	Adorno	Mat. Corante	C/ pedras	C/ vegetais	Formato	Dimensões
Furna do Estrago	02	-	-	-	Contas de colar	n.i	n.i	X	n.i	n.i
	03	cestaria	-	-	-	n.i	n.i	X	n.i	n.i
	04	-	-	-	-	n.i	n.i	X	n.i	n.i
	05	-	-	-	Pingente de osso, contas de colar	n.i	-	X	n.i	n.i
	07	-	-	-	Contas de colar	n.i	n.i	X	n.i	n.i
	11	flauta, cestaria	restos vegetais	-	-	n.i	-	X	n.i	n.i
	14	tacape, cestaria	-	-	Ping. do osso	n.i	X	X	n.i	n.i
	20	-	-	-	Ping. de silito	n.i	n.i	X	n.i	n.i
	39	cestaria, cordão	-	-	-	n.i	n.i	X	n.i	n.i
45	cordão, tacape cestaria	restos vegetais	-	Cordel em torno do braço	n.i	-	X	circular	n.i	
55	-	-	-	-	ossos pintados	-	-	circular	n.i	
Gruta do Padre	conjunto funerário	X	-	X	Contas de colar	-	X	X	-	-
Mirador Parelhas	conjunto funerário	-	-	-	Contas de colar	-	X	-	n.i	n.i
PE 91-Mxa	conjunto funerário	cestaria	n.i	X	n.i	n.i	X	X	circular	n.i
Sambaqui de Pedra Oca	01	-	-	X	-	-	-	-	n.i	n.i
Sambaqui de Maiobinha	01	-	-	-	Contas de pedra	-	-	-	n.i	n.i
	02	-	-	-	Contas de Pedra	-	-	-	n.i	n.i

Continuação anexo 06

Nome do sítio	Número do enterramento	Material associado					Estrutura sepultura - morfologia			
		Artefatos	Ecofatos	Fogueira	Adorno	Mat. Corante	C/ pedras	C/ vegetais	Formato	Dimensões
Pedra do Alexandre	01	-	-	x	contas de colar	ossos pintados	X	-	n.i	n.i
	02	-	pedras	-	-	-	X	-	circular	n.i
	03	-	pedras	-	-	-	X	-	n.i	n.i
	04	-	-	-	Contas de colar	-	X	-	n.i	n.i
	05	-	-	-	-	ossos pintados	X	-	n.i	n.i
	06	-	-	-	-	-	-	-	n.i	n.i
	07	-	-	-	-	-	X	-	circular	n.i
	08	-	conj. de quartzo	X	Contas de colar	ossos pintados	X	-	circular	n.i
	09	-	-	-	-	-	-	-	n.i	n.i
	10	-	-	-	-	-	-	-	circular	n.i
	11	-	ossos	-	-	ossos pintados	-	X	n.i	n.i
	12	-	-	-	-	-	-	-	n.i	n.i
	13	-	-	-	-	-	X	-	n.i	n.i
	14	-	-	-	-	-	X	-	n.i	n.i
	15	apito	-	-	-	X	-	X	n.i	n.i
	16	-	-	-	-	ossos pintados	X	-	n.i	n.i
	17	-	-	-	-	-	X	-	n.i	n.i
	18	-	-	-	-	-	-	-	n.i	n.i
	19	-	-	-	-	ossos pintados	n.i	-	circular	n.i
São José	05	-	-	-	-	-	-	-	circular	n.i
	06	-	-	-	-	-	-	-	circular	n.i
	07	-	-	-	-	-	-	-	circular	n.i
	08	-	-	-	-	-	-	-	circular	n.i
	17	-	-	-	-	-	-	-	circular	n.i



ANEXO 07 - ASPECTOS BIOLÓGICOS E OBSERVAÇÕES GERAIS

Nome do sítio	Número do enterramento	Aspectos biológicos		Observações
		Sexo	idade	
Sítio Abrigo da Lesma	Ent. 01	?	?	Ossos pouco conservados sem possibilidade de identificação
Sítio Alcobaça	Ent. 01	?	?	Ossos bastantes frag. sem possibilidade de identificação
	Ent. 02	?	?	Ossos bastantes frag. sem possibilidade de identificação
	Ent. 03	?	?	Ossos bastantes frag. sem possibilidade de identificação
	Ent. 04	?	?	Ossos bastantes frag. sem possibilidade de identificação
	Ent. 05	?	?	Ossos bastantes frag. sem possibilidade de identificação
Sítio Cana Brava	Ent. 01	?	Criança	Ossos bastantes frag. sem possibilidade de identificação
	Ent. 02	?	Criança	Urna composta de outra vasilha que lhe servia de tampa
	Ent. 03	?	Criança	Ossos bastantes frag.dos sem possibilidade de identificação
	Ent. 08	?	Criança	Urna composta de outra vasilha que lhe servia de tampa
	Ent. 10	n.i	n.i	Urna composta de outra vasilha que lhe servia de tampa
Sítio Cemitério do Caboclo	Conjunto funerário	?	?	
Sítio do Justino	Ent. 01		Adulto	
	Ent. 07			
	Ent. 09			
	Ent. 11			
	Ent. 22			
	Ent. 50	?	Adulto ?	
	Ent. 83	?	?	Ossos cortados e polidos
	Ent. 92	Feminino	?	
	Ent. 107	Masculino	Adulto ?	Ossos cortados e polidos
	Ent. 111	Masculino	?	
	Ent. 116			Cerâmica sobre crânio e bacia
	Ent. 118		Adulto ?	
	Ent. 119	?	Adulto?	Ossos de animais sobre o abdome
	Ent. 131	?	?	
Ent. 147	?	7 – 8 anos		

Continuação do anexo 07

Nome do sítio	Número do enterramento	Aspectos biológicos		Observações
		Sexo	idade	
Sítio Dunas de Zorobabel	Ent. 01	?	?	Ossos frag. sem possibilidade de identificação
	Ent. 02	?	?	Ossos frag. sem possibilidade de identificação
	Ent. 03	?	?	Ossos frag. sem possibilidade de identificação
	Ent. 04	?	?	Ossos frag. sem possibilidade de identificação
	Ent. 05	?	?	Ossos frag. sem possibilidade de identificação
	Ent. 06	?	?	Ossos frag. sem possibilidade de identificação
	Ent. 07	?	?	Ossos frag. sem possibilidade de identificação
	Ent. 08	?	?	Laje sobre o enterramento
	Ent. 09	?	?	Ossos frag. sem possibilidade de identificação
	Ent. 10	?	?	Ossos frag. sem possibilidade de identificação
Sítio Furna do Estrago	Ent. 02	feminino	20 anos	
	Ent. 03	?	?	
	Ent. 04	n.i	n.i	
	Ent. 05	masculino	?	
	Ent. 07	feminino	40 anos	
	Ent. 11	masculino	45 anos	
	Ent. 14	masculino	35-40 anos	
	Ent. 20	n.i	n.i	
	Ent. 35	?	Recém-nascido	
	Ent. 45	masculinos	25-30 anos	
Ent. 55	?	Criança		
Sítio Gruta do Padre	Conjunto Funerário	?	?	Ossos frag. sem possibilidade de identificação
Sítio Mirador de Parelhas	Conjunto Funerário	?	?	Esqueletos de criança
Sítio Pe 91- mxa	Conjunto Funerário	?	?	

Continuação do anexo 07

Nome do sítio	Número do enterramento	Aspectos biológicos		Observações
		Sexo	idade	
Sítio Pedra do Alexandre	Ent. 01	Masculinos (2)	22 anos; 11 anos; 9 meses; feto a termo	Enterramento ladeado por pedras
	Ent. 02	Masculino	18 anos	Pedras em cima dos enterramentos
	Ent. 03	Masculino	5 anos ±16 meses	Enterramento ladeado por pedras
	Ent. 04	Feminino	30 a 35 anos	Pedras em cima dos membros inferiores
	Ent. 05	?	18 meses±6 meses	Enterramento ladeado por pedras
	Ent. 06	Imaturo	-	-
	Ent. 07	?	4 anos 2 anos	Enterramento ladeado por pedras
	Ent. 08	?	12 meses	Enterramento ladeado por pedras
	Ent. 09	Masculino	22 anos	Não aparecem pedras nas estruturas de cova
	Ent. 10	Feminino	55 anos	Não aparecem pedras nas estruturas de cova
	Ent. 11	?	?	Não aparecem pedras nas estruturas de cova
	Ent. 12	?	Adulto ?	Não aparecem pedras nas estruturas de cova
	Ent. 13	?	Adulto ?	Enterramento ladeado por pedras
	Ent. 14	n.i	n.i	Enterramento ladeado por pedras
	Ent. 15	Masculino (2)	?	Enterramento ladeado por pedras
	Ent. 16	?	1 ano	Enterramento ladeado por pedras
	Ent. 17	?	?	Enterramento ladeado por pedras
	Ent. 18	?	?	
	Ent. 19	?	Criança	
Sítio São José	Ent. 05	n.i	n.i	
	Ent. 06	Masculino	18-21 anos	
	Ent. 07	n.i	n.i	
	Ent. 08	n.i	n.i	
	Ent. 17	n.i	n.i	Ossos com arrumação circular

Continuação do anexo 07

Nome do sítio	Número do enterramento	Aspectos biológicos		Observações
		Sexo	idade	
Sítio Toca da Baixa dos Caboclos	Ent. 01	?	criança	
	Ent. 02	?	criança	A urna parece ter sido colocada sobre superfície em combustão
	Ent. 03	?	?	Ossos bastantes frag. sem possibilidade de identificação
	Ent. 04	?	?	Ossos bastantes frag. sem possibilidade de identificação
	Ent. 05	?	?	Ossos bastantes frag. sem possibilidade de identificação
	Ent. 06	Masculino	Adulto ?	Esqueleto faltava o crânio
	Ent. 07	Masculino	Adulto ?	A urna havia sido quebrada
	Ent. 08	?	Criança ?	
Sítio Toca do Bojo	Ent. 01	?	Adulto ?	Sobre a laje que forma a cova existia resto de pigmento
Sítio Toca do Gongo I	Ent. 01	?	?	
	Ent. 02	?	?	
	Ent. 03	?	?	
	Ent. 04	?	?	
	Ent. 05	?	?	
	Ent. 06	?	?	
Sítio Toca do Paraguai	Ent. 01	?	?	
	Ent. 02	?	?	
Sítio Toca dos Coqueiros	Ent. 01	Feminino	?	O crânio ainda conservava a cabeleira e parte da pele
Sítio Toca dos Ossos Humanos	Ent. 01	masculino	30-35 anos	
Sambaqui de Pedra Oca	Ent. 01	n.i	n.i	Esqueleto depositado sobre camada de cinzas, mão esquerda sobre a mandíbula
Sambaqui de Maiobinha	Ent. 01	feminino	Adulto ?	
	Ent. 02	?	Criança ?	

